O VERDADEIRO OBJETIVO DA VIDA

J. Krishnamurti

CULTRIX

J. KRISHNAMURTI

Z.C.

O VERDADEIRO OBJETIVO DA VIDA

Tradução
JAMIR MARTINS



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

SUMÁRIO

Introdução do Autor 7

PRIMEIRA PARTE

Capítulos I – XIX 27

SEGUNDA PARTE

Capítulos I – IV 147

Índice das Perguntas

Primeira Parte 179

Segunda Parte 182

Glossário 185

ÍNDICE DAS PERGUNTAS

Primeira Parte

Capítulos			Página
II		Como adquirir o hábito de não ter medo?	35
III	(a)	Como ser inteligente?	40
	(b)	Todo mundo sabe que todos nós vamos morrer. Por que tememos a morte?	41
	(c)	Como podemos viver felizes?	41
IV	(a)	É prático um homem libertar-se de toda sensação de medo e ao mesmo tempo permanecer na sociedade?	45
	(b)	Que é Deus?	45
	(c)	Podemos tomar consciência de nossos desejos inconscientes?	46
	(d)	Por que algumas pessoas nascem em situação de pobreza, ao passo que outras são ricas e abastadas?	47
	(e)	Deus é um homem, uma mulher, ou algo completamente misterioso?	48
V	(a)	Como podemos ter nossas mentes livres quando vivemos numa sociedade cheia de tradições?	51
	(b)	Já que somos criados numa sociedade baseada no medo, como nos será possível ficar livres dele?	52
	(c)	O que é a verdadeira liberdade e como conquistá-la?	53
VI	(a)	Por que temos medo, mesmo sabendo que Deus nos protege?	57
	(b)	O que é a sociedade?	58
	(c)	Podemos ser livres mesmo vivendo nesta sociedade?	59
	(d)	Por que as pessoas querem viver em sociedade quando podem viver isoladas?	60

	(e)	Já que sempre estamos relacionados uns com os outros, não é certo que nunca poderemos ser absolutamente livres?	60
	(f)	Como podemos ser livres quando nossos pais dependem de nós em sua velhice?	61
	(g)	Seria digno de nossa parte permitir que nossos pais passassem fome?	61
VII	(a)	Se alguém tiver a ambição de ser engenheiro, significará isto que está interessado em engenharia?	67
	(b)	Qual é o meio mais fácil de encontrar Deus?	67
	(c)	Deus está em toda parte?	68
	(d)	Qual é o verdadeiro objetivo da vida?	69
	(e)	Se eu desenvolver influências superiores terminarei por ver o princípio fundamental?	70
VIII	(a)	Por que há tristeza e miséria no mundo?	74
	(b)	Se um homem está passando fome e eu sinto que posso ajudá-lo, é isso ambição ou amor?	75
	(c)	Se eu alivio a fome dele com a minha ajuda, isso não é amor?	75
	(d)	Suponha que eu queira ir para casa e o Diretor não deixe. Se eu desobedecer, terei de enfrentar as conseqüências. Se obedecer, ficarei com o coração partido. Que devo fazer?	76
	(d)	Por que não devemos fazer *puja?*	76
IX	(a)	O que devemos pedir a Deus?	81
	(b)	O que é a verdadeira grandeza e como poderei ser grande?	82
	(c)	O amor não se baseia em atração?	82
	(d)	O que é a oração? Tem ela alguma importância na vida cotidiana?	83
X	(a)	Por que sentimos orgulho quando somos bem-sucedidos?	86
	(b)	Como podemos nos livrar do orgulho?	87
	(c)	Como pode uma coisa bonita representar uma alegria para sempre?	88
	(d)	Por que os pobres são felizes e os ricos infelizes?	89
	(e)	Embora haja progresso em diferentes direções, por que não há fraternidade?	90

XII (a) O que é o amor em si mesmo? 97
(b) O que é religião? 98
(c) Se alguém é infeliz e deseja ser feliz, isso é ambição? 99

XIII (a) A beleza é subjetiva ou objetiva? 102
(b) Por que os fortes eliminam os fracos? 103
(c) É certo que as descobertas científicas tornam nossa vida mais fácil? 104
(d) O que é a morte? 104

XIV (a) A verdade é relativa ou absoluta? 109
(b) O que é percepção exterior? 110
(c) O que é a verdadeira, a eterna felicidade? 111
(d) Por que as pessoas desejam coisas? 112

XV (a) A inteligência constrói o caráter? 116
(b) Por que um homem fica perturbado quando outra pessoa olha intencionalmente para ele? 118
(c) Não podemos cultivar a compreensão? Quando constantemente procuramos entender, não quer isto dizer que estamos praticando a compreensão? 118
(d) O poder de compreensão é o mesmo em todas as pessoas? 119
(e) Não podemos eliminar as barreiras aos poucos, procurando constantemente entender? 119

XVI (a) Qual é o propósito da criação? 123
(b) O que é *karma*? 124
(c) Há um elemento de medo no respeito? 125

XVII (a) Por que nos sentimos inferiores perante os nossos superiores? 129
(b) Será possível ter paz em nossas vidas quando a todo momento estamos lutando contra o nosso ambiente? 130
(c) Por que sofremos? Por que não podemos libertar-nos das doenças e da morte? 131

XVIII O que é obediência? Devemos obedecer uma ordem mesmo sem compreendê-la? 135

XIX (a) A sociedade baseia-se em nossa interdependência. O médico depende do agricultor, e o agricultor depende

do médico. Como então pode alguém ser completamente independente? 141
(b) Por que a verdade é intragável? 142
(c) Até agora nossos professores têm sido muito seguros e nos têm ensinado da maneira usual; mas após ouvir o que tem sido dito aqui, e depois de participar dos debates, eles se tornaram muito inseguros. Um aluno inteligente saberá conduzir-se sob essas circunstâncias; mas o que será daquele que não for inteligente? 142
(d) O agricultor depende do médico para a cura da dor física. Isso também é um relacionamento dependente? 143

Segunda Parte

Capítulos Página

I (a) Tenho tudo para ser feliz, enquanto que outros não têm. Por que isso é assim? 151
(b) Qual é o meio de nos livrarmos do medo que sentimos? 152
(c) O senhor disse que se os pais realmente amarem os filhos, eles não os impedirão de fazer coisa alguma. Mas se o filho não quiser lavar-se ou se ele quiser comer alguma coisa que lhe faça mal à saúde, não deverão impedir? 154
(d) Não é importante ter ideais na vida? 155
(e) Se somos pequenos, como poderemos criar um mundo novo? 156
(f) Qual deve ser o sistema de educação para levar a criança a não ter medo? 156
(g) Será possível conhecer a qualidade do ouro sem testá-lo de algum modo? Assim, pode-se conhecer a capacidade de cada criança sem submetê-la a algum tipo de exame? 157
(h) Qual é a sua idéia de um novo mundo? 157
(i) Como podemos criar alguma coisa nova se não soubermos o que desejamos criar? 158
(j) Devem as crianças levar todas essas coisas a sério? E se o fizerem, ficarão algum dia livres para regalar-se? 158

II (a) Em seu livro sobre educação, o senhor sugere que a educação moderna é um fracasso completo. Gostaria que explicasse isso. 163
(b) Posso saber por que não devemos nos ajustar aos planos de nossos pais, já que eles sempre desejam o nosso bem? 163
(c) O senhor diz que a moderna educação é um fracasso. Mas se os políticos não tivessem sido educados, o senhor acha que eles poderiam ter criado um mundo melhor? 164
(d) Então, qual é a sua idéia do tipo certo de educação? 164
(e) Se eu quiser o tipo certo de educação, precisarei de professores? 165
(f) Se todas as ambições são estúpidas, então como pode o homem progredir? 166
(g) Tenho uma amiga que odeia os próprios pais porque eles a separaram de uma pessoa que ela ama. Como posso ajudá-la? 167
(h) Qual é a definição de estudante? 167
(i) O senhor diz que todo idealista é um hipócrita. A quem chama de idealista? 168

III (a) Se todos fôssemos educados de forma correta, estaríamos livres do medo? 170
(b) O senhor disse que ser ambicioso é ser estúpido e cruel. Será então estúpido e cruel ter a ambição de obter o tipo certo de educação? 171
(c) Quando alguém deseja encontrar a verdade e a paz torna-se um *sannyasi*. Então um *sannyasi* tem simplicidade, não tem? 172
(d) Se somos educados da maneira certa, ficamos livres do medo; e se somos educados da maneira errada, temos medo. É isso o que o senhor quer dizer? 172
(e) Se, como o senhor diz, todo mundo tem medo, então não há ninguém que seja santo ou herói. Então quer dizer que não há grandes homens neste mundo? 172
(f) O senhor disse que a explicação é uma coisa ruim. Nós viemos aqui em busca de explicações. Isso é mau? 172
(g) Qual é a sua idéia acerca do futuro da Índia? 173

(h) O senhor diz que neste mundo há pouca gente grande. Então o que o senhor é? 173
(i) Nós lemos livros por curiosidade. Quando o senhor era jovem também não era curioso? 174
(j) Não devemos nos preocupar com o futuro? 174
(l) Quando somos crianças somos muito brincalhões, e nem sempre sabemos o que nos convém. Se um pai aconselha o filho para o próprio bem deste último, não deverá o filho atender ao conselho paterno? 174
(m) O senhor já disse que o idealista é um hipócrita. Se quisermos construir um edifício, precisamos primeiro ter uma idéia dele. Da mesma forma, não precisaremos primeiro ter um ideal antes de podermos criar um novo mundo? 175
(n) Ao objetivar o bem-estar de nosso país, não estamos indiretamente objetivando o bem-estar da humanidade em geral? Estará ao alcance do homem comum objetivar diretamente o bem-estar da humanidade? 175

GLOSSÁRIO

Bhagavad-Gîtâ – Literalmente, "O Cântico de Deus", o evangelho sagrado do hinduísmo.

Coolie – Trabalhador oriental.

Corão/Alcorão – Escritura sagrada dos muçulmanos.

Ghat (crematório) – Na Índia, *ghat* é um lugar, geralmente com degraus, onde as pessoas descem a um rio ou lago, quase sempre para se banhar. Os *ghats* crematórios são reservados para a cremação de corpos, de modo que o cortejo fúnebre possa ter acesso às águas para as purificações e para a eliminação das cinzas.

Guru – Mestre ou instrutor espiritual.

Karma – Cadeia de causa e efeito, que opera no mundo moral.

Mantram – Verso ou hino sagrado.

Nirvana – Estado de iluminação espiritual. De acordo com o budismo, o Nivarna liberta o homem do ciclo de nascimento, sofrimento e morte, bem como de todas as outras formas de escravidão terrena.

Puja – Ritual de adoração hindu.

Pundit – Brâmane douto, especialmente o versado nas doutrinas e tradições sânscritas dos hindus.

Sadhu – Monge ou homem santo hindu.

Sannyasi – Monge que professou os últimos votos de renúncia, segundo os ritos hindus.

Sari – A vestimenta das mulheres hindus.

Swami – Mestre ou instrutor religioso.

Upanishads – A filosofia sagrada do hinduísmo.

INTRODUÇÃO

Parece-me que um tipo de moralidade e conduta, totalmente diferente, e uma ação que se origine da compreensão de todo o processo da vida, se tornaram uma necessidade urgente em nosso mundo de crises e problemas cada vez maiores. Tentamos enfrentar essas questões por meio de métodos políticos e organizacionais, através de reajustes econômicos e de várias reformas; mas nenhuma dessas coisas jamais resolverá as complexas dificuldades da existência humana, embora possam proporcionar alívio temporário. Todas as reformas, por mais extensas e aparentemente duradouras que sejam, apenas produzem, em si mesmas, mais confusão e mais necessidades de reformas. Sem compreender toda a complexa natureza humana, simples reformas suscitarão apenas a exigência confusa de mais reformas. Não há limite para se reformar; e não há solução fundamental nessa direção.

As revoluções políticas, econômicas e sociais também não dão a solução desejada, pois têm produzido terríveis tiranias ou a mera transferência do poder e da autoridade para as mãos de grupos diferentes. Tais revoluções não representam, de modo algum, a saída para a nossa confusão e para o nosso conflito.

Mas há uma revolução totalmente diferente e que *precisa* ser levada a cabo para podermos emergir da série infindável de ansiedades, conflitos e frustrações em que estamos enredados. Essa revolução precisa começar, não com teoria e ideação, que acabam por revelar-se inúteis, mas sim com uma transformação radical na própria mente. Essa transformação só pode ser realizada por meio da educação certa e do desenvolvimento total do ser humano. Trata-se de uma revolução que precisa ocorrer na totalidade da mente e não apenas no pensamento. O pensamento, afinal de contas, é apenas o resultado e não a fonte. É preciso que haja uma transformação radical na fonte, e não uma simples modificação do resultado. Atualmente, estamos trabalhando

com resultados, com sintomas. Não estamos produzindo nenhuma mudança vital, não estamos eliminando pela raiz os antigos modos de pensamento, nem libertando a mente de hábitos tradicionais. É a esta transformação vital que nos referimos, e só uma educação correta pode produzi-la.

Inquirir e aprender é função da mente. Por aprender não me refiro simplesmente ao cultivo da memória ou ao acúmulo de conhecimentos, mas sim à capacidade de pensar de forma clara e sã, sem ilusões, e de partir de fatos e não de crenças e ideais. Não há aprendizagem quando o pensamento se origina de conclusões. O simples adquirir informação ou conhecimento não é aprender. A aprendizagem implica o amor de compreender e o amor de fazer uma coisa por si mesma. A aprendizagem só é possível quando não há nenhum tipo de coerção. E a coerção assume muitas formas, não é verdade? Há coerção por meio de influência, por meio de ameaça ou de apego, por meio de encorajamento persuasivo ou de formas sutis de recompensa.

A maioria das pessoas pensa que a aprendizagem é encorajada através de comparações, ao passo que a verdade é precisamente o contrário disso. As comparações produzem decepções e só estimulam a inveja, que se chama competição. Como outras formas de persuasão, a comparação impede a aprendizagem e produz o medo. A ambição também provoca medo. A ambição, seja pessoal ou identificada com o coletivo, é sempre anti-social. A assim chamada ambição nobre no relacionamento é fundamentalmente destrutiva.

É necessário encorajar o desenvolvimento de uma boa mente — uma mente capaz de lidar com as muitas questões da vida como um todo, e que não procure escapar das mesmas, e, desse modo, tornar-se contraditória, frustrada, amargurada ou cínica. E é essencial que a mente tome consciência de seu próprio condicionamento, de suas próprias motivações e objetivos.

Visto que o desenvolvimento de uma boa mente é uma de nossas principais preocupações, a forma de ensinar torna-se muito importante. É preciso cultivar a totalidade da mente, e não a mera transmissão de informações. No processo de comunicação de conhecimento, o educador tem de convidar os estudantes à discussão e estimulá-los a inquirir e a pensar de forma independente.

A autoridade, como "aquele que sabe", não tem lugar no processo da aprendizagem. Tanto o educador como o estudante estão aprendendo, através de seu relacionamento especial um com o outro; mas isso não quer dizer que o educador não deva levar em conta a boa ordem do pensamento. Essa boa ordem não é produzida por meio de disciplina, sob a forma de afirmações convictas de conhecimento; mas ela ocorre naturalmente, quando o educador compreende que, ao cultivar a inteligência, é preciso haver uma sensação de liberdade. Isto não quer dizer liberdade para fazer o que se quiser, ou de pensar com espírito de mera contradição. Trata-se da liberdade em que o estudante é ajudado a tomar consciência de suas próprias necessidades e motivações, que lhe são reveladas através de seu pensamento e ação diários.

Uma mente disciplinada nunca é uma mente livre, nem pode ser livre a mente que suprimiu o desejo. Só através da compreensão de todo o processo do desejo é que a mente pode ser livre. A disciplina sempre limita a mente a um movimento dentro do quadro de um sistema particular de pensamento ou de crença, não é verdade? E essa mente nunca é livre para ser inteligente. A disciplina acarreta submissão à autoridade. Ela proporciona a capacidade de agir de acordo com o modelo de uma sociedade que exige capacidade funcional, mas não desperta a inteligência que tenha capacidade própria. A mente que não cultivou nada, senão a capacidade através da memória, é como o moderno computador eletrônico que, embora funcione com assombrosa capacidade e precisão, continua sendo apenas uma máquina. A autoridade pode persuadir a mente a pensar em certa direção. Mas ser guiado a pensar de uma determinada maneira, ou em termos de uma conclusão prévia não é absolutamente pensar; é apenas funcionar como uma máquina humana, o que produz irrefletido descontentamento, acarretando decepção e outras misérias.

Estamos interessados no desenvolvimento total de cada ser humano, ajudando-o a compreender a sua mais alta e mais plena capacidade – não alguma capacidade fictícia que o educador tenha em mente sob a forma de um conceito ou de um ideal. Qualquer espírito de comparação impede esse florescimento pleno do indivíduo, seja ele um cientista ou um jardineiro. A plena capacidade do jardineiro é idêntica à plena capacidade do cientista, quando não há comparação; mas, quando são feitas comparações, surgem o desprezo e as reações inve-

josas que criam conflitos entre os homens. Como a tristeza, o amor não é coisa para se comparar; não pode ser comparado com um amor maior ou menor. A tristeza é tristeza, como o amor é amor, ocorra ela entre ricos ou pobres.

O pleno desenvolvimento de cada indivíduo cria uma sociedade igualitária. A atual luta social no intuito de produzir a igualdade no nível econômico ou em algum nível espiritual não tem absolutamente sentido. As reformas sociais procuram estabelecer a igualdade, e só produzem outras tantas formas de atividade anti-social; mas, com uma educação correta, não haverá necessidade de buscar a igualdade por meio de reformas sociais ou de outras reformas, porque a inveja, com sua comparação de capacidades, deixa de existir.

Cumpre aqui fazer uma distinção entre função e *status*. O *status*, com todo o seu prestígio emocional e hierárquico, surge apenas da comparação de funções como sendo altas ou baixas. Quando cada indivíduo floresce até sua capacidade plena, passa a não haver comparação de funções; há apenas a expressão de sua capacidade como professor, como primeiro-ministro, ou como jardineiro, e assim o *status* perde seu aguilhão de inveja.

A capacidade funcional ou técnica agora é reconhecida por se ter um título junto do próprio nome; mas se estivermos realmente interessados no desenvolvimento total do ser humano, nosso enfoque precisa ser completamente diferente. O indivíduo que tem capacidade pode graduar-se e apor o devido título ao seu nome, ou deixar de fazê-lo, como quiser. Mas ele conhecerá, por si mesmo, suas profundas aptidões, que não serão limitadas por um título, e a expressão delas não acarretará aquela confiança autocentrada que a mera capacidade técnica normalmente produz. Tal confiança é comparativa e portanto anti-social. A comparação pode existir para fins utilitários; mas o educador não deve comparar as capacidades de seu alunos nem dar-lhes maior ou menor apreço.

Como estamos interessados no desenvolvimento total do indivíduo, não convém permitir ao aluno que, no início, escolha suas próprias matérias de estudo, porque sua escolha pode basear-se em um entusiasmo passageiro ou em preconceitos, ou ele pode estar motivado apenas a encontrar a coisa mais fácil de fazer; ou, ainda, pode fazer uma escolha baseada nas exigências imediatas de uma necessidade es-

pecífica. Mas, se o ajudarmos a descobrir por si mesmo e a cultivar suas capacidades inatas, então ele escolherá com naturalidade, não as matérias mais fáceis, mas aquelas através das quais possa exprimir suas capacidades no mais alto grau e mais plenamente. Se o aluno for ajudado, desde o princípio, a encarar a vida como um todo, com todos os seus problemas psicológicos, intelectuais e emocionais, não ficará amedrontado com ela.

A inteligência é a capacidade de encarar a vida como uma totalidade; e dar notas ou letras ao aluno não assegura inteligência. Ao contrário, degrada a dignidade humana. Essa avaliação comparativa paralisa a mente – o que não quer dizer que o professor não deva observar o progresso do estudante e manter o registro desse progresso. Os pais, naturalmente ansiosos por saber do progresso dos filhos, desejarão ter um relatório; mas se, infelizmente, eles não puderem entender o que o educador está procurando fazer, esse relatório tornar-se-á um instrumento de coerção no sentido de produzir os resultados que eles desejam, e desse modo anulará o trabalho do educador.

Os pais precisam entender o tipo de educação que a escola tenciona proporcionar. Em geral eles se satisfazem em ver os filhos sendo preparados para obter um diploma que lhes assegure a sobrevivência. Muito poucos estão interessados em algo mais que isso. É claro que desejam ver os filhos felizes; mas, além desse vago desejo, bem poucos fazem qualquer tipo de reflexão acerca do desenvolvimento total deles. Visto que a maioria dos pais deseja, acima de tudo, que seus filhos tenham uma carreira de sucesso, eles os ameaçam ou os induzem afetuosamente a adquirir conhecimento, e assim o livro se torna muito importante; com isso, vem o mero cultivo da memória, a mera repetição, sem a qualidade do verdadeiro pensamento por trás dela.

Talvez a maior dificuldade que o educador tenha de enfrentar seja a indiferença dos pais com relação a uma educação mais ampla e mais profunda. A maioria dos pais está interessada apenas no cultivo de algum conhecimento superficial, que assegure a seus filhos posições respeitáveis numa sociedade corrupta. Assim sendo, o educador não só tem de educar as crianças da maneira certa, como ainda precisa evitar que os pais anulem qualquer benefício porventura produzido na escola. Na verdade, a escola e o lar devem ser centros conjuntos da educação correta, não devendo, de modo algum, opor-se um ao

outro, desejando os pais uma coisa e fazendo o educador algo inteiramente diferente. É muito importante que os pais estejam plenamente familiarizados com o que o educador estiver fazendo e, bem assim, que estejam vitalmente interessados no desenvolvimento total de seus filhos. Tanto é responsabilidade dos pais que êsse tipo de educação seja levado a efeito como dos professores, cujo encargo já é suficientemente pesado. O total desenvolvimento da criança só pode ocorrer quando houver um relacionamento correto entre professor, aluno e pais. Como o educador não pode ceder às fantasias passageiras ou às exigências obstinadas dos pais, é necessário que estes compreendam o educador e com ele cooperem, não provocando conflito e confusão em seus filhos.

A natural curiosidade da criança, seu anseio por aprender, existe desde o início, e certamente isso deve continuar a ser inteligentemente encorajado de modo a permanecer vital e sem distorções, levando a criança gradualmente a estudar uma variedade de matérias. Se essa ânsia de saber for encorajada em todas as oportunidades, o estudo da matemática, da geografia, da história, da ciência, ou de qualquer outra matéria, não será problema para a criança nem para o educador. A aprendizagem é facilitada quando há uma atmosfera de afeição feliz e de consideração humana.

Franqueza emocional e sensibilidade só podem ser cultivadas quando o estudante se sente seguro em seu relacionamento com os professores. A sensação de segurança nos relacionamentos é uma necessidade primordial da criança. Há grande diferença entre a sensação de segurança e a sensação de dependência. Conscientemente ou não, a maioria dos educadores cultiva a sensação de dependência, e desse modo encoraja sutilmente o medo — o que os pais também fazem, à sua própria maneira, afetuosa ou agressiva. A dependência na criança é proporcionada mediante asserções autoritárias ou dogmáticas por parte dos pais e dos professores no tocante ao que a criança deva ser ou fazer. Com a dependência sempre há a sombra do medo, e esse medo obriga a criança a obedecer, a conformar-se, a aceitar sem discutir os editos e as sanções de seus maiores. Nessa atmosfera de dependência, a sensibilidade é esmagada; mas quando a criança sabe e sente que está segura, seu desenvolvimento emocional não é distorcido pelo medo.

Essa sensação de segurança por parte da criança não é o oposto de insegurança. É a sensação de estar à vontade, seja no lar ou na escola; a sensação de que ela pode ser o que ela é, sem sofrer nenhum tipo de compulsão; de que pode trepar numa árvore e não ser recriminada se cair. Ela só pode ter essa sensação de segurança quando seus pais e educadores estiverem profundamente interessados em seu bem-estar total.

É importante que numa escola a criança se sinta à vontade, completamente segura, desde o primeiro dia de aula. Essa primeira impressão é da mais alta importância. Mas se o educador tentar artificialmente, por vários meios, conquistar-lhe a confiança, e permitir que ela faça o que quiser, estará então cultivando a dependência; ele não estará dando à criança a sensação de segurança, a sensação de estar num lugar onde há pessoas profundamente interessadas em seu bem-estar total.

O primeiro impacto desse novo relacionamento baseado na confiança, que a criança talvez nunca tenha tido antes, ajudará a promover uma comunicação natural, sem que os jovens encarem os mais velhos como uma ameaça a recear. Uma criança que se sinta segura tem seus próprios meios naturais de exprimir o respeito, que é essencial ao aprendizado. O respeito é isento de toda autoridade e de todo medo. Quando ela tem a sensação de segurança, sua conduta não é algo imposto por uma pessoa mais velha, mas torna-se parte do processo de aprendizagem. Como se sente segura em seu relacionamento com o professor, ela naturalmente sentirá consideração por ele; e é somente nessa atmosfera de segurança que podem florescer a franqueza emocional e a sensibilidade. Estando à vontade, sentindo-se segura, a criança fará o que melhor lhe parecer; mas, ao fazê-lo, descobrirá qual é a coisa certa a fazer, e sua conduta, então, não se deverá à resistência ou à obstinação, nem à supressão de sentimentos ou à mera expressão de uma necessidade momentânea.

Ter sensibilidade significa ser sensível a tudo o que nos cerca — às plantas, aos animais, às árvores, ao céu, às águas do rio, aos pássaros; e também ao estado de humor das pessoas que nos cercam, e aos estranhos pelos quais passamos. Esta sensibilidade acarreta a qualidade de reação não calculada, não egoísta, que é a verdadeira moral e a verdadeira conduta. Sendo sensível, a criança será franca, não será retraída em sua conduta; portanto, uma simples sugestão por parte do professor será aceita com facilidade, sem resistência nem atrito.

Como estamos interessados no desenvolvimento total do ser humano, precisamos compreender seus impulsos emocionais, que são muito mais fortes que as racionalizações do intelecto; devemos cultivar a capacidade emocional, e não ajudar a suprimi-la. Quando compreendemos e somos, portanto, capazes de lidar tanto com as questões emocionais como com as questões intelectuais, não haverá sensação de medo ao abordá-la.

Para o total desenvolvimento do ser humano, a solidão como meio de cultivar a sensibilidade se impõe. É preciso que se saiba o que significa estar só, o que significa meditar, o que significa morrer; e as implicações da solidão, da meditação, da morte só podem ser conhecidas se as procurarmos. Essas implicações não podem ser ensinadas, mas precisam ser aprendidas. Podemos indicá-las, mas a aprendizagem por meio de indicações não representa a experiência da solidão ou da meditação. Para vivenciar o que seja solidão e o que seja meditação, precisamos estar em estado de busca; só a mente que está em estado de busca é capaz de aprender. Mas quando a busca é suprimida pelo conhecimento antecipado, ou pela autoridade e experiência de outrem, então a aprendizagem não se torna uma simples imitação, e a imitação faz o ser humano repetir o que é aprendido, sem vivenciá-lo.

Ensinar não é simplesmente comunicar informação; é, isto sim, o cultivo de uma mente inquisitiva. Tal mente penetrará a questão do que seja religião, e não se limitará a aceitar as religiões estabelecidas, com seus templos e rituais. A busca de Deus ou da verdade, ou que nome tenha — e não a mera aceitação da crença e do dogma — é que é a verdadeira religião.

Assim como o aluno escova os dentes todos os dias, toma banho todos os dias, aprende novas coisas todos os dias, assim também deve ocorrer a ação de sentar-se em silêncio com os outros ou sozinho. Esta solidão não pode ser produzida mediante instrução, nem pode ser pressionada pela autoridade externa da tradição, ou induzida pela influência daqueles que querem sentar-se e permanecer em silêncio, mas são incapazes de estar sós. A solidão ajuda a mente a se ver com clareza, como num espelho, e a libertar-se do vão esforço da ambição, com todas as suas complexidades, medos e frustrações, que são o resultado da atividade centrada em si mesma. A solidão dá à mente uma estabilidade, uma constância que não deve ser medida em termos de tem-

po. Essa clareza mental constitui o caráter. A falta de caráter é o estado de autocontradição.

Ser sensível é amar. A palavra "amor" não é amor. E o amor não deve ser dividido em amor a Deus e amor aos homens, nem deve ser medido como amor a um e amor a muitos. O amor dá-se a si mesmo abundantemente, como uma flor dá o seu perfume; mas sempre estamos medindo o amor em nosso relacionamento e, desse modo, destruindo-o.

O amor não é um bem de consumo do reformador ou do assistente social; não é um instrumento político com que se crie uma ação. Quando o político e o reformador falam de amor, eles estão usando a palavra e não tocando na realidade expressa por ela; pois o amor não pode ser empregado como um meio para atingir determinado fim, seja num futuro imediato, seja num futuro distante. O amor é de toda a Terra e não de um campo ou de uma floresta em particular. O amor da realidade não é abrangido por nenhuma religião; e quando as religiões organizadas o usam, ele deixa de existir. As sociedades, as religiões organizadas e os governos autoritários, diligentes em suas várias atividades, sem o saber destroem o amor, que se transforma em paixão ativa.

No desenvolvimento total do ser humano, através da educação certa, a qualidade de amor precisa ser nutrida e sustentada desde o início. Amor não é sentimentalismo nem devoção. Ele é tão forte como a morte. O amor não pode ser comprado com o conhecimento; e uma mente que esteja buscando o conhecimento, sem amor, é cruel e objetiva apenas a eficiência.

Assim sendo, o educador deve preocupar-se desde o começo com essa qualidade de amor, que é humildade, delicadeza, consideração, paciência e cortesia. A modéstia e a cortesia são naturais no homem que tem a educação correta; ele tem consideração por tudo, inclusive por animais e plantas, e isto se reflete em seu comportamento e em sua maneira de falar.

A ênfase nessa qualidade de amor liberta a mente, impedindo que ela fique absorvida por sua ambição, cupidez e consumismo. Porventura não tem o amor um refinamento que se exprime como respeito e bom-gosto? Não acarreta ele, igualmente, a purificação da mente, que de outro modo tenderia a enrijecer-se na soberba? O aprimora-

mento do comportamento não é um ajuste auto-imposto, nem é o resultado de alguma exigência exterior; ele ocorre espontaneamente com essa qualidade de amor. Quando há a compreensão do amor, então o sexo e todas as complicações e sutilezas do relacionamento humano podem ser abordados de maneira sadia e não com excitação e apreensão.

O educador, para quem o total desenvolvimento do ser humano é de primordial importância, precisa entender as implicações do impulso sexual, que representa um papel tão importante em nossa vida, e ser capaz, desde o início, de enfrentar a natural curiosidade das crianças, sem suscitar um interesse mórbido. Simplesmente comunicar informação biológica ao adolescente pode levar à luxúria experimental, se a qualidade do amor não for sentida por ele. O amor limpa a mente do mal. Sem amor e entendimento por parte do educador, o simples ato de separar os meninos das meninas, seja por arame farpado ou por editos, só lhes fará aumentar a curiosidade e estimular essa paixão que está fadada a degenerar em mera saciedade. Por isso, é importante que meninos e meninas sejam educados juntos, de maneira correta.

Essa qualidade de amor deve exprimir-se também no fazer coisas com as próprias mãos, como jardinagem, carpintaria, pintura, artesanato; e através dos sentidos, observando as árvores, as montanhas, as riquezas da terra, a pobreza que os homens criaram entre si; e ouvindo a música, o canto dos pássaros, o murmúrio de águas correntes.

Não estamos interessados apenas no cultivo da mente e em acordar a sensibilidade emocional, mas também num desenvolvimento equilibrado do físico, e precisamos considerar isto seriamente. Porquanto, se o corpo não for saudável, viçoso, ele inevitavelmente distorcerá o pensamento e favorecerá a insensibilidade. Isso é tão óbvio que nem precisamos entrar em detalhes. É necessário que o corpo esteja em excelentes condições, que ele receba o tipo certo de alimentação e tenha o sono suficiente. Se os sentidos não estiverem alerta, o corpo impedirá o total desenvolvimento do ser humano. Para se ter graça de movimentos e controle bem-equilibrado dos músculos, é preciso praticar vários tipos de exercícios, de dança e de jogos. Um corpo que não é mantido limpo, que é negligenciado e que não mantém boa postura não pode conduzir à sensibilidade da mente e das emoções. O corpo não é instrumento da mente; mas corpo, emoções e mente constituem

o ser humano total e, a não ser que vivam juntos e harmoniosamente, o conflito é inevitável.

O conflito leva à insensibilidade. A mente pode dominar o corpo e suprimir os sentidos mas, desse modo, torna o corpo insensível; e um corpo insensível torna-se um obstáculo ao pleno vôo da mente. A mortificação do corpo absolutamente *não* leva à busca das camadas mais profundas da consciência; pois isso só é possível quando mente, emoções e corpo não estão em contradição entre si, mas estão integrados e em uníssono, sem esforço e sem que sejam forçados por qualquer conceito, crença ou ideal.

No cultivo da mente, nossa ênfase não deve estar na concentração, mas na atenção. A concentração é um processo de forçar a mente a focalizar-se num ponto, ao passo que a atenção não tem fronteiras. Nesse processo, a mente é sempre limitada por uma fronteira ou limite; mas, quando nossa preocupação está em entender a totalidade da mente, a mera concentração torna-se um obstáculo. A atenção não tem limites; ela está livre das fronteiras do conhecimento. O conhecimento ocorre através da concentração, e qualquer extensão de conhecimento ainda está situada dentro de suas próprias fronteiras. No estado de atenção, a mente pode usar e usa o conhecimento, o qual é, necessariamente, resultado da concentração; mas a parte nunca é o todo, e a soma das várias partes não produz a percepção do todo. O conhecimento, que é o processo aditivo da concentração, não acarreta a compreensão do imensurável. O total nunca pode ser abrangido por uma mente concentrada.

Assim sendo, a atenção é de primordial importância, mas ela não ocorre por meio do esforço da concentração. A atenção é um estado em que a mente está sempre aprendendo, sem um centro em torno do qual o conhecimento gravite como experiência acumulada. Uma mente concentrada em si mesma usa o conhecimento como meio para promover sua própria expansão; e essa atividade se torna contraditória e anti-social.

Só é possível aprender, no verdadeiro sentido da palavra, nesse estado de atenção, em que não há compulsão exterior nem interior. O reto pensar só pode ocorrer quando a mente não está escravizada pela tradição ou pela memória. É a atenção que permite que o silêncio sobrevenha à mente, o que representa a abertura da porta para a criação. Eis aí por que a atenção é da mais alta importância.

O conhecimento é necessário no nível funcional como meio de cultivar a mente, e não como um fim em si mesmo. Estamos interessados não no desenvolvimento de apenas uma capacidade, como, por exemplo, a de um matemático ou de um cientista ou de um músico, mas no desenvolvimento total do estudante como ser humano.

Como suscitar o estado de atenção? Ele não pode ser cultivado através da persuasão, da comparação, de recompensas ou castigos, pois tudo isso são formas de coerção. A eliminação do medo é o começo da atenção. O medo deve existir enquanto houver um impulso para ser ou vir-a-ser, que é o móvel do sucesso, com todas as suas decepções e tortuosas contradições. Você pode ensinar a concentração, mas a atenção não pode ser ensinada, da mesma forma que não se pode ensinar a libertação do medo; mas podemos começar a descobrir as causas que determinam o medo, e, ao entender essas causas, ocorre a eliminação do medo. Assim, a atenção surge espontaneamente, quando em torno do estudante houver uma atmosfera de bem-estar, quando ele tem a sensação de estar seguro, de estar à vontade, e tem consciência da ação desinteressada que vem com o amor. O amor não compara, e, desse modo, extingue-se a inveja e a tortura do "vir-a-ser".

O descontentamento geral que todos experimentamos, jovens ou velhos, depressa encontra o caminho da satisfação e desse modo nossas mentes adormecem. O descontentamento torna a acordar, de tempos em tempos, através do sofrimento, mas a mente torna a buscar uma solução satisfatória. Nessa roda de insatisfação e satisfação, a mente se vê presa, e o constante despertar através da dor faz parte de nosso descontentamento. O descontentamento é um meio de busca, mas não pode haver busca se a mente for atrelada à tradição, a ideais. A busca é a chama da atenção.

Por descontentamento entendo aquele estado em que a mente compreende aquilo que *é,* o real, e busca constantemente descobrir mais e mais. O descontentamento é um movimento no sentido de ir além das limitações daquilo que *é;* e se você encontra meios de suavizar ou de vencer o descontentamento, então aceitará as limitações da atividade centrada em si mesma e da sociedade em que você se encontra.

O descontentamento é a chama que consome a escória da satisfação, mas a maioria de nós procura dissipá-la de vários modos. Nosso descontentamento, então, se transforma na busca de "mais", no desejo

de uma casa maior, de um carro melhor, e assim por diante, estando tudo isto incluído no campo da inveja; e é a inveja que sustenta esse descontentamento. Mas estou falando de um descontentamento em que não há inveja, nem cupidez por "mais", um descontentamento que não é sustentado por nenhum desejo de satisfação. Esse descontentamento é um estado despoluído que existe em cada um de nós, se não for adormecido mediante uma educação errada, mediante soluções que busquem satisfação, mediante ambição, ou mediante a busca de um ideal. Quando entendemos a natureza do verdadeiro descontentamento, vemos que a atenção faz parte dessa chama ardente que consome a mesquinhez e deixa a mente livre das limitações das buscas e satisfações egoístas.

Assim, a atenção só passa a existir quando há busca não baseada em progresso pessoal ou em satisfação. Essa atenção deve ser cultivada na criança, desde o princípio. Você descobrirá, quando houver amor – o qual se exprime através de humildade, de cortesia, de paciência, de delicadeza – que já está livre das barreiras levantadas pela insensibilidade; e, desse modo, estará ajudando a suscitar na criança esse estado de atenção desde uma idade bem tenra.

A atenção não é coisa que se ensine, mas você pode ajudar a suscitá-la no estudante não deixando que se crie em torno dele aquela sensação de compulsão que produz uma existência que se contradiz. Então, a atenção dele poderá focalizar-se, a qualquer momento, em qualquer matéria, e não será a estreita concentração provocada pelo desejo compulsivo de aquisição ou realização.

Uma geração educada desse modo estará livre do consumismo e do medo, herança psicológica de seus pais e da sociedade em que nasceram; e porque é assim educada, ela não dependerá da herança de propriedades. Esse assunto de herança destrói a verdadeira independência e limita a inteligência; pois produz uma falsa sensação de segurança, dando uma autoconfiança que não tem base e cria uma obscuridade mental em que nada de novo pode florescer. Mas, uma geração educada dessa maneira, totalmente diferente da que temos considerado, criará uma sociedade nova, pois terá a capacidade nascida dessa inteligência que não é cercada de medo.

Visto que a educação é responsabilidade dos pais, tanto quanto dos professores, precisamos aprender a arte de trabalhar juntos, e isto

só é possível quando cada um de nós percebe o que é verdadeiro. É a percepção da verdade que nos une, e não a opinião, a crença ou a teoria. Há uma vasta diferença entre o conceitual e o factual. O conceitual pode unir-nos temporariamente, mas tornará a haver separação, se nossa cooperação for apenas fruto da convicção. Se a verdade é percebida por cada um de nós, pode haver desacordo quanto a detalhes, mas não haverá pressão para nos separar. Os detalhes só separam os tolos. Quando todos enxergam a verdade, os detalhes nunca se tornam motivo de dissensão.

A maioria de nós está habituada a cooperar nos moldes da autoridade estabelecida. Reunimo-nos para idear um conceito, ou para desenvolver um ideal, e isto exige convicção, persuasão, propaganda, e assim por diante. Essa cooperação no sentido de realização de um conceito ou da busca de um ideal é totalmente diferente da cooperação que advém de se enxergar a verdade e da necessidade de pôr essa verdade em prática. Operar sob o estímulo de alguma autoridade – seja a autoridade de um ideal ou de uma pessoa que represente esse ideal – não equivale a uma real cooperação. Uma autoridade dominante que sabe muita coisa, ou que tem uma forte personalidade e está obcecada por certas idéias, pode forçar ou sutilmente convencer os outros a cooperar com ela em busca do que chama de ideal; mas isso certamente não representa a cooperação de indivíduos alertas e dinâmicos. Em contrapartida, quando cada um de nós compreende por si mesmo a verdade de qualquer questão, então nossa compreensão comum dessa verdade leva à ação, e tal ação é a cooperação. Aquele que coopera porque vê a verdade como verdade, o falso como falso, e a verdade no falso, também saberá quando *não* cooperar – o que é igualmente importante.

Se cada um de nós compreender a necessidade de uma revolução fundamental no ensino e perceber a verdade do que estivemos aqui considerando, então trabalharemos juntos sem qualquer forma de persuasão. A persuasão só existe quando alguém assume uma postura da qual não quer ser demovido. Quando está meramente convencido de uma idéia ou entrincheirado numa opinião, ele provoca oposição, e então ou ele ou os outros têm de ser persuadidos, influenciados ou induzidos a pensar de forma diferente. Tal situação nunca ocorrerá quando cada um de nós vê a verdade de uma questão por si mesmo. Mas se

não vemos a verdade e agimos unicamente baseados na mera convicção verbal ou na racionalização do intelecto, então com certeza haverá contendas, acordo ou desacordo, com toda a distorção e esforço inútil decorrentes.

É essencial que trabalhemos juntos, e é como se estivéssemos edificando uma casa. Se alguns de nós estão construindo e outros destruindo, a casa obviamente nunca será edificada. Assim, precisamos individualmente estar bem certos de que realmente vemos e compreendemos a necessidade de criar o tipo de educação que produza uma nova geração capaz de enfrentar as questões da vida como um todo, e não como partes isoladas sem relação com a totalidade.

Para sermos capazes de agir dessa maneira cooperativa, precisamos reunir-nos com freqüência e estar alerta para não submergirmos em detalhes. Aqueles que estiverem seriamente dedicados à criação do tipo certo de educação têm a responsabilidade não só de pôr em prática tudo o que compreenderem, mas também de ajudar os outros a chegar a essa mesma compreensão. O magistério é a profissão mais nobre — se é que se pode chamar-lhe profissão. É uma arte que requer não só realização intelectual, mas infinita paciência e amor. Ser verdadeiramente educado é compreender nosso relacionamento com todas as coisas — com o dinheiro, com a propriedade, com o povo, com a Natureza — no vasto campo da nossa existência.

A beleza faz parte dessa compreensão, mas ela não é apenas uma questão de proporção, de forma, de gosto e de comportamento. A beleza é aquele estado em que a mente abandonou o centro do ego na paixão da simplicidade. A simplicidade não tem fim; e só pode haver simplicidade quando há uma austeridade que não é resultado de disciplina calculada e de autonegação. Essa austeridade é desapego, o que só o amor pode produzir. Quando não temos amor, criamos uma civilização em que a beleza da forma é procurada sem a vitalidade e austeridade interiores do simples desapego. Não há desapego se houver uma imolação de nós mesmos em boas obras, em ideais, em crenças. Essas atividades parecem livres do ego, mas, na realidade, o ego ainda está operando sob o disfarce de diferentes rótulos. Só a mente inocente pode pesquisar o desconhecido. Mas a calculada inocência que pode usar uma tanga ou um hábito de monge não é aquela paixão de desa-

pego de que procede a cortesia, a delicadeza, a humildade, a paciência – expressões todas essas do amor.

A maioria de nós só conhece a beleza através do que tenha sido criado ou produzido – a beleza de uma forma humana ou de um templo. Dizemos que uma árvore, ou uma casa, ou o rio sinuoso são bonitos. E mediante comparação sabemos o que é a feiúra – pelo menos acreditamos saber. Mas a beleza é comparável? É a beleza aquilo que se fez evidente, manifesto? Consideramos bela uma dada pintura, um poema ou um rosto, porque sabemos o que é a beleza com base no que nos ensinaram ou naquilo com que estamos familiarizados e acerca do qual temos opinião formada. Mas, porventura, a beleza não desaparece com a comparação? Será a beleza simplesmente a familiaridade com o conhecido, ou não será antes um estado de ser em que pode ou não haver forma criada?

Sempre estamos buscando a beleza e fugindo da feiúra, e essa busca de enriquecimento através de uma e da fuga à outra, inevitavelmente provoca insensibilidade. Certamente, para entender ou sentir o que é a beleza, é preciso haver sensibilidade tanto para o chamado belo como para o chamado feio. Um sentimento não é belo nem feio, é apenas um sentimento. Mas nós o encaramos pelo prisma de nosso condicionamento religioso e social e lhe pespegamos um rótulo; dizemos que é um bom sentimento ou um mau sentimento, e desse modo o destruímos ou o distorcemos. Quando um sentimento não recebe rótulo, ele permanece intenso, e é essa intensidade apaixonada que é essencial à compreensão daquilo que não é feiúra nem beleza manifestas. O que tem a maior importância é o sentimento sustentado, a paixão que não é a mera cupidez da auto-satisfação; pois é essa paixão que cria a beleza e, não sendo comparável, não tem oposto.

Ao procurar gerar um desenvolvimento total do ser humano, precisamos obviamente levar em consideração a mente inconsciente tanto quanto a consciente. Educar apenas a mente consciente sem compreender a inconsciente acarreta contradição em nossas vidas, com todos os desenganos e misérias decorrentes. A mente oculta é muito mais dinâmica do que a superficial. A maioria dos educadores está apenas interessada em fornecer informações ou conhecimento à mente superficial, preparando-a para conseguir um emprego e ajustar-se à sociedade. De modo que a mente oculta nunca é tocada. Tudo o que

a chamada educação faz é sobrepor-lhe uma camada de conhecimento e técnica e dotá-la de certa capacidade para ajustar-se ao ambiente.

A mente oculta é muito mais potente que a superficial, por mais que esta seja bem instruída e capaz de se ajustar; e isso não é algo tão inexplicável. A mente oculta ou inconsciente é o repositório das memórias raciais. A religião, a superstição, o símbolo, as tradições peculiares de uma raça, a influência, tanto da literatura sagrada como da profana, de aspirações, frustrações, maneirismos e variedades de alimento — tudo isto está enraizado no inconsciente. Os desejos manifestos e secretos, com suas motivações, esperanças e medos, suas tristezas e prazeres, e as crenças, sustentadas através das pressões por maior segurança, traduzindo-se de várias maneiras — essas coisas também estão contidas na mente oculta, que não só tem essa extraordinária capacidade de reter o passado residual, como tem também a capacidade de influir no futuro. Indícios de tudo isso são apresentados à mente superficial através de sonhos e de várias outras formas, quando ela não está totalmente ocupada com os acontecimentos cotidianos.

A mente oculta não é nada de sagrado, nada a ser temido, nem requer um especialista para expô-la à mente superficial. Mas, devido à enorme potência da mente oculta, a mente superficial não pode haver-se com ela como desejaria. A mente superficial é em grande parte impotente em relação à sua própria parte oculta. Por mais que procure dominar, dar forma ou controlar a mente oculta, devido às suas exigências e objetivos sociais imediatos, a mente superficial só consegue arranhar a superfície da mente oculta; e então há um hiato de contradição entre ambas. Procuramos vencer essa divisão através da disciplina, mediante várias práticas, sanções, etc.; mas não conseguimos.

A mente consciente ocupa-se do imediato, do limitado presente, ao passo que a inconsciente está sob o peso dos séculos e não pode ser represada ou desviada por alguma necessidade imediata. O inconsciente tem a qualidade de tempo profundo, e a mente consciente, com sua recente cultura, não pode haver-se com ela de acordo com as suas necessidades passageiras. Para erradicar a autocontradição, a mente superficial precisa compreender este fato e estar em repouso — o que não significa dar vasão às inúmeras pressões da mente oculta. Quando não há resistência entre a manifesta e a oculta, então esta, porque tem a paciência do tempo, não violará o imediato.

A mente oculta, inexplorada e não-compreendida, com sua parte superficial que foi "educada", entra em contacto com os desafios e exigências do presente imediato. A superficial pode reagir adequadamente ao desafio; mas, por haver uma contradição entre a mente superficial e a oculta, qualquer experiência da mente superficial só fará aumentar o conflito entre ela e a oculta. Isto acarreta ainda mais experiência, de novo alargando o abismo entre o presente e o passado. A mente superficial, experimentando o externo sem compreender o interno, o oculto, só produz um conflito mais profundo e mais amplo.

A experiência não libera nem enriquece a mente, como em geral supomos. Enquanto a experiência fortalecer o experimentador, haverá conflito. Ao ter experiências, uma mente condicionada apenas fortalece seu condicionamento, e desse modo perpetua a contradição e a miséria. Apenas para a mente que é capaz de compreender todos os seus processos, a experiência pode ser um fator de libertação.

Uma vez que haja percepção e compreensão dos poderes e capacidades das muitas camadas da mente oculta, os detalhes poderão concatenar-se sábia e inteligentemente. O importante é a compreensão da mente oculta, e não a mera educação da mente superficial no sentido de adquirir conhecimento, conquanto este seja necessário. Essa compreensão da mente oculta liberta a mente total do conflito, e só então haverá inteligência.

Precisamos despertar a plena capacidade da mente superficial, que vive na atividade cotidiana, e também compreender a mente oculta. Ao compreender a mente oculta, estabelece-se um viver total, em que a autocontradição, com sua alternância de tristeza e felicidade, desaparece. É essencial que nos familiarizemos com a mente oculta e com seus processos; mas é igualmente importante não nos ocuparmos dela em excesso ou dar-lhe importância indevida. Só quando compreender o superficial e o oculto poderá a mente ir além de suas limitações e descobrir a intemporal bem-aventurança.

J. Krishnamurti

PRIMEIRA PARTE

I

Vocês já refletiram na razão por que estão sendo educados, por que estão aprendendo história, matemática, geografia ou o que for? Já pensaram em por que vão à escola ou à faculdade? Não será importante descobrir por que estão sendo cumulados de informação, de conhecimento? O que é essa assim chamada educação? Seus pais os mandaram aqui, talvez porque eles próprios passaram por certos exames e tiraram vários diplomas. Vocês já se perguntaram por que estão aqui, e os professores já lhes perguntaram isto? Saberão eles por que *eles* mesmos estão aqui? Não deveriam vocês procurar descobrir o sentido de toda esta luta – esta faina de estudar, de prestar exames, de viver em certo lugar longe de casa e não ficar assustado, de praticar bem certos jogos, e assim por diante? Não deveriam seus professores ajudá-los a responder a tudo isto, em lugar de meramente prepará-los para os exames?

Os rapazes prestam exames porque sabem que terão de arranjar emprego, terão de prover ao próprio sustento. E por que as moças se sujeitam a exames? Para serem educadas a fim de obter melhores maridos? Não riam; apenas reflitam nisso. Será que seus pais os mandam para a escola porque vocês são uma amolação em casa? Por passarem nos exames irão vocês compreender a total significação da vida? Algumas pessoas são muito hábeis em passar em exames, mas isto não significa necessariamente que sejam inteligentes. Outros que não sabem como fazer para passar em exames podem ser muitíssimo mais inteligentes; podem ser mais capazes de usar as próprias mãos e podem chegar a conclusões muito mais profundas do que aqueles que meramente se empenham em passar nos exames.

Muitos rapazes só estudam para conseguir um emprego, e este é todo o seu objetivo na vida. Mas, depois de conseguir o emprego, o que acontece? Casam-se, têm filhos – e para o resto da vida estão presos à

máquina, não é mesmo? Eles se tornam funcionários, ou advogados, ou policiais; empenham-se numa eterna luta com a esposa, com os filhos: sua vida é uma batalha constante, até que morrem.

E que acontece com vocês moças? Vocês se casam – esse é o objetivo de vocês, como também é a preocupação de seus pais fazê-las casar – e depois têm filhos. Se tiverem algum dinheiro, estarão interessadas em seus *saris* e na sua própria aparência; estarão preocupadas com suas brigas com os maridos e com a opinião das outras pessoas.

Vocês vêem tudo isso? Não o percebem em sua família, em sua vizinhança? Notaram como isso continua assim o tempo todo? Não deverão vocês descobrir qual seja o sentido da educação, o motivo por que desejam educar-se, por que seus pais desejam essa educação, por que eles fazem laboriosos discursos acerca do que se supõe que a educação esteja operando no mundo? Vocês podem ser capazes de ler as peças de Bernard Shaw, poderão ser capazes de citar Shakespeare ou Voltaire ou algum filósofo recente; mas, se não forem inteligentes em si mesmos, se não forem criativos, qual há de ser o sentido dessa educação?

Assim sendo, não será importante, tanto para os professores como para os alunos, descobrir como fazer para serem inteligentes? A educação não consiste apenas em ser capaz de ler e de passar nos exames; qualquer pessoa hábil pode fazer isto. A educação consiste em cultivar a inteligência, não é verdade? Por inteligência não entendo astúcia ou tentativa de ser mais esperto para passar os outros para trás. Inteligência, certamente, é algo muito diferente disso. Há inteligência quando não se tem medo. E quando é que vocês têm medo? O medo surge quando vocês imaginam o que as pessoas possam dizer sobre vocês, ou o que seus pais possam dizer sobre vocês; vocês temem ser criticados, ser punidos, fracassar nos exames. Quando vocês recebem uma reprimenda dos professores, ou quando não são populares na classe, na escola, na vizinhança, então o medo gradativamente se insinua.

O medo é certamente uma das barreiras da inteligência, não é mesmo? E sem dúvida é da própria essência da educação ajudar o estudante – a mim e a vocês – a tomar consciência das causas do medo e a compreendê-las, de modo que da infância em diante se possa viver livre do medo.

Acaso vocês têm ciência de que têm medo? Vocês têm medo, não têm? Ou estarão livres do medo? Não temem os pais, os professores, o

que os outros possam pensar? Imaginem que façam algo que seus pais e a sociedade reprovem. Não sentiriam medo? Suponham que desejem se casar com alguém que não pertença à sua casta ou classe; não temeriam o que os outros pudessem dizer? Se seu futuro esposo não obtivesse a porção certa de dinheiro, ou se não tivesse posição ou prestígio, vocês, moças, não se sentiriam envergonhadas? Não receariam que suas amigas as desprezassem em seu íntimo? E não têm medo de doenças, da morte?

A maioria de nós tem medo. Não respondam "não" apressadamente. Talvez não tenhamos refletido sobre isso; mas, se o fizermos, veremos que quase todas as pessoas no mundo, tanto adultos como crianças, têm algum tipo de medo a roê-los por dentro. E não será função da educação ajudar o indivíduo a libertar-se do medo, de modo que ele possa ser inteligente? É esse o nosso objetivo na escola — o que significa que os próprios professores devem realmente estar isentos de medo. Qual é o proveito de os professores falarem sobre não se ter medo, se eles mesmos receiam o que os vizinhos possam dizer, se têm medo de suas esposas ou de seus maridos?

Se uma pessoa tem medo, não poderá ter iniciativa no sentido criativo da palavra. Ter iniciativa, nesse sentido, é fazer alguma coisa original — fazê-la espontaneamente, naturalmente, sem ser guiado, forçado, controlado. É fazer algo que se goste de fazer. Vocês podem ter visto muitas vezes uma pedra no meio de uma estrada e um carro colidir com ela. Vocês alguma vez removeram essa pedra? Ou já observaram, ao caminhar, as pessoas pobres, os camponeses, etc., e fizeram alguma coisa gentil — de modo espontâneo, natural, de coração, sem esperar que lhes dissessem o que fazer?

Vejam bem: se vocês tiverem medo, tudo isso estará fora de suas vidas; vocês se tornarão insensíveis e não observarão o que se passa em torno. Se tiverem medo, estarão amarrados pela tradição, seguirão algum líder ou guru. Quando estão presos à tradição, quando temem o esposo ou a mulher, vocês perdem a dignidade como seres humanos individuais.

Portanto, não será função da educação libertá-los do medo, em lugar de meramente prepará-los para prestar exames, por muito que isto seja necessário? Essencialmente, profundamente, este deveria ser o objetivo da educação e de todos os professores: ajudá-los, desde a

infância, a ser completamente livres do medo, de modo que, quando saírem para o mundo, sejam seres humanos inteligentes, cheios de verdadeira iniciativa. A iniciativa é destruída quando vocês estão apenas copiando, quando estão amarrados à tradição, seguindo um líder político ou um *swami* religioso. Seguir quem quer que seja é, por certo, prejudicial à inteligência. O próprio processo de seguir cria uma sensação de medo; e o medo exclui a compreensão da vida com todas as suas extraordinárias complicações, com suas lutas, suas tristezas, sua pobreza, sua riqueza e sua beleza — a beleza dos pássaros e do pôr-do-sol refletido sobre as águas. Quando se tem medo, fica-se insensível a todas essas coisas.

Permitam-me sugerir que peçam a seus professores que lhes expliquem o que estivemos falando. Vocês o farão? Vejam por si mesmos se os professores compreenderam estas coisas — isso os auxiliará no sentido de ajudar vocês a serem mais inteligentes, a não terem medo. Em questões dessa natureza precisamos de professores que sejam muito inteligentes — inteligentes no verdadeiro sentido, não apenas no sentido de terem passado nos exames que os fizeram professores. Se estiverem interessados, vejam se podem conseguir um período durante o dia, em que possam discutir e conversar sobre tudo isto com seus professores. Como vocês vão crescer, vão ter maridos, esposas, filhos, e precisarão saber o que vem a ser a vida — a vida com sua faina pelo pão de cada dia, com suas misérias, com sua extraordinária beleza. Tudo isso vocês terão que conhecer e compreender; e a escola é o lugar para aprender isso. Se os professores se limitarem a ensinar-lhes matemática e geografia, história e ciências, evidentemente isso não será o bastante. O importante para vocês é estarem alertas, perguntar, descobrir, de modo que sua própria iniciativa seja despertada.

II

Estivemos considerando o problema do medo. Vimos que a maioria de nós tem medo e que o medo impede a iniciativa porque faz com que nos apeguemos às pessoas e às coisas, da mesma forma que uma

planta trepadeira se apega a uma árvore. Apegamo-nos aos pais, aos maridos, aos filhos, às filhas, às esposas e às nossas posses. Esta é a forma exterior do medo. Estando interiormente amedrontados, receamos ficar sós. Podemos ter muitas roupas, jóias ou outras propriedades; mas, interiormente, psicologicamente, estamos muito pobres. Quanto mais pobres interiormente, tanto mais procuraremos enriquecer exteriormente, apegando-nos a pessoas, a uma posição, às propriedades.

Quando sentimos medo, não só nos apegamos a coisas exteriores como também a coisas interiores, como, por exemplo, à tradição. Para a maioria dos velhos, e para as pessoas internamente deficientes e vazias, a tradição importa muitíssimo. Já observaram isso entre seus amigos, entre seus pais, seus professores? Já o terão observado em si mesmos? Logo que aparece o medo, o medo interior, vocês procuram cobri-lo com respeitabilidade, seguindo uma tradição; e desse modo perdem a iniciativa própria. Porque não têm iniciativa e estão apenas seguindo os outros, a tradição torna-se muito importante — a tradição do que as pessoas dizem, a tradição que nos foi legada do passado, a tradição que não tem vitalidade, que é sem alma, porque é mera repetição desprovida de sentido.

Quando alguém está com medo, sempre tem a tendência a imitar. Já notaram? Pessoas que têm medo imitam outras; apegam-se à tradição, aos pais, às esposas, aos irmãos, aos maridos. E a imitação destrói a iniciativa própria. Ora, quando vocês desenham ou pintam uma árvore não estão imitando a árvore, não a estão copiando exatamente como ela é, o que seria fotografá-la. Para ser livre para pintar uma árvore, ou uma flor ou um pôr-do-sol, vocês precisam sentir o que essas coisas transmitem a vocês, o significado delas. Isto é muito importante — tentar transmitir o significado daquilo que se vê, e não meramente copiá-lo, pois, nesse caso, começa-se a despertar o processo criativo. E, para isso, é necessário ter a mente livre, ter uma mente que não esteja onerada pelo peso da tradição, da imitação. Mas examinem suas próprias vidas e as vidas em seu redor, como tradicionais, imitativas!

Vocês são obrigados a ser imitativos em alguns casos, nas roupas que usam, nos livros que lêem, na língua que falam. Tudo isso são formas de imitação. Mas é preciso ir além desse nível e sentir-se livre para pensar por si mesmo, de modo a não aceitar irrefletidamente o que alguma outra pessoa diz, seja ela *quem* for — um professor na escola, um

dos pais ou um grande instrutor religioso. Pensar independentemente, e não seguir os outros, é muito importante; porque seguir os outros é indício de medo, não é? No momento em que alguém lhes oferece alguma coisa que desejem — o paraíso, o céu, ou um emprego melhor — instaura-se o medo de não obtê-lo; então vocês começam a aceitar, a seguir. Basta que passem a desejar alguma coisa para que o medo se instale; e o medo paralisa a mente de modo que vocês não poderão ser livres.

Sabem o que é uma mente livre? Já observaram sua própria mente? Ela não é livre, é? Vocês estão sempre à espreita do que os amigos dizem de vocês. A mente de vocês é como uma casa cercada por uma sebe ou por arame farpado. Nenhuma coisa nova pode ocorrer aí. Algo de novo só pode ocorrer quando não há medo. E é extremamente difícil libertar a mente do medo, porquanto isso implica libertar-se realmente do desejo de imitar, de seguir, libertar-se do desejo de acumular riquezas ou de pôr-se de acordo com uma tradição — o que não quer dizer que se devam fazer tropelias.

A liberdade da mente passa a existir quando não há medo, quando a mente não tem desejo de se exibir e não está maquinando expedientes para obter posição e prestígio. Então ela não tem a sensação da imitação. E é importante ter uma mente assim — uma mente realmente livre da tradição, que é o seu mecanismo formador de hábito.

Será isso demasiado difícil? Não creio que seja tão difícil como a sua geografia ou matemática. É muito mais fácil, somente que vocês nunca refletiram sobre isso. Vocês passam talvez dez ou quinze anos de suas vidas na escola, adquirindo informação e, todavia, nunca têm tempo — nem uma semana, nem mesmo um dia — para refletir plenamente, completamente sobre qualquer destas coisas. Eis por que tudo isso parece tão difícil; mas, realmente, não o é. Ao contrário, se dedicarem tempo a isso, verão por si mesmos como suas mentes trabalham, como elas operam, como reagem. E é muito importante começar a entender a própria mente enquanto se é jovem, do contrário, vocês crescerão seguindo alguma tradição que tem bem pouco significado; vocês imitarão — o que equivale a continuar o cultivo do medo — e desse modo nunca serão livres.

Já observaram, aqui na Índia, como vocês estão amarrados à tradição? Vocês têm que se casar de um certo modo; seus pais escolhem

o marido ou a esposa. Vocês precisam cumprir certos rituais; eles podem não ter nenhum sentido, mas vocês têm de cumpri-los. Vocês têm líderes que precisam seguir. Tudo o que lhes diz respeito, se já o observaram, reflete um modo de vida em que a autoridade está muito bem estabelecida. Há a autoridade do guru, a autoridade do grupo político, a autoridade dos pais e da opinião pública. Quanto mais velha a civilização, maior o peso da tradição com sua série de imitações; e, carregada com esse peso, sua mente nunca é livre. Vocês podem falar sobre liberdade política ou qualquer outro tipo de liberdade, mas, como indivíduos, nunca são realmente livres para descobrir coisas por si mesmos; vocês estão sempre seguindo – seguindo um ideal, seguindo algum guru ou instrutor ou alguma superstição absurda.

Desse modo, toda a vida de vocês é constrangida, limitada, confinada a certas idéias; e, no âmago de vocês mesmos, há medo. Como podem pensar livremente se há medo? Eis por que é tão importante estar consciente de todas essas coisas. Se vocês vêem uma cobra e sabem que é venenosa, vocês se afastam, não se aproximam dela. Mas vocês não sabem que estão presos por uma série de imitações que impedem a iniciativa própria; vocês caíram inconscientemente nessa prisão. Mas se passarem a tomar consciência dela e de como ela os aprisiona; se tomarem consciência do fato de que desejam imitar porque têm medo do que as pessoas possam dizer, medo de seus pais ou de seus professores, então poderão encarar essas imitações em que estão presos, poderão examiná-las, poderão estudá-las como estudam matemática ou qualquer outra matéria escolar.

Porventura vocês têm consciência, digamos, da razão por que tratam as mulheres de uma maneira diferente da dos homens? Por que as tratam com desprezo? Pelo menos os homens geralmente o fazem. Por que vocês freqüentam os templos, por que realizam rituais, por que seguem um guru?

Vejam bem, primeiro vocês têm que tomar consciência de todas essas coisas, e depois podem trabalhar com elas, contestá-las, estudá-las; mas se aceitarem tudo cegamente, porque nos últimos trinta séculos tudo tem sido assim, então isso tudo não tem sentido, ou tem? Certamente o que o mundo precisa não é de mais imitadores, mais líderes, mais seguidores. O que precisamos agora é de indivíduos como eu e vocês, que comecem a examinar esses problemas, não de forma superficial

ou passageira, mas com profundidade cada vez maior, de modo que a mente seja libertada para ser criativa, esteja livre para pensar, livre para amar.

A educação é um meio de descobrir nossa verdadeira relação com as coisas, com os outros seres humanos e com a Natureza. Mas a mente cria idéias, e essas idéias tornam-se tão fortes, tão dominantes, que nos impossibilitam olhar mais além. Enquanto houver medo, há a obediência cega à tradição; enquanto houver medo, há imitação. Uma mente que se limita a imitar é mecânica, não é verdade? Ela funciona como uma máquina; não é criativa, não soluciona problemas. Pode produzir algumas ações, produzir alguns resultados, mas não é criativa.

Ora, o que todos deveríamos fazer — eu, vocês, os professores, os gerentes das empresas e as autoridades — seria examinar detidamente todos esses problemas juntos, de modo que, quando vocês saírem daqui, sejam indivíduos amadurecidos, capazes de pensar por si mesmos, e não depender de alguma estupidez tradicional. Então vocês terão a dignidade de um ser humano verdadeiramente livre. *Esse* é todo o propósito do ensino — não simplesmente prepará-los para passar em certos exames e depois deixá-los amarrados para o resto da vida a algo que não gostem de fazer, como, por exemplo, tornando-se advogados, funcionários, donas-de-casa ou máquinas de procriar. Vocês precisam insistir em ter o tipo de educação que estimule o livre pensamento sem medo, que ajude a inquirir, a compreender; vocês devem reclamá-lo de seus professores. De outra forma, a vida será um desperdício, não é mesmo? Vocês são "educados", vocês se formam, obtêm um emprego de que não gostam, apenas porque têm que ganhar dinheiro; casam-se e têm filhos — e lá estão vocês, presos para o resto da vida. Sentem-se miseráveis, infelizes, ficam rabugentos; não têm outra perspectiva na vida senão esperar mais bebês, mais fome, mais miséria. Considerar-se-á *isso* o propósito da educação? Não há dúvida que a educação deve ajudá-los a ser tão inteligentes a ponto de levá-los a fazer o que gostem de fazer, e não a prender-se a alguma coisa estúpida que os angustie para o resto da vida.

Portanto, enquanto ainda são jovens, vocês devem despertar em si mesmos a chama do inconformismo; vocês precisam estar em estado de revolução. Este é o tempo para inquirir, para descobrir, para crescer; portanto, insistam em que seus pais e professores os eduquem de ma-

neira adequada. Não se conformem com simplesmente tomar assento numa sala de aula e absorver informação sobre esse rei ou aquela guerra. Sejam inconformados, vão aos professores e perguntem, descubram. Se eles não são inteligentes, inquirindo-os, vocês os ajudarão a tornarem-se inteligentes; e quando deixarem a escola, vocês estarão a caminho do amadurecimento, a caminho da verdadeira liberdade. Então, vocês continuarão a aprender durante toda a vida até a morte, e serão seres humanos felizes, inteligentes.

Pergunta: *Como adquirir o hábito de não ter medo?*

Krishnamurti: Observe as palavras que você usou. "Hábito" implica um movimento repetido muitas vezes. Se você faz uma coisa repetidamente, assegurará isso alguma coisa que não seja a monotonia? Acaso pode o não ter medo incluir-se na categoria do hábito? Sem dúvida, a libertação do medo só acontece quando você pode fazer face aos incidentes da vida e esmiuçá-los, quando os pode ver e examinar, mas não com uma mente entorpecida pelo hábito.

Se fizer coisas por costume, se viver mergulhado em hábitos, então você é apenas uma máquina imitativa. Hábito é repetição, é fazer irrefletidamente a mesma coisa muitas e muitas vezes, o que é um processo de construir um muro em torno de você mesmo. Se você construir um muro em torno de si mesmo, através de algum hábito, você não está livre do medo, e é a própria vida dentro dos limites desse muro o que lhe causa medo. Quando você tem a inteligência de olhar tudo o que acontece na vida — o que significa examinar todos os problemas, cada incidente, cada pensamento e emoção, cada reação — só então haverá a libertação do medo.

III

Estivemos falando sobre o medo e sobre como nos livrar dele, e temos visto como o medo perverte a mente de modo que ela não seja livre, criativa, e esteja, portanto, privada da importantíssima qualidade da iniciativa própria.

Penso que também devemos considerar a questão da autoridade. Vocês sabem o que é autoridade; mas saberão como a autoridade se instaura? O governo tem autoridade, não é? Há a autoridade do Estado, da lei, do policial e do soldado. Seus pais e seus professores têm certa autoridade sobre vocês, eles os levam a fazer o que eles acreditam que vocês devam fazer – ir deitar-se a certa hora, ingerir o tipo certo de alimento, reunir-se às pessoas certas. Eles os disciplinam, não é? Por quê? Dizem eles que é para seu próprio bem. Será mesmo? Vamos examinar isso. Mas primeiro precisamos entender como surge a autoridade – entendendo-se por autoridade a coerção, a compulsão, o poder de uma pessoa sobre outra, da minoria sobre a maioria ou da maioria sobre a minoria.

Só porque é meu pai ou minha mãe você tem algum direito sobre mim? Que direito tem alguém de tratar o outro como um lixo? O que é que vocês acham que cria autoridade?

Em primeiro lugar, há o desejo em cada um de nós de encontrar um modo seguro de comportamento; queremos que nos digam o que fazer. Estando confusos, preocupados, e não sabendo o que fazer, vamos a um sacerdote, a um instrutor, a um de nossos pais ou a alguma outra pessoa, buscando uma saída para a nossa confusão. Porque acreditamos que ele sabe mais do que nós, vamos ao guru ou a algum homem instruído, e lhe pedimos que nos diga o que devemos fazer. Portanto, é o nosso desejo de encontrar um modo específico de vida, um modo de conduta, que cria a autoridade, não é?

Digamos que eu vá a um guru. Vou a ele porque creio ser ele um grande homem, que conhece a verdade, que conhece a Deus e que, portanto, pode me dar a paz. Não sei nada disso por mim mesmo, então vou a ele, prostro-me, ofereço-lhe flores, ofereço-lhe a minha devoção. Desejo ser confortado, quero que me diga o que fazer, e assim crio uma autoridade. Essa autoridade, todavia, não existe fora de mim.

Enquanto vocês são jovens, o professor pode mostrar o que vocês não sabem. Mas, se ele for inteligente, ajudará os alunos a se tornarem inteligentes também; ele os ajudará a compreender a própria confusão, de tal modo que não busquem nenhuma autoridade, nem a dele próprio nem a de qualquer outro.

Há a autoridade exterior do Estado, da lei, da polícia. Criamos essa autoridade exteriormente porque temos propriedades que queremos pro-

teger. A propriedade é nossa e não queremos que ninguém mais a tenha, então criamos um governo que protege aquilo que possuímos. O governo se torna a nossa autoridade; ele é invenção nossa, para proteger-nos, para proteger nossa maneira de viver, nosso sistema de pensamento. Gradativamente, através dos séculos, estabelecemos um sistema de leis, de autoridade – o Estado, o governo, a polícia, o exército – para proteger a "mim" e ao que é "meu".

Há também a autoridade do ideal, que não é exterior, mas interior. Quando dizemos: "Tenho que ser bom, não posso ser invejoso, preciso ser fraterno com todo mundo", criamos em nossas mentes a autoridade do ideal, não é assim? Suponhamos que eu seja intrigante, estúpido, cruel, quero tudo para mim, quero o poder. Esse é o fato, e é isso o que eu realmente sou. Mas penso que devo ser fraterno porque gente religiosa assim me tem pregado, e também porque é conveniente, é útil dizer isso; portanto, crio a fraternidade como um ideal. Não sou nada fraternal, mas por várias razões desejo ser, por isso o ideal se torna minha autoridade.

Ora, para viver de acordo com esse ideal, eu me disciplino. Sinto grande inveja de você porque você tem um casaco melhor ou uma roupa mais vistosa, ou mais títulos; portanto, digo: "Não devo ter inveja, preciso ser fraternal." O ideal tornou-se minha autoridade, e procuro viver de acordo com esse ideal. Que acontece então? Minha vida se torna uma batalha constante entre o que eu *sou* e o que eu *deveria ser*. Disciplino-me – e o Estado também me disciplina. Seja ele comunista, capitalista ou socialista, o Estado tem idéias sobre como devo me comportar. Há aqueles que dizem ser o Estado coisa importantíssima. Se vivo em tal Estado e faço alguma coisa contrária à ideologia oficial, sofro coerção por parte do Estado – isto é, da minoria que controla o Estado.

Temos em nós duas partes, a parte consciente e a parte inconsciente. Compreendem o que isto quer dizer? Imaginem que vocês estão andando pela estrada, conversando com algum amigo. Sua mente consciente está ocupada com a conversa, mas há outra parte de vocês que está inconscientemente absorvendo inúmeras impressões – as árvores, as folhas, os pássaros, a luz solar sobre a água. Esse impacto exercido de fora sobre o inconsciente ocorre o tempo todo, embora sua mente consciente esteja ocupada; e aquilo que o inconsciente ab-

sorve é muito mais importante do que o que o consciente absorve. A mente consciente pode absorver pouco, comparativamente. Vocês, conscientemente, absorvem o que é ensinado na escola, por exemplo, e isto realmente não é muito. Mas a mente inconsciente está sempre absorvendo as interações entre vocês e o professor, entre vocês e seus amigos; tudo isto se passa subterraneamente, e isto importa muito mais do que a mera absorção de fatos na superfície. Da mesma forma, durante essas conversas de todas as manhãs, a mente inconsciente está constantemente absorvendo o que está sendo dito, e, mais tarde, durante o dia ou a semana, vocês subitamente o recordarão. Isso terá em vocês um efeito muito maior do que aquilo que vocês ouvem conscientemente.

Recapitulando: nós criamos autoridade — a autoridade do Estado, da polícia, a autoridade do ideal, a autoridade da tradição. Vocês querem fazer alguma coisa, mas seu pai diz: "Não faça isso." Vocês têm que obedecer-lhe, se não ele se zangará, e vocês dependem dele para o alimento. Ele controla vocês através do medo, não é? Portanto, ele se torna a sua autoridade. Da mesma forma, vocês são controlados pela tradição — precisam fazer isto e não aquilo, devem usar o *sari* adequado a certas ocasiões, não devem olhar para os rapazes ou para as garotas. A tradição lhes diz o que fazer; e a tradição, afinal de contas, é conhecimento, não é mesmo? Há livros que nos dizem o que fazer, nossos pais nos dizem o que fazer, a sociedade e a nossa religião nos dizem o que fazer. E o que acontece com a pessoa? Fica esmagada. Ela nunca pensa, age, vive vitalmente, pois tem medo de todas essas coisas. Diz que precisa obedecer, para não ficar desorientada. Que significa isto? Que nós criamos a autoridade porque estamos procurando um modo seguro de conduta, uma forma segura de viver. A simples busca de segurança cria a autoridade, e é por isso que vocês se tornam meros escravos, um dente numa engrenagem, vivendo sem nenhuma capacidade de pensar, de criar.

Não sei se vocês pintam. Se o fazem, geralmente o professor de arte lhes diz como pintar. Vocês vêem uma árvore e a copiam. Mas pintar é ver a árvore e exprimir na tela ou no papel o que você sente a respeito da árvore, o que ela significa — o movimento das folhas com o sussurro do vento ao passar por elas. Para fazer isto, para captar o movimento de luz e sombra, vocês precisam ser muito sensíveis. E como poderão ser sensíveis a seja lá o que for, se têm medo e estão di-

zendo sempre: "Preciso fazer isto, tenho que fazer aquilo, senão, o que dirão os outros?" Qualquer sensibilidade ao belo é gradativamente destruída pela autoridade.

Por isso, surge o problema de saber se uma escola desse tipo deve ou não discipliná-los. Vejam as dificuldades que os professores, se forem verdadeiros professores, têm de enfrentar. Você é uma menina levada ou menino levado; se sou professor, deverei discipliná-los? Se eu os disciplino, que acontece? Sendo maior que vocês, tendo maior autoridade e tudo o mais, e porque sou pago para fazer certas coisas, eu os obrigo a obedecer. Ao fazê-lo, não estarei paralisando sua mente? Não estarei principiando a destruir a sua inteligência? Se os forço a fazer uma coisa porque penso ser correta, não os estarei estupidificando? E vocês *gostam* de ser disciplinados, de ser forçados a fazer as coisas, embora exteriormente possam objetar. Isso lhes dá uma sensação de segurança. Vocês acreditam que se não fossem obrigados a fazer as coisas, seriam realmente maus, fariam coisas erradas; por isso, dizem: "Façam-me o favor de disciplinar-me, ajudem-me a me comportar bem."

Ora, devo discipliná-los ou, antes, ajudá-los a compreender por que são levados, por que fazem isto ou aquilo? Isto significa, sem dúvida, que como professor ou pai é preciso que eu não tenha nenhum senso de autoridade. Preciso desejar realmente ajudá-los a compreender as suas dificuldades, por que são maus, por que fogem; preciso querer que vocês se compreendam. Se os forço a fazer alguma coisa, não os estou ajudando. Se, como professor, eu realmente desejo ajudá-los a compreender a si próprios, isto significa que só poderei cuidar de alguns poucos meninos e meninas. Não posso ter cinqüenta alunos em minha classe. Só posso ter alguns poucos, para poder estar atento a cada criança individualmente. Então, não criarei a autoridade que os obrigue a fazer alguma coisa que vocês provavelmente farão por si mesmos, uma vez que se compreendam.

Espero que percebam como a autoridade destrói a inteligência. Afinal de contas, a inteligência só pode aparecer quando há liberdade – liberdade de pensar, de sentir, de observar, de contestar. Mas se os forço a fazer seja o que for, faço-os tão estúpidos como eu mesmo sou; e é isto o que em geral acontece nas escolas. O professor acha que ele sabe e que vocês não sabem. Mas o que é que ele sabe? Pouco mais

que matemática e geografia. Ele não solucionou nenhum problema vital; ele não questionou as coisas importantes da vida – e, no entanto, troveja como Júpiter, ou como um sargento!

Por isso, numa escola desse tipo, é importante que, em vez de serem simplesmente disciplinados para fazer o que lhes ordenam, vocês sejam auxiliados a compreender, a ser inteligentes e livres, porque então serão capazes de fazer face a todas as dificuldades da vida, sem medo. Isto requer um professor competente, um professor que esteja verdadeiramente interessado em vocês, que não esteja preocupado com dinheiro, com a esposa e com os filhos; e é da responsabilidade dos alunos, tanto quanto dos professores, criar um tal estado de coisas. Não se limitem a obedecer, mas descubram como resolver um problema por si mesmos. Não digam: "Estou fazendo isto porque meu pai assim o quer"; descubram por que ele o quer, por que acha que uma coisa é boa e outra má. Perguntem-lhe, de modo que não despertem só a inteligência de vocês próprios mas também ajudem-no a ser inteligente.

Mas o que costuma acontecer se vocês começam a questionar seus pais? Eles os repreendem, não é verdade? Eles estão preocupados com o próprio trabalho e não têm a paciência, não têm o amor para sentar e discorrer com vocês sobre as enormes dificuldades da existência, de se ganhar o próprio sustento, de se ter uma esposa ou um marido. Eles não querem dedicar algum tempo a essas questões; por isso, os empurram para um lado, ou os mandam para a escola. E, quanto a isto, o professor é igual aos pais; ele é igual a todo mundo. Mas é responsabilidade do professor, de seus pais e de todos vocês, estudantes, ajudar a produzir inteligência.

Pergunta: *Como ser inteligente?*

Krishnamurti: O que está implícito nessa pergunta? Você quer um método pelo qual alguém se torne inteligente – o que implica que você sabe o que é a inteligência. Quando você quer ir a algum lugar, já conhece seu destino e só tem que perguntar o caminho. Da mesma forma, você acredita que sabe o que é a inteligência, e quer um método pelo qual possa fazer-se inteligente. A inteligência é a própria contestação do método. O medo destrói a inteligência, não é? O medo impede que você examine, questione, inquira; ele o impede de desco-

brir o que é verdade. Provavelmente você será inteligente quando não tiver medo. De modo que você precisa examinar detidamente toda a questão do medo, e libertar-se dele; então haverá a possibilidade de você se tornar inteligente. Mas se disser: "Como hei de fazer para me tornar inteligente?", estará meramente cultivando um método, e por isso tornar-se-á estúpido.

Pergunta: *Todo mundo sabe que todos nós vamos morrer. Por que tememos a morte?*

Krishnamurti: Por que você teme a morte? Será talvez porque não sabe viver? Se soubesse viver plenamente, temeria a morte? Se amasse as árvores, o pôr-do-sol, os pássaros, as folhas caídas; se tivesse consciência dos homens e mulheres que choram, dos pobres, e realmente sentisse amor no coração, acaso temeria a morte? Não se deixe persuadir por mim. Temeria? Raciocinemos juntos sobre isso. Você não vive com alegria, você não é feliz, não é vitalmente sensível às coisas; e será por isso que você indaga o que acontecerá quando morrer? A vida para você é sofrimento, e por isso você está muito mais interessado na morte. Você acha que talvez haja felicidade após a morte. Mas este é um tremendo problema, e não estou certo se você quer discuti-lo. Afinal, o medo está na base de tudo isto – medo de morrer, medo de viver, medo de sofrer. Se não souber o que causa o medo e libertar-se dele, então não importará muito se você está vivo ou morto.

Pergunta: *Como podemos viver felizes?*

Krishnamurti: Você sabe quando está vivendo feliz? Sabe quando está sofrendo, quando tem uma dor física. Quando alguém bate em você ou se encoleriza com você, você conhece o sofrimento. Mas sabe você quando é feliz? Tem consciência de seu corpo quando está em perfeita saúde? Certamente a felicidade é um estado do qual você está inconsciente, que não percebe. No momento em que percebe que é feliz, você deixa de ser feliz, não é? Mas muitos de vocês sofrem; e tendo consciência disso, querem escapar do sofrimento para aquilo que chamam de felicidade. Desejam ser conscientemente felizes; e, no momento em que são conscientemente felizes, lá se vai a felicidade. Podem acaso

dizer que são felizes? Não é só depois, um momento ou uma semana depois, que dizem: "Como eu fui feliz, como tenho sido feliz." No momento atual vocês estão inconscientes da felicidade, e aí é que está a beleza disso.

IV

O problema da disciplina é bastante complexo, porque a maioria pensa que, através de alguma forma de disciplina, acabaremos por ter liberdade. A disciplina é o cultivo da resistência, não é mesmo? Ao resistir, ao construir uma barreira dentro de nós mesmos, contra alguma coisa que consideramos errada, achamos que seremos mais capazes de entender e de ser livres para viver plenamente; mas isso não é um fato, é? Quanto mais você resiste ou luta contra alguma coisa, menos a compreende. Certamente, só quando há liberdade, real liberdade para pensar, para descobrir — é que você pode encontrar seja o que for.

Mas, obviamente, não pode existir liberdade emoldurada. E a maioria vive dentro de uma moldura, num mundo emoldurado de idéias, não é verdade? Por exemplo, seus pais e professores lhes dizem o que é certo e o que é errado, o que é nocivo e o que é benéfico. Vocês sabem o que as pessoas dizem, o que o sacerdote diz, o que reza a tradição e o que aprenderam na escola. Tudo isto forma um tipo de enquadramento em que vocês vivem; e, vivendo nesse enquadramento, vocês dizem que são livres. Serão? Pode um homem ser livre enquanto vive numa prisão?

Portanto, é preciso quebrar as aprisionadoras paredes da tradição e descobrir por nós mesmos o que é real, o que é verdadeiro. A pessoa tem que experimentar e descobrir por si, e não meramente seguir alguém, por muito bom, nobre e emocionante que seja esse líder, e por mais feliz que se sinta em sua presença. O importante é ser capaz de examinar, e não simplesmente aceitar todos os valores criados pela tradição, todas as coisas que as pessoas têm dito que são boas, benéficas, interessantes. No momento em que você aceita, começa a conformar-se, a imitar; e conformidade, imitação, acompanhamento não podem tornar ninguém livre e feliz.

Os mais idosos dizem que vocês precisam ser disciplinados. A disciplina lhes é imposta por vocês mesmos – e pelos outros, do exterior. Mas o que importa é ser livre para pensar, para inquirir, de modo que comecem a fazer descobertas por si próprios. Infelizmente, a maioria das pessoas não quer pensar, descobrir; tem a mente fechada. Pensar em profundidade, penetrar nas coisas e descobrir sozinho o que é verdadeiro, é muito difícil; requer percepção alerta, inquirição constante, e a maioria das pessoas não tem inclinação nem energia para isso. Elas dizem: "Você sabe melhor que eu; você é o meu guru, o meu instrutor e eu o seguirei."

Portanto, é muito importante que, desde a idade mais tenra, vocês sejam livres para descobrir as coisas, e não estejam enclausurados por uma muralha de *faça* e *não-faça;* pois se lhes disserem constantemente o que fazer e o que não fazer, o que será de sua inteligência? Vocês se tornarão entidades irracionais que simplesmente ingressam em certas carreiras, que recebem dos pais o mandamento quanto à pessoa com quem devam ou não devam casar; e obviamente isso não é um comportamento inteligente. Vocês podem passar nos exames e ficar bem ricos, podem ter boas roupas e muitas jóias, podem ter amigos e prestígio; mas enquanto estiverem atados à tradição, não pode haver inteligência.

Certamente, a inteligência só aparece quando se é livre para questionar, para pensar e para descobrir, de modo que a mente se torne bem ativa, bem alerta e clara. Então você será um indivíduo plenamente integrado – não uma entidade amedrontada que, sem saber o que fazer, interiormente sente uma coisa e exteriormente se conforma com outra.

A inteligência exige que você rompa com a tradição e viva de acordo com suas próprias convicções; mas você está enclausurado pelas idéias de seus pais acerca do que deve fazer e deixar de fazer, e pelas tradições da sociedade. Assim, há um conflito em seu interior, não é? Todos vocês são jovens, mas não creio que sejam jovens demais para tomar consciência disto. Vocês querem fazer alguma coisa, mas seus pais e professores dizem: "Não façam." De modo que há uma luta íntima sendo travada; e, enquanto vocês não resolverem essa luta, ficarão presos nas malhas de um conflito, sofrendo e desejando eternamente fazer alguma coisa e sendo impedidos de fazê-la.

Se examinarem isso com cuidado, verão que disciplina e liberdade são coisas contraditórias e que, ao buscar a verdadeira liberdade, põem em ação um processo muito diferente, que acarreta seu próprio esclarecimento, de modo que vocês simplesmente não façam certas coisas.

Enquanto vocês são jovens, é muito importante que sejam livres para descobrir e que sejam ajudados a descobrir o que realmente desejam fazer na vida. Se não o descobrirem enquanto jovens, nunca o farão, nunca serão indivíduos livres e felizes. A semente deve ser lançada agora, de modo que vocês comecem agora a tomar a iniciativa.

Nas estradas, muitas vezes vocês já passaram por camponeses carregados de pesados fardos, não é verdade? Quais são seus sentimentos a respeito deles? Aquelas mulheres pobres com vestidos sujos e em trapos, com alimento insuficiente, que trabalham dia após dia por uma miséria — vocês têm algum sentimento com relação a elas? Ou estão de tal modo amedrontados, de tal modo preocupados consigo mesmos, com seus exames, com a própria aparência, com seu *sari,* que nunca prestam atenção neles? Vocês acham que estão muito melhor que eles, que pertencem a uma classe mais alta e, portanto, não precisam ter consideração por eles? Quando os vêem passar o que é que sentem? Não desejam ajudá-los? Não? Isso mostra como vocês estão pensando. Será que vocês estão tão entorpecidos por séculos de tradição, pelo que seus pais e mães dizem, tão conscientes de pertencerem a uma determinada classe, que nem mesmo olham para os camponeses? Estarão assim tão cegos que não saibam o que está se passando em torno de vocês?

É o medo — medo do que dirão seus pais, do que dirão os professores, medo da tradição, medo da vida — o que gradualmente destrói a sensibilidade, não é mesmo? Sabem o que é sensibilidade? Ser sensível é sentir, é receber impressões, ter simpatia por aqueles que sofrem, ter afeição, estar consciente das coisas que acontecem em torno de nós. Quando o sino do templo soa, vocês tomam consciência do fato? Vocês ouvem o som? Vocês costumam observar o reflexo do Sol nas águas? Estão conscientes das pessoas pobres, dos camponeses que têm sido controlados, espezinhados durante séculos por seus exploradores? Quando vêem um servo carregando um tapete pesado, vocês o ajudam?

Tudo isso implica sensibilidade. Mas, vejam bem, a sensibilidade é destruída quando se é disciplinado, quando se tem medo ou se está

preocupado consigo mesmo. Preocuparmo-nos com nossa aparência, com nossas roupas, pensar em nós mesmos o tempo todo — o que a maioria faz de um modo ou de outro —, isso é ser insensível, pois nesse caso a mente e o coração estão encerrados e perdemos toda a percepção da beleza.

Ser verdadeiramente livre envolve uma grande sensibilidade. Não há liberdade se se está envolvido por um interesse egoísta ou enclausurado por várias paredes de disciplina. Enquanto sua vida for um processo de imitação, não poderá haver sensibilidade nem liberdade. É muito importante, enquanto estiverem aqui, que se semeie a semente da liberdade, que é despertar a inteligência; pois, com essa inteligência, vocês poderão enfrentar todos os problemas da vida.

Pergunta: *É prático um homem libertar-se de toda sensação de medo e ao mesmo tempo permanecer na sociedade?*

Krishnamurti: O que é sociedade? Um conjunto de valores, uma série de normas, regras e tradições, não é mesmo? Você vê essas condições de fora e diz: "Posso ter um relacionamento prático com tudo isso?" Por que não? Afinal, se você simplesmente se enquadrar nesse esquema de valores, acaso será livre? E o que entende por "prático"? Quererá dizer ganhar o próprio sustento? Há muitas coisas que você pode fazer para ganhar seu sustento; e se você for livre não poderá escolher o que quer fazer? Não será isso prático? Ou você consideraria prático esquecer a própria liberdade e apenas ajustar-se ao quadro, tornar-se advogado, banqueiro, comerciante ou varredor de ruas? Certamente, se você for livre e tiver cultivado a própria inteligência, descobrirá o que lhe será melhor fazer. Porá de lado todas as tradições e fará algo que verdadeiramente goste de fazer, independentemente da aprovação ou reprovação de seus pais ou da sociedade. Porque você é livre, tem inteligência, e fará alguma coisa que é totalmente sua, você agirá como um ser humano integrado.

Pergunta: *Que é Deus?*

Krishnamurti: Como descobrir? Você pretende aceitar a informação de alguma outra pessoa? Ou vai, antes, tentar descobrir por si mesmo

o que vem a ser Deus? É fácil fazer perguntas, mas experienciar a verdade exige muita inteligência, grande esforço de pesquisa e de busca.

Assim, a primeira pergunta é: você pretende aceitar o que outra pessoa diga sobre Deus? Não importa *quem* seja ela, Krishna, Buda ou Cristo, porque todos podem estar enganados – e também o seu *guru* particular pode estar enganado. Sem dúvida, para descobrir a verdade, sua mente precisa ser livre para inquirir, o que quer dizer que ela não pode simplesmente aceitar ou crer. Posso dar-lhe uma descrição da verdade, mas não será o mesmo que você vivenciar a verdade por si próprio. Todos os livros sagrados descrevem Deus, mas essa descrição não é Deus. A palavra "Deus" não é Deus, não é mesmo?

Para descobrir o que é a verdade você nunca pode aceitar nada gratuitamente, não deve nunca deixar-se influenciar pelo que os livros, os instrutores ou alguma outra pessoa digam. Se for influenciado por eles, só encontrará o que eles querem que você encontre. E você deve saber que a sua mente pode criar a imagem daquilo que ela deseja; ela pode imaginar Deus com uma barba ou com um olho só; pode torná-lo azul ou purpúreo. Assim sendo, você precisa estar consciente de seus próprios desejos e não se deixar enganar pelas projeções de seus próprios desejos e ansiedades. Se deseja muito ver Deus sob certa forma, a imagem que você verá será de acordo com seus desejos; e essa imagem não será Deus, não é? Se estiver triste e quiser ser consolado, ou se você se sentir sentimental e romântico em suas aspirações religiosas, acabará criando um Deus que suprirá o que você quer; mas isso ainda não será Deus.

Portanto, a sua mente deve ser completamente livre, e só então você poderá descobrir a verdade – não pela aceitação de alguma superstição, nem pela leitura dos chamados livros sagrados, nem por seguir um guru. Só quando tiver esta liberdade, esta verdadeira liberdade das influências exteriores, bem como de seus próprios desejos e anelos, de modo que tenha a mente bastante clara – só então será possível descobrir o que é Deus. Mas se você se limitar a sentar e a especular, seu palpite valerá tanto quanto o de seu guru e será igualmente ilusório.

Pergunta: *Podemos tomar consciência de nossos desejos inconscientes?*

Krishnamurti: Em primeiro lugar, você está ciente de seus desejos conscientes? Sabe o que é o desejo? Está ciente de que, em geral, não ouve

ninguém que esteja dizendo algo contrário àquilo em que você crê? Seu desejo impede-o de ouvir. Se deseja Deus, e se alguém assinala que o Deus que você deseja é o resultado de suas frustrações e medos, você o ouvirá? Claro que não. Você quer uma coisa, e a verdade é algo muito diferente. Você se limita dentro de seus próprios desejos. Você só tem meia consciência de seus desejos ditos conscientes, não é assim? E estar consciente dos desejos que estão profundamente ocultos é muito mais difícil. Para encontrar o que está oculto, para descobrir quais são os seus motivos, a mente que busca precisa ser muito clara e livre. Assim sendo, primeiro inteire-se plenamente de seus desejos conscientes; depois, à medida que se torne cada vez mais consciente do que está à superfície, poderá aprofundar-se mais e mais.

Pergunta: *Por que algumas pessoas nascem em situação de pobreza, ao passo que outras são ricas e abastadas?*

Krishnamurti: Que pensa *você*? Em vez de perguntar-me e esperar minha resposta, por que não procura saber o que *você mesmo* sente a esse respeito? Acredita que haja algum processo misterioso que chama de *karma*? Numa existência anterior, você viveu nobremente e, portanto, agora está sendo recompensado com riqueza e posição! Será isso? Ou, tendo sido muito mau numa vida anterior, está pagando por isso nesta vida presente!

Veja, este problema é realmente complexo. A pobreza é uma falha da sociedade — uma sociedade em que os ambiciosos e astutos exploram os outros e galgam o topo. Desejamos a mesma coisa; também nós desejamos subir a escada e chegar ao topo. E quando todos queremos alcançar o topo, o que acontece? Pisamos em alguém; e aquele que é pisado, que é destruído, pergunta: "Por que a vida é tão injusta? Você tem tudo e eu não tenho capacidade, não tenho nada." Enquanto formos galgando a escada do sucesso, sempre haverá enfermos e desnutridos. É o desejo de sucesso que precisa ser entendido, e não por que há ricos e pobres ou por que alguns têm talento e outros não. O que tem de ser mudado é o nosso próprio desejo de subir, de ser grande, de conseguir o sucesso. Todos aspiramos ao sucesso, não é verdade? É *aí* que reside a falta, e não no karma ou em qualquer outra explicação. A verdade é que todos nós queremos estar no topo — talvez não exata-

mente no topo, mas ao menos tão alto quanto pudermos chegar. Enquanto houver o impulso para ser grande, para chegar a ser alguém no mundo, haveremos de ter ricos e pobres, exploradores e explorados.

Pergunta: *Deus é um homem, uma mulher, ou algo completamente misterioso?*

Krishnamurti: Acabo de responder a essa pergunta, e receio que você não tenha ouvido. Este país é dominado pelos homens. Imagine que eu dissesse que Deus é uma senhora, que faria você? Você a rejeitaria, porque está impregnado da idéia de que Deus é homem. Portanto, você deverá descobri-lo por si mesmo; mas, para tanto, precisa estar livre de qualquer preconceito.

V

Estivemos falando até agora, por três ou quatro vezes, sobre o medo; e como ele é uma das causas fundamentais de nossa deterioração, penso que devemos examiná-lo de um ângulo diferente, de um diferente ponto de vista.

Ora, estão sempre a nos dizer o que pensar e o que não pensar. Os livros, os professores, os pais, a sociedade em torno de nós, todos nos dizem o que pensar, mas nunca nos ajudam a descobrir *como* pensar: Saber *o que* pensar é comparativamente fácil, porque desde a mais tenra infância nossas mentes são condicionadas por palavras, por frases, por atitudes e preconceitos estabelecidos. Não sei se já notaram como a mente da maioria das pessoas mais velhas é fixa; ela está endurecida como barro moldado, e é muito difícil quebrar esse molde. Essa modelação da mente é o seu condicionamento.

Aqui na Índia vocês estão condicionados a pensar de uma certa maneira por séculos de tradição; seu condicionamento tem causas econômicas, sociais e religiosas. Na Europa, a mente é condicionada de um modo um tanto diferente; e na Rússia, depois da revolução, os líderes políticos se puseram a condicionar a mente ainda de outro modo. Por-

tanto, em todas as partes do mundo a mente está sendo condicionada, não só superficialmente, conscientemente, mas também em suas profundezas. A mente oculta ou inconsciente é condicionada pela raça, pelo clima, pelas imitações não verbalizadas e inexpressas.

Ora, a mente não pode ser livre enquanto permanecer moldada ou condicionada. E a maioria das pessoas acha que não podemos libertar nossa mente de condicionamentos; que a mente sempre precisa ser condicionada. Tais pessoas dizem que não se pode evitar certos modos de pensar, certos preconceitos, e que não pode haver nenhuma libertação da mente. Além do mais, quanto mais antiga a civilização, tanto maior o peso da tradição, da autoridade, da disciplina que sobrecarrega a mente. Pessoas que pertençam a uma velha raça, como na Índia, são mais condicionadas do que as que vivem nos Estados Unidos, por exemplo, país de colonização ainda recente, onde há mais liberdade social e econômica.

Uma mente condicionada não é livre, porquanto nunca pode ir além de seus limites, além das barreiras que construiu em torno de si mesma; isso é óbvio. E é muito difícil para uma mente assim libertar-se de seu condicionamento e ir além, porque esse condicionamento lhe é imposto não só pela sociedade, mas por si própria. Você *gosta* de seu condicionamento, porque não se atreve a ir além. Você receia o que seus pais diriam, o que diriam a sociedade e o sacerdote; por isso ajuda a criar as barreiras que o detêm. Esta é a prisão em que muitos somos colhidos, e é por isso que seus pais estão sempre lhes dizendo — como vocês, por seu turno, dirão a *seus próprios* filhos — para fazer isto e não aquilo.

O que é que acontece, em geral, numa escola, especialmente se você gosta de seu professor? Se gosta de seu professor, você quer segui-lo, deseja imitá-lo; portanto, o condicionamento de sua mente se torna cada vez mais rígido, mais permanente. Digamos, por exemplo, que você esteja numa hospedaria sob a supervisão de um professor que realize seu ritual religioso diário. Você gosta do espetáculo, da beleza do que vê, de modo que começa também a praticá-lo. Em outras palavras, você está sendo condicionado ainda mais; e tal condicionamento é muito eficaz, porque quando se é jovem, é-se ansioso, impressionável, imitativo. Não sei se você é criativo — com certeza não, porque seus pais não lhe permitirão ir além da parede, eles não querem que você

enxergue além de seu condicionamento. Então, você é dado em casamento e enquadrado num molde onde permanece para o resto da vida.

Enquanto você é jovem, é fácil de condicionar, de moldar, de enquadrar num modelo. Dizem que se uma criança — boa, inteligente e esperta — for treinada por um sacerdote, durante apenas sete anos, ficará tão condicionada que, para o resto da vida, continuará essencialmente com o mesmo procedimento. Isso pode acontecer numa escola deste tipo, onde os próprios professores não estão libertos de condicionamentos. Eles são como todos os outros. Praticam seus rituais, têm seus temores, seu desejo de ter um guru; e, como vocês são ensinados por eles — e também porque podem gostar de um dado professor, ou porque contemplam um bonito ritual e também desejam praticá-lo —, inconscientemente, vocês caem nas malhas da imitação.

Por que as pessoas mais idosas praticam rituais? Porque seus pais o fizeram antes delas, e também porque essa prática lhes dá algumas sensações, ela os tranqüiliza interiormente. Elas entoam algumas preces, pensando que se não o fizerem poderão perder-se. E as pessoas mais jovens as copiam, e assim começa sua imitação.

Se o próprio professor contestasse todo esse ritualismo, se realmente refletisse sobre ele — o que pouquíssimas pessoas chegam a fazer —, se ele usasse a inteligência para examiná-lo sem preconceitos, depressa verificaria que tal coisa não tem sentido. Mas investigar e descobrir a verdade disso requer uma grande liberdade. Se você tem um preconceito em favor de alguma coisa e passa a investigá-la, obviamente não poderá haver real investigação. Você unicamente fortalecerá seu preconceito.

Portanto, é muito importante que os professores comecem a se descondicionar e também a ajudar as crianças a libertar-se de seu condicionamento. Conhecendo a influência condicionadora dos pais, da tradição, da sociedade, o professor deve encorajar as crianças a não aceitar sem reflexão coisa alguma, mas sim a investigar, a contestar.

Se observarem, à medida que crescerem, começarão a ver como várias influências os estão moldando, como vocês não são ajudados a pensar, mas lhes dizem *o que* pensar. Se, por fim, vocês não se revoltam contra esse processo, tornam-se semelhantes a uma máquina automática, funcionando sem criatividade, sem muito pensamento original.

Vocês todos receiam que, se não se enquadrarem na sociedade, serão incapazes de ganhar a vida. Se seu pai é advogado, você acha que

também precisa ser advogado. Se você é menina, concorda em ser dada a alguém em casamento. Então, o que acontece? Você começa a vida como uma pessoa jovem, cheia de vitalidade e entusiasmo, mas tudo isso, aos poucos, é destruído pela influência condicionadora dos pais e dos professores, com seus preconceitos, medos e superstições. Vocês deixam a escola e vão para o mundo abarrotados de informações, mas perderam a vitalidade de inquirir, a vitalidade de revoltar-se contra a estupidez tradicional da sociedade.

Vocês se sentam aqui e ficam ouvindo todas essas coisas – e o que vai acontecer quando por fim se formarem? Sabem muito bem o que vai acontecer. A menos que se revoltem, vocês serão exatamente iguais ao resto do mundo, porque não ousam ser diferentes. Estarão tão condicionados, tão moldados, que terão medo de depender apenas de si próprios. Seus maridos as controlarão, ou suas esposas os controlarão, e a sociedade lhes dirá o que fazer; assim, geração após geração, a imitação prossegue. Não há verdadeira iniciativa, não há liberdade, não há felicidade; não há nada senão uma morte lenta. Qual é a vantagem de ser educado, de aprender a ler e escrever, se vocês vão ser carregados como uma máquina? Mas é isso o que seus pais querem e é também o que deseja o mundo. O mundo não quer que vocês pensem, que sejam livres para descobrir coisas, porque então vocês seriam cidadãos perigosos, não se ajustariam ao padrão estabelecido. Um ser humano livre nunca pode sentir que pertence a um determinado país, a uma classe, a uma escola de pensamento. Liberdade significa liberdade em todos os níveis, completamente; e pensar apenas em determinada direção não é liberdade.

Por isso, enquanto vocês são jovens é muito importante serem livres, não só no nível consciente, mas também profundamente no interior. Isto quer dizer que devem permanecer vigilantes sobre si mesmos, cada vez mais conscientes das influências que procuram controlá-los e dominá-los; quer dizer que nunca devem aceitar nada irrefletidamente, mas sempre contestar, investigar e estar em estado de revolta.

Pergunta: *Como podemos ter nossas mentes livres quando vivemos numa sociedade cheia de tradições?*

Krishnamurti: Em primeiro lugar, você precisa ter a necessidade, a exigência de ser livre. É como o desejo que o pássaro tem de voar, ou o

desejo de correr das águas. Você tem essa necessidade de ser livre? Se tiver, o que acontecerá? Seus pais e a sociedade procurarão forçá-lo a enquadrar-se num molde. Poderá resistir-lhes? Você encontrará aí alguma dificuldade, porque tem medo. Tem medo de não obter emprego, de não encontrar o marido certo ou a esposa adequada; tem medo de passar fome ou de que os outros falem de você. Embora queira ser livre, você tem medo, de modo que não vai resistir. Seu medo do que possam dizer ou do que seus pais possam fazer o bloqueia e, desse modo, vê-se forçado a ajustar-se ao molde.

Ora, será que você pode dizer: "Eu quero saber, e não me importa morrer de fome. Haja o que houver vou lutar contra as barreiras desta sociedade podre, porque quero ser livre para descobrir coisas?" Você pode dizer isto? Quando sente medo pode enfrentar todas essas barreiras, todas essas imposições?

Assim, é muito importante que a criança, desde a mais tenra idade, seja ajudada a ver as implicações do medo e a libertar-se dele. No momento em que você tem medo, cessa a liberdade.

Pergunta: *Já que somos criados numa sociedade baseada no medo, como nos será possível ficar livres dele?*

Krishnamurti: Você tem consciência de que tem medo? Se tem, como fazer para libertar-se dele? Você e eu teremos de descobrir isso; portanto, raciocinemos juntos.

Quando você tem consciência de que tem medo, que é que faz? Foge, não é verdade? Pega um livro ou sai para dar uma volta; procura esquecer. Você tem medo de seus pais, da sociedade; tem consciência desse medo e não sabe como resolver isso. Você tem até medo de encará-lo, então foge dele em várias direções. Eis por que continua estudando e prestando exames até a última hora, quando terá que enfrentar o ato inevitável. Você procura continuamente escapar de seu problema, mas isso não ajudará a resolvê-lo. Você precisa enfrentá-lo.

Ora, você é capaz de encarar seu medo? Se quiser examinar um pássaro, observar a forma de suas asas, suas pernas, seu bico, precisará chegar bem perto dele, não é? Da mesma forma, se você tem medo, deve examinar esse medo bem de perto. Ao fugir dele você apenas o faz crescer.

Digamos, por exemplo, que você queira dedicar sua vida a algo que realmente ame, mas seus pais lhe dizem que não o faça e o ameaçam com algo terrível caso o fizer. Dizem que não lhe darão dinheiro algum, e você fica amedrontado. Fica tão amedrontado que nem ousa encarar o próprio medo. Então você cede, e o medo continua a existir.

Pergunta: *O que é a verdadeira liberdade e como conquistá-la?*

Krishnamurti: A verdadeira liberdade não é coisa que se adquira; é o resultado da inteligência. Você não pode sair e comprar liberdade no mercado. Não pode obtê-la lendo um livro ou ouvindo alguém falar. A liberdade vem com a inteligência.

Mas, o que vem a ser inteligência? Poderá haver inteligência quando há medo, ou quando a mente está condicionada? Quando a sua mente está cheia de preconceitos, ou quando você imagina que é um ser humano maravilhoso, ou quando é muito ambicioso e deseja subir a escada do sucesso, material ou espiritualmente, pode acaso haver inteligência? Quando você está preocupado consigo mesmo, quando segue ou venera alguém, pode acaso haver inteligência? De fato, a inteligência aparece quando você compreende toda essa estupidez e rompe com ela. Portanto, você precisa começar a fazer isso; e a primeira coisa a fazer é tomar consciência de que sua mente não é livre. Você precisa observar como sua mente está presa por todas essas coisas, e, então, haverá um princípio de inteligência, a qual acarreta liberdade. Você tem que encontrar a resposta por si mesmo. Qual é a vantagem de alguma outra pessoa ser livre quando você não é, ou de outra pessoa ter alimento quando você padece fome?

Para ser criativo, o que implica ter realmente iniciativa própria, é preciso haver liberdade; e para haver liberdade é preciso haver inteligência. Portanto, você precisa inquirir e descobrir o que está entravando a sua inteligência. Precisa investigar a vida, tem de questionar os valores sociais, tudo, e não aceitar coisa alguma porque está com medo.

VI

Talvez possamos abordar o problema do medo ainda de um outro ângulo. O medo faz coisas extraordinárias a muitos de nós. Ele cria todo tipo de ilusões e de problemas. Até que penetremos nele em profundidade e verdadeiramente o compreendamos, o medo sempre distorcerá nossas ações. Ele torce nossas idéias e faz tortuosos os nossos caminhos; cria barreiras entre as pessoas e certamente destrói o amor. Portanto, quanto mais analisamos o medo, quanto mais o compreendemos e verdadeiramente nos libertamos dele, tanto maior será nosso contacto com tudo o que nos cerca. Atualmente, nossos contactos vitais com a vida são muito poucos, não é verdade? Mas se pudermos nos libertar do medo, teremos amplos contactos, compreensão profunda, simpatia real, consideração caridosa, e nossos horizontes serão mais amplos. Então, vejamos se podemos falar do medo de um ponto de vista diferente.

Será que vocês já perceberam que a maioria das pessoas quer ter algum tipo de segurança psicológica? Queremos segurança, alguém em quem nos apoiar. Da mesma forma que uma criancinha se agarra à mão da mãe, assim também queremos algo a que nos apegar; queremos alguém que nos ame. Sem a sensação de segurança, sem a salvaguarda mental, sentimo-nos perdidos, não é mesmo? Estamos acostumados a apoiarnos em alguém, a esperar que nos guiem e ajudem, e, sem esse apoio, sentimo-nos confusos, temerosos, não sabemos o que pensar, como agir. No momento em que nos vemos entregues a nós mesmos sentimo-nos sós, inseguros, incertos. Disso nasce o medo, não é verdade?

Portanto, queremos que alguma coisa nos dê uma sensação de certeza, e temos salvaguardas de muitos tipos. Temos proteções tanto interiores como exteriores. Quando cerramos as janelas e as portas de nossa casa e permanecemos em seu interior, sentimos que estamos bem seguros, imperturbados. Mas a vida não é assim. A vida está constantemente nos batendo à porta, tentando forçar nossas janelas, de modo que vejamos mais e mais; e se fechamos as portas por medo, corremos os trincos das janelas, as batidas só ficam mais altas. Quanto mais nos aproximamos da segurança, em qualquer de suas formas, mais vem a vida a empurrar-nos. Quanto mais tememos e nos fechamos, maior é nosso sofrimento, porque a vida não nos deixará em paz. Queremos

ter segurança, mas a vida diz que não podemos tê-la; e assim começa a nossa luta. Buscamos segurança na sociedade, na tradição, em nosso relacionamento com nossos pais e mães, com as nossas esposas ou maridos; mas a vida sempre irrompe através das paredes de nossa segurança.

Também buscamos segurança e conforto nas idéias, não é? Já observaram como nascem as idéias e como a mente se apega a elas? Você tem uma idéia de alguma coisa bela que viu quando saiu para dar um passeio, e sua mente volta àquela idéia, àquela lembrança. Você lê um livro e encontra uma idéia em que se apegar. Então precisa ver como surgem as idéias e como elas se tornam um meio de obter conforto e segurança interior, algo a que a mente se apegue.

Já refletiu sobre essa questão das idéias? Se você tem uma idéia e eu tenho uma idéia, e cada um de nós acha que sua própria idéia é melhor que a do outro, nós discutimos, não é? Tento convencê-lo, e você tenta convencer-me. O mundo todo está edificado sobre idéias e sobre o conflito que existe entre elas; e se analisar o problema, você verá que o simples fato de apegar-se a uma idéia não tem sentido. Mas já observou como seu pai, sua mãe, seus professores, suas tias e tios, todos se apegam ferrenhamente ao que pensam?

Ora, como surge uma idéia? Como passa alguém a ter uma idéia? Quando você tem a idéia de sair para um passeio, por exemplo, como essa idéia aparece? É muito interessante descobrir isto. Se observar, verá como uma idéia desse tipo toma corpo e como a sua mente se apega a ela, pondo de parte tudo o mais. A idéia de sair para dar um passeio é uma reação a uma sensação, não é? Você já saiu a passear antes e isso deixou uma sensação agradável; você quer fazer o mesmo de novo; assim a idéia é criada e posta em ação. Quando você vê um belo carro, há uma sensação, não há? A sensação provém precisamente de olhar o carro. A sua simples vista cria a sensação. Da sensação nasce a idéia: "eu quero aquele carro, é o meu carro" – e a idéia então se torna muito dominante.

Buscamos segurança nas posses e nas relações exteriores, bem como, interiormente, nas idéias e nas crenças. Eu acredito em Deus, em rituais; creio que deva casar-me de certo modo; creio em reencarnação, em vida após a morte; e assim por diante. Todas essas crenças são criadas por meus desejos, por meus preconceitos, e eu me apego a elas. Tenho seguranças externas, fora da minha pele, por assim dizer;

e também tenho seguranças internas; remova-as ou conteste-as, e ficarei com medo; eu o empurrarei para o lado, e lutarei contra você se você ameaçar minha segurança.

Ora, existirá isso de segurança? Compreendem? Nós temos idéias acerca de segurança. Podemos nos sentir seguros com nossos pais ou num dado emprego. Nosso modo de pensar, nosso modo de viver, nosso modo de encarar as coisas — com tudo isto podemos estar satisfeitos. A maioria fica muito feliz de poder cercar-se de idéias seguras. Mas poderemos jamais estar seguros, por mais salvaguardas exteriores e interiores que tenhamos? Externamente, nosso banco pode falir amanhã, nosso pai ou mãe pode morrer, pode acontecer uma revolução. Mas haverá alguma segurança em idéias? Gostamos de pensar que estamos seguros em nossas idéias, em nossas crenças, em nossos preconceitos; mas estaremos? Tudo isso são paredes irreais; são meras concepções nossas, meras sensações. Gostamos de crer que existe um Deus que está velando por nós, ou que renasceremos mais ricos, mais nobres do que agora. Pode ser que isso aconteça, ou pode ser que não aconteça. Então podemos ver por nós mesmos, se examinamos as seguranças exteriores e as interiores, que na vida não há absolutamente segurança alguma.

Se vocês perguntarem aos refugiados do Paquistão ou do leste da Europa, eles certamente lhes dirão que não há segurança exterior. Mas eles acham que há segurança interior e apegam-se a essa idéia. Vocês podem perder a sua segurança externa, mas ficarão, então, muito mais ansiosos por construir a sua segurança internamente, e não querem deixá-la desaparecer, o que implica maior medo.

Se amanhã, ou no prazo de alguns anos, seus pais lhes disserem com quem querem que vocês se casem, vocês ficarão com medo? Claro que não, porque vocês são criados para fazer exatamente o que lhes é determinado; vocês são educados por seus pais, pelo guru, pelo sacerdote, a pensar de acordo com certos princípios, a agir de certa maneira, a sustentar certas crenças. Mas se lhes pedissem para decidir por si mesmos, não ficariam completamente atarantados? Se seus pais lhes dissessem que se casassem com quem bem entendessem, vocês teriam um calafrio, não teriam? Tendo sido sempre condicionados pela tradição, pelo medo, vocês não querem que lhes seja permitido decidir por si mesmos. Ficar só é perigoso, e vocês não querem nunca ser deixados sós. Não

querem nunca tomar nenhuma decisão por conta própria. Nunca desejam ir passear sozinhos. Todos querem estar fazendo alguma coisa como formigas ativas. Têm medo de resolver qualquer problema, de enfrentar qualquer exigência da vida; e, estando amedrontados, fazem coisas caóticas e absurdas. Como um homem com uma tigela de mendigo, vocês aceitam sem refletir o que quer que se lhes ofereça.

Vendo todas essas coisas, uma pessoa realmente reflexiva passa a libertar-se de todo tipo de segurança, interior e exterior. Isso é extremamente difícil, porquanto significa que você está só — só, no sentido de que não é dependente. No momento em que você depende, há medo; e quando há medo, não há amor. Quando você ama, você não está só. A sensação de solidão só aparece quando você tem medo de ficar só e de não saber o que fazer. Quando se é controlado por idéias, isolado por crenças, o medo é inevitável; e quando você tem medo, está completamente cego.

Assim, os professores e os pais, conjuntamente, têm de resolver este problema do medo. Mas, infelizmente, seus pais temem o que vocês poderão fazer se não se casarem, ou se não conseguirem um emprego. Eles temem que vocês se desencaminhem na vida ou o que os outros digam, e, por causa desse medo, eles querem levá-los a fazer determinadas coisas. O medo deles está revestido do que chamam de amor. Eles querem cuidar de vocês, portanto vocês precisam fazer isto ou aquilo. Mas se vocês forem além da parede da chamada afeição ou consideração deles, verificarão que há medo gerado pela segurança de vocês, por sua respeitabilidade; e vocês também têm medo, porque têm dependido dos outros por muito tempo.

Eis por que é muito importante que vocês, desde cedo, comecem a contestar e a derrubar essas sensações de medo, de modo a não serem isolados por elas e a não se fecharem em idéias, tradições ou hábitos, para que sejam seres humanos livres, dotados de vitalidade criativa.

Pergunta: *Por que temos medo, mesmo sabendo que Deus nos protege?*

Krishnamurti: Isto é o que lhe disseram. Sua mãe, seu pai, seus irmãos mais velhos lhe disseram que Deus o protege; esta é uma idéia a que você se apega, e ainda assim subsiste o medo. Embora você tenha essa idéia, esse pensamento, esse sentimento de que Deus o protege, o fato

é que você tem medo. Seu medo é a coisa real, não a sua idéia de que vai ser protegido por Deus porque seus pais e sua tradição afirmam que vai.

Ora, o que está realmente acontecendo? Você *está sendo* protegido? Veja os milhões de pessoas que não estão sendo protegidas, que estão passando fome. Veja os camponeses que carregam fardos pesados, que têm fome, que estão sujos, que andam em farrapos. São *eles* protegidos por Deus? Porque você tem mais dinheiro que outros, porque você desfruta de uma certa posição social, porque seu pai é um alto funcionário do governo, ou coletor de impostos, ou um comerciante que astuciosamente logrou alguém, deverá você ser protegido, enquanto milhões de pessoas no mundo todo estão sem alimentação suficiente, sem roupas adequadas e mal-abrigadas? Você espera que os pobres e os famintos sejam protegidos pelo Estado, por seus empregadores, pela sociedade, por Deus; mas eles não vão ser protegidos. Na verdade, não há proteção, ainda que lhe agrade a idéia de que Deus o protegerá. Trata-se apenas de uma bonita idéia para apaziguar o medo; para que você não questione nada, mas se limite a crer em Deus. Partir da idéia de que você vai ser protegido por Deus não faz sentido. Mas, se você penetrar realmente em toda essa questão do medo, descobrirá então se Deus o protegerá.

Quando houver o sentimento de afeição, não haverá medo, não haverá exploração, e, então, não haverá problema.

Pergunta: *O que é a sociedade?*

Krishnamurti: O que é a sociedade? E o que é a família? Examinemos, passo a passo, como a sociedade é criada, de que modo ela passa a existir.

O que é a família? Quando você diz: "Esta é minha família", o que quer dizer? Seu pai, sua mãe, seu irmão e sua irmã, a sensação de proximidade, o fato de que vocês estão vivendo juntos na mesma casa, a sensação de que seus pais irão protegê-lo, a posse de certa propriedade, de jóias, de roupas – tudo isto é a base da família. Há outras famílias como a sua vivendo em outras casas, sentindo exatamente as mesmas coisas que você, tendo a sensação de "minha esposa", "meu marido", "meus filhos", "minha casa", "minhas roupas", "meu carro"; há muitas de tais famílias vivendo no mesmo pedaço de terra, e elas

passam a ter a impressão de que não devem ser invadidas por outras famílias. Então, elas passam a fazer leis. As famílias poderosas guindam-se a posições elevadas, adquirem grandes propriedades, possuem mais dinheiro, mais roupas, mais carros; elas se unem e organizam leis, e dizem ao resto de nós o que fazer. Assim, gradativamente, passa a existir uma sociedade com leis, regulamentos, policiais, com um exército e uma marinha. Por fim, toda a Terra passa a ser povoada por sociedades de vários tipos. Então, as pessoas passam a ter idéias antagônicas e querem subverter os que estão estabelecidos em altas posições, os que detêm todos os meios de poder. Elas destroem essa sociedade específica e formam outra.

A sociedade é o relacionamento entre as pessoas — o relacionamento entre uma pessoa e outra, entre uma família e outra, entre um grupo e outro, e entre o indivíduo e o grupo. O relacionamento humano é sociedade, o relacionamento entre você e eu. Se eu sou muito cobiçoso, muito astuto, se tenho grande poder e autoridade, vou empurrá-lo para fora; e você procurará fazer o mesmo comigo. Assim, fazemos leis. Mas vêm outros e anulam as nossas leis, estabelecendo outro conjunto de leis, e isto prossegue o tempo todo. Na sociedade, que é o relacionamento humano, há conflito constante. Esta é a base simples da sociedade, que se torna cada vez mais complexa à proporção que os próprios seres humanos se tornam mais e mais complexos em suas idéias, em seus desejos, em suas instituições e em suas indústrias.

Pergunta: *Podemos ser livres mesmo vivendo nesta sociedade?*

Krishnamurti: Se dependo da sociedade para obter minha satisfação e meu conforto, acaso posso ser livre? Se dependo de meu pai para ter afeto, dinheiro, para poder ter a iniciativa de fazer coisas, ou se dependo, de alguma forma, de algum guru, não sou livre, não é? Então, será possível ser livre enquanto se é psicologicamente dependente? Certamente, a liberdade só é possível quando tenho capacidade, iniciativa, quando me é dado pensar de forma independente, quando não tenho medo do que alguém diga, quando quero de fato encontrar a verdade e não sou cúpido, invejoso, ciumento. Enquanto eu for invejoso, cúpido, serei psicologicamente dependente da sociedade; e enquanto assim depender da sociedade não serei livre. Mas se deixar de ser cúpido, serei livre.

Pergunta: *Por que as pessoas querem viver em sociedade quando podem viver isoladas?*

Krishnamurti: Você pode viver isolado?

O autor da pergunta: *Eu vivo em sociedade porque meu pai e minha mãe vivem em sociedade.*

Krishnamurti: Para arranjar emprego e ganhar a vida, você não tem que viver na sociedade? Você pode viver isolado? Para obter alimento, roupas e abrigo, você depende de alguém. Não pode viver no isolamento. Nenhum ser é completamente só. Unicamente na morte você está só. Em vida você está sempre relacionado — a seu pai, a seu irmão, ao mendigo que pede, ao consertador de ruas, ao comerciante, ao coletor de impostos. Você está sempre em relação; e como não entende esse relacionamento, há conflito. Mas, se entender o relacionamento entre você e os outros, não haverá conflito, e então a questão de viver isolado não surgirá.

Pergunta: *Já que sempre estamos relacionados uns com os outros, não é certo que nunca poderemos ser absolutamente livres?*

Krishnamurti: Não compreendemos o que é relacionamento, relacionamento correto. Suponha que eu dependa de você para obter minha satisfação, para o meu conforto, para a minha sensação de segurança; como poderei ser livre? Mas se eu não dependo desse modo, ainda assim estou relacionado com você, não é mesmo? Dependo de você para obter algum tipo de conforto emocional, físico ou intelectual; portanto, não sou livre. Apego-me a meus pais porque quero alguma espécie de segurança, o que quer dizer que meu relacionamento com eles é de dependência, e está baseado no medo. Como então posso ter algum relacionamento livre? Só há liberdade no relacionamento quando não há medo. Portanto, para ter um relacionamento correto, preciso começar libertando-me dessa dependência psicológica que gera medo.

Pergunta: *Como podemos ser livres quando nossos pais dependem de nós em sua velhice?*

Krishnamurti: Porque eles são idosos, eles dependem de você para sustentá-los. Então o que acontece? Eles esperam que você ganhe o dinheiro que permita vesti-los e alimentá-los; e se o que você quer é tornar-se carpinteiro ou artista, ainda que com isso não ganhe dinheiro, eles dizem que não deve fazer isso, porque precisa sustentá-los. Pense um pouco nisso. Não estou dizendo que isso seja bom ou mau. Ao dizer que isso é bom ou mau, pomos fim ao raciocínio. A exigência por parte de seus pais de que você os sustente impede que você viva sua própria vida, e o fato de viver sua própria vida será considerado egoísta; portanto, você se torna escravo de seus pais.

Você talvez diga que o Estado deveria cuidar dos velhos mediante pensões e vários outros meios de seguro social. Mas num país superpovoado, com renda nacional insuficiente, falta de produtividade e tudo o mais, o Estado não pode cuidar dos velhos. Desse modo, pais idosos dependem dos jovens, e os jovens sempre se ajustam na trilha da tradição e são, desse modo, destruídos. Mas não me cabe discutir esse problema. Vocês todos devem refletir a respeito e encontrar uma solução.

Eu naturalmente desejo dar apoio a meus pais dentro de limites racionais. Mas suponha que eu também queira fazer alguma coisa pouco lucrativa. Imagine que eu queira tornar-me religioso e dedicar minha vida a procurar descobrir o que é Deus, o que é a verdade. Esse tipo de vida, com certeza, não me trará nenhum dinheiro, e se eu prosseguir nessa carreira, posso ter de abandonar a família — o que significa que ela provavelmente passará fome, a exemplo de milhões de outras pessoas. Que fazer? Enquanto eu tiver medo do que outras pessoas digam — que sou um filho irresponsável, que sou um filho indigno — nunca serei um ser humano criativo. Para ser alguém feliz e criativo preciso ter muita iniciativa.

Pergunta: *Seria digno de nossa parte permitir que nossos pais passassem fome?*

Krishnamurti: Você não está formulando isto da maneira correta. Imagine que eu queira mesmo me tornar um artista, um pintor, e sei que a

pintura vai me render bem pouco dinheiro. Que farei? Sacrificarei meu profundo impulso de pintar e tornar-me-ei um funcionário? Isso é o que em geral acontece, não é? Torno-me funcionário, e para o resto da vida, viverei em grande conflito, sentindo-me angustiado; e porque estou sofrendo, frustrado, infernizo a vida de minha esposa e de meus filhos. Mas se, como jovem artista, vejo a significação de tudo isto, digo a meus pais: "Desejo pintar e darei a vocês o que puder do pouco que tiver; só posso fazer isso."

Vocês fizeram algumas perguntas, e eu as respondi. Mas se não refletirem realmente sobre essas questões, se não as examinarem profundamente por si próprios, de forma cada vez mais profunda, enfocando-as de diferentes ângulos, examinando-as de diferentes modos, então vocês apenas dirão: "Isto é bom e aquilo é mau; isto é um dever e aquilo não é um dever; isto é certo e aquilo é errado" — e isto não os levará a nada. Por outro lado, se eu e vocês pensarmos sobre essas coisas juntos, e vocês, seus pais e professores as discutirem, indo ao fundo delas, então a sua inteligência será despertada, e quando esses problemas surgirem em sua vida cotidiana vocês serão capazes de enfrentá-los. Mas não serão capazes de enfrentá-los se se limitarem a acatar o que estou dizendo. Minhas respostas a suas perguntas têm unicamente por fim despertar-lhes a inteligência, de modo que vocês reflitam sobre esses problemas por si mesmos e, desse modo, sejam capazes de enfrentar a vida corretamente.

VII

Vocês sabem que eu venho falando sobre o medo; e é muito importante que tomemos consciência do medo. Vocês sabem como ele passa a existir? Por todo o mundo podemos ver que as pessoas são transtornadas pelo medo, têm as idéias, os sentimentos e as atividades torcidos pelo medo. Por isso, temos de examinar o problema do medo de todos os ângulos possíveis, não só do ponto de vista moral

e econômico da sociedade, mas também do ponto de vista de nossos conflitos psicológicos interiores.

Como já disse, o medo pela segurança exterior ou interior desorienta nossa mente e nos deturpa o pensamento. Espero que vocês tenham refletido um pouco sobre isso, porque quanto maior a clareza com que o considerem e lhe percebam a verdade, tanto mais livres estarão de todo tipo de dependência. As pessoas mais velhas não criaram uma sociedade maravilhosa; os pais, os ministros, os professores, os governantes, os sacerdotes não criaram um mundo bonito. Pelo contrário, criaram um mundo brutal e assustador, em que todos sempre estão lutando contra alguém; em que um grupo está contra outro, uma classe contra outra, uma nação contra outra, uma ideologia ou conjunto de crenças contra outra. O mundo em que vocês estão crescendo é horrível, é infeliz; nele, as pessoas mais idosas procuram sufocá-los com suas idéias, com suas crenças, com sua fealdade; e se vocês se limitarem a seguir o padrão horroroso dos mais idosos, que criaram esta sociedade monstruosa, qual será o sentido de se deixarem educar, qual o sentido até mesmo de viver?

Se olharem em torno, vocês verão que por todo o mundo há espantosa destruição e miséria humana. Vocês podem ler sobre guerras na história, mas não têm a experiência real delas, de como cidades são completamente destruídas, de como a bomba de hidrogênio, ao ser lançada numa ilha, faz a ilha toda desaparecer. Navios são bombardeados e vão pelos ares. Há uma terrível destruição devida ao assim chamado progresso, e é num mundo assim que vocês estão crescendo. Vocês podem viver uma época feliz enquanto são jovens, uma fase divertida; mas quando ficarem mais velhos, a não ser que permaneçam bem alertas, observando seus próprios pensamentos e sentimentos, vocês perpetuarão este mundo de batalhas, de ambições desmedidas, mundo em que cada qual compete com o próximo, em que há miséria, fome, superpopulação e doenças.

Por isso, enquanto vocês são jovens, não será acaso importantíssimo que sejam ajudados, pelo tipo certo de professor, a refletir sobre todas essas coisas, em lugar de serem apenas preparados para passar por alguns exames tediosos? A vida é sofrimento, morte, amor, ódio, crueldade, doença, inanição, e vocês precisam começar a considerar todas estas coisas. Aí está por que me parece bom que examinemos

juntos esses problemas, para que a inteligência de vocês desperte e vocês passem a ter algum sentimento real sobre todas essas coisas. Então não crescerão apenas para se casar e tornar-se funcionários alienados ou máquinas de procriar, perdendo-se nesse horrível modelo de vida como água e areia.

Uma das causas do medo é a ambição, não é? E porventura não são todos vocês ambiciosos? Qual é a sua ambição? Passar em algum exame? Tornar-se governador? Ou, se forem muito jovens, talvez só desejem ser maquinistas de trem, para guiar trens em cima de pontes. Mas por que motivo vocês são ambiciosos? Que quer isso dizer? Já pensaram nisso? Já observaram como os mais idosos são ambiciosos? Em sua própria família, já não ouviram seu pai ou tio falar sobre obter um maior salário ou ocupar alguma posição proeminente? Em nossa sociedade – e expliquei o que nossa sociedade é – todo mundo está fazendo isso, tentando alcançar o topo. Todos querem ser alguém, não é verdade? O funcionário quer tornar-se gerente, o gerente quer ser algo maior, e assim por diante indefinidamente – é a contínua faina do vir-a-ser. Se sou professor, quero tornar-me diretor; se sou diretor, quero tornar-me secretário da educação. Se você é feio, deseja ficar bonito. Ou quer ter mais dinheiro, mais roupas, mais mobília, mais casas, mais propriedades – mais e mais e mais. Não só exteriormente, mas interiormente também, no chamado sentido espiritual, você quer se tornar alguém, embora cubra essa ambição com um dilúvio de palavras. Não perceberam isso? E vocês acham que tudo está perfeitamente certo, não é? Vocês acham que isso tudo é perfeitamente normal, justificável, certo.

Agora, o que tem feito a ambição no mundo? Pouquíssimos de nós têm sequer pensado nisso. Ao ver um homem lutando para ganhar, para adquirir, para passar à frente de alguém, já se perguntaram o que está no coração dele? Se vocês olharem para o próprio coração, quando vocês mesmos são ambiciosos, quando estão lutando para se tornar alguém, em sentido espiritual ou terreno, vocês encontrarão ali o verme do medo. O homem ambicioso é o mais medroso dos homens, porque tem medo de ser o que é. Ele diz: "Se continuar sendo o que sou, não serei nada; portanto devo ser alguém, devo tornar-me magistrado, juiz, ministro." Se examinarem atentamente esse processo, se penetrarem a cortina das palavras e das idéias, se ultrapassarem as pa-

redes do *status* e do sucesso, descobrirão que o que existe é o medo; porque o homem ambicioso tem medo de ser o que é. Ele acha que aquilo que ele é, em si mesmo, é insignificante, pobre, feio; sente-se só, totalmente vazio, por isso diz: "Preciso realizar alguma coisa." Então, ou vai em busca do que chama de Deus, que é apenas uma outra forma de ambição, ou procura tornar-se alguém no mundo. Desse modo, sua solidão, sua sensação de vazio interior – que o amedronta deveras – é coberta. Ele foge disso, e a ambição torna-se o meio pelo qual pode escapar.

Então, o que está acontecendo no mundo? Todos estão lutando contra alguém. Um homem se sente inferior a outro e luta para alcançar o topo. Não há amor, não há consideração, não há pensamento profundo. Nossa sociedade é uma constante batalha de homens contra homens. Essa luta é fruto da ambição de vir a ser alguém, e as pessoas mais velhas os encorajam a ser ambiciosos. Eles querem que vocês se tornem alguém, que desposem um homem rico ou uma mulher rica, ou tenham amigos influentes. Sendo medrosos, feios em seus corações, eles procuram fazê-los semelhantes a eles; e vocês, de seu lado, *querem* ser iguais a eles, porque vêem o encanto disso tudo. Quando o governador aparece, todos se curvam para recebê-lo, dão-lhe grinaldas, fazem discursos. Ele gosta disso, e vocês também. Vocês se sentem honrados se lhe conhecem o tio ou o criado, e se deleitam ao sol da ambição dele, de suas realizações. Desse modo vocês são facilmente presos na teia horrorosa das gerações mais velhas, no padrão desta sociedade monstruosa. Só se estiverem muito alertas, mantendo-se constantemente vigilantes, só se não tiverem medo e não aceitarem tudo irrefletidamente, mas questionarem sempre as coisas – só, então, vocês escaparão de ser presos, irão além e criarão um mundo diferente.

Eis por que é importante que vocês encontrem a sua verdadeira vocação. Sabem o que quer dizer "vocação"? Algo que gostem de fazer, que lhes seja natural. Afinal de contas, é esta a função da educação – ajudá-los a se desenvolverem independentemente, de modo a ficarem livres da ambição e a poderem encontrar sua verdadeira vocação. O homem ambicioso nunca encontrou sua verdadeira vocação; se a tivesse encontrado não seria ambicioso.

Portanto, é responsabilidade dos professores e do diretor ajudá-los a ser inteligentes, intemeratos, para que possam encontrar a sua

verdadeira vocação, o seu próprio modo de vida, o modo por que queiram realmente viver e ganhar a vida. Isto implica uma revolução no pensamento; porque, em nossa atual sociedade, acredita-se que o homem que sabe falar, o homem que sabe escrever, o que sabe governar, o que possui um grande carro está numa posição maravilhosa; e o homem que moureja no jardim, que cozinha, que ergue uma casa, esse é desprezado.

Você tem consciência de seus próprios sentimentos quando vê um pedreiro, quando vê um consertador de ruas, ou um motorista de táxi, ou alguém puxando uma carroça? Já observou como lhe tem um desprezo absoluto? Para você ele mal chega a existir. Você o desconsidera; mas quando alguém tem algum título, ou é banqueiro, comerciante, guru, ou ministro, você imediatamente o respeita. Mas se você encontrar sua verdadeira vocação, ajudará a romper completamente este sistema podre; porque então, seja você jardineiro, pintor ou maquinista, estará fazendo algo que gosta de fazer com todo o seu ser; e isso não é ambição. Fazer algo maravilhosamente bem, fazê-lo completamente, verdadeiramente, de acordo com o que você pensa e sente profundamente — isso não é ambição e aí não há medo.

Ajudá-los a descobrir sua verdadeira vocação é muito difícil, porquanto significa que o professor tem de prestar muita atenção a cada aluno para descobrir do que o mesmo é capaz. Ele precisa ajudá-lo a não ter medo, mas a contestar, a questionar, a investigar. Você pode ser um escritor em potencial, ou poeta, ou pintor. Seja o que for, se você realmente gostar de fazê-lo, não será ambicioso; porque no amor não há ambição.

Por isso, não será importante, enquanto vocês são jovens, que os outros os ajudem a despertar sua própria inteligência e desse modo a encontrar sua verdadeira vocação? Então vocês amarão o que fizerem, por toda a vida, o que quer dizer que não haverá ambição, nem competição, nem luta contra outros por causa de posições, por causa de prestígio; e então talvez sejam capazes de criar um novo mundo. Nesse mundo novo, todas as coisas horríveis das gerações mais velhas cessarão de existir — suas guerras, seus malfeitos, seus deuses desunidores, seus rituais que não significam absolutamente nada, seus governos soberanos, sua violência. Eis por que a responsabilidade dos professores, e dos estudantes, é muito grande.

Pergunta: *Se alguém tiver a ambição de ser engenheiro, significará isto que está interessado em engenharia?*

Krishnamurti: Você diria que estar interessado em alguma coisa é ambição? Podemos dar muitos sentidos à palavra "ambição". Para mim, ambição é o resultado do medo. Mas se, como jovem, estou interessado em ser engenheiro porque quero construir belas estruturas, maravilhosos sistemas de irrigação, esplêndidas estradas, isto quer dizer que amo a engenharia; e isso não é ambição. No amor não há medo.

Portanto, ambição e interesse são coisas diferentes, não são? Se estou mesmo interessado em pintura, se amo pintar, então não estarei competindo para ser o melhor ou o mais famoso pintor. Eu apenas amo pintar. Você pode pintar melhor que eu, mas eu não me comparo com você. Quando pinto, eu amo aquilo que estou fazendo, e para mim isso me basta.

Pergunta: *Qual é o meio mais fácil de encontrar Deus?*

Krishnamurti: Receio que não haja um meio fácil, porque encontrar Deus é coisa muito difícil e árdua. O que chamamos Deus não será algo que a mente cria? Você sabe o que é a mente. A mente é o resultado do tempo e pode criar qualquer coisa, qualquer ilusão. Ela tem o poder de criar idéias, de projetar-se em fantasias, em imaginação; está constantemente acumulando, eliminando, escolhendo. Sendo preconceituosa, estreita, limitada, a mente pode delinear Deus, ela pode imaginar o que seja Deus, de acordo com suas próprias limitações. Porque certos instrutores, sacerdotes e chamados salvadores disseram que há Deus e o descreveram, a mente é capaz de imaginar Deus nesses termos; mas essa imagem não é Deus. Deus é algo que não pode ser encontrado pela mente.

Para compreender Deus, você precisa primeiro compreender a sua própria mente – o que é muito difícil. A mente é muito complexa, e compreendê-la não é fácil. Mas é bastante fácil sentar e embarcar em algum tipo de sonho, ter várias visões, ilusões, e depois pensar que se está muito próximo de Deus. A mente pode ludibriar-se muito. Assim, para realmente experimentar aquilo que se possa chamar Deus, você precisa estar completamente tranqüilo; e acaso não verificaram

já como isso é extremamente difícil? Nunca observaram que mesmo as pessoas mais velhas nunca se sentam e ficam quietas, como elas se agitam irrequietas, como movem os dedos e gesticulam com as mãos? Fisicamente, é difícil sentar e ficar quieto; muito mais difícil é a mente aquietar-se! Você pode seguir um guru e forçar a mente a aquietar-se; mas sua mente não estará realmente quieta. Ela ainda estará desassossegada como uma criança que se pôs de castigo num canto. É uma grande arte ter a mente completamente silenciosa sem coerção; e só então há a possibilidade de experimentar aquilo que se pode chamar de Deus.

Pergunta: *Deus está em toda parte?*

Krishnamurti: Você está mesmo interessado em descobrir? Você faz perguntas e depois se senta; você não ouve realmente. Já notaram como as pessoas mais idosas quase nunca ouvem vocês? Elas raramente os ouvem porque estão muito encerradas em seus próprios pensamentos, em suas próprias emoções, em suas próprias satisfações e tristezas. Espero que vocês tenham notado isto. Se souberem observar e ouvir, realmente ouvir, vocês descobrirão uma porção de coisas, não só sobre as pessoas mas também sobre o mundo.

Aqui está esse rapaz perguntando se Deus está em toda parte. Ele é muito novo para fazer esse tipo de pergunta. Não sabe o que ela realmente significa. Ele provavelmente tem alguma vaga idéia de alguma coisa – a sensação da beleza, uma percepção dos pássaros no céu, de águas correntes, de um rosto bonito, sorridente, de uma folha dançando ao vento, de uma mulher carregando um fardo. E há ira, ruído, tristeza – tudo isto está no ar. Então, ele está naturalmente interessado e ansioso por descobrir o que significa a vida. Ouve as pessoas mais velhas falarem sobre Deus e fica intrigado. É muito importante para ele fazer tal pergunta, não é mesmo? E é igualmente importante que todos vocês busquem a resposta; portanto, como eu disse outro dia, vocês começarão a captar o sentido de tudo isto interiormente, inconscientemente, no mais profundo de si mesmos; e então, à medida que crescerem, terão idéias de outras coisas além deste horroroso mundo de conflitos. O mundo é belo, a Terra é farta; mas nós a estragamos.

Pergunta: *Qual é o verdadeiro objetivo da vida?*

Krishnamurti: É, antes de tudo, aquilo que você faz dela. É o que você faz da vida.

Pergunta: *No que diz respeito à realidade, deve haver alguma outra coisa. Não estou particularmente interessado em ter um objetivo pessoal, mas quero saber qual é o objetivo de todo mundo.*

Krishnamurti: Como descobrir? Quem lhe mostrará isso? Poderá descobri-lo por meio da leitura? Se você ler, um autor poderá dar-lhe um método particular, enquanto outro poderá apresentar um método completamente diferente. Se você for a um homem que está sofrendo, ele dirá que o objetivo da vida é sermos felizes. Se for a um que esteja passando fome, que não tenha tido alimento suficiente durante anos, seu objetivo será forrar o estômago. Se for a um político, seu objetivo será tornar-se um dos governantes do mundo. Se perguntar isso a uma jovem, ela lhe dirá: "Meu objetivo é ter um bebê." Se for a um *sannyasi,* seu objetivo será encontrar a Deus. O objetivo, o desejo íntimo das pessoas é geralmente encontrar alguma satisfação, algum conforto; elas querem alguma forma de segurança, de modo a não terem dúvidas, questões, ansiedades, medos. A maioria quer algo permanente a que possa se apegar, não é?

Desse modo, o objetivo geral da vida para o homem é algum tipo de esperança, alguma espécie de segurança, alguma permanência. Não digam: "Apenas isso?" Esse é o fato imediato, e você precisa primeiro tomar plena consciência disso. Você precisa questionar tudo isso — o que quer dizer que precisa questionar-se. O objetivo geral da vida para o homem está embutido em você, porque você faz parte do todo. Você mesmo deseja segurança, permanência, felicidade; você deseja algo a que se apegar.

Ora, para descobrir se há algo além de tudo, alguma verdade que não seja produto da mente, temos que destruir todas as ilusões da mente; ou seja, você precisa entendê-las e afastá-las. Só então poderá descobrir a coisa real, haja ou não objetivo. Estipular que há um objetivo, ou crer que há um objetivo, é apenas outra ilusão. Mas se

Mas o que acontece geralmente? À medida que vocês crescem, essa sensação de dependência continua a existir, não é verdade? Não a observaram já em pessoas mais velhas, em seus pais e professores? Notaram como eles ainda dependem emocionalmente de suas esposas ou maridos, de seus filhos ou de seus próprios pais? Quando cresce, a maioria das pessoas ainda continua apegada a alguém; continua a ser dependente. Se não tiverem alguém em quem se apoiar, que lhes dê a sensação de conforto e segurança, as pessoas se sentem sós, não é assim? Elas se sentem perdidas. Essa dependência que temos em relação aos outros é chamada de amor; mas se vocês observarem isso de perto, verão que dependência é medo, e não amor.

A maioria de nós tem medo de ficar só; tem medo de pensar por si, medo de sentir profundamente, de explorar e descobrir todo o significado da vida. Por isso essas pessoas dizem que amam a Deus, e elas dependem daquilo a que chamam Deus; mas não é Deus, o desconhecido, é algo criado pela mente.

Fazemos o mesmo com um ideal ou uma crença. Creio em alguma coisa, ou entrego-me a um ideal, e isso me dá grande conforto; mas removam o ideal, removam a crença e eu estarei perdido. Ocorre o mesmo com um guru. Eu dependo porque quero receber, é então que há a dor do medo. É também isso o que ocorre quando vocês dependem dos pais ou dos professores. É natural e é certo que isso ocorra quando vocês são jovens; mas se continuarem dependendo depois de maduros, isso os tornará incapazes de pensar, de ser livres. Onde há dependência há medo, e onde há medo há autoridade, não amor. Quando seus pais dizem que vocês precisam obedecer, que devem seguir determinada tradição, que devem apenas aceitar um certo emprego ou só desempenhar uma certa qualidade de trabalho – em nada disso há amor. E não há amor em seus corações quando vocês dependem da sociedade no sentido de aceitarem a estrutura da sociedade tal qual ela é, sem discutir.

Homens e mulheres ambiciosos não sabem o que é o amor – e nós somos dominados por pessoas ambiciosas. Eis aí por que não há felicidade no mundo e por que é muito importante que vocês, à medida que crescem, vejam e compreendam tudo isto, e percebam por si mesmos se é possível descobrir o que é o amor. Vocês podem ter uma boa posição, uma casa excelente, um maravilhoso jardim, roupas; podem

tornar-se primeiros-ministros; mas, sem amor, nenhuma dessas coisas terá sentido algum.

Portanto, devem começar a descobrir agora – não esperar até serem velhos, porque então nunca descobrirão – o que é que realmente sentem em seus relacionamentos com seus pais, com seus professores, com o guru. Vocês não podem meramente aceitar a palavra "amor" ou qualquer outra palavra, mas devem ir além do sentido das palavras para ver o que é a realidade – sendo a realidade aquilo que realmente se sente e não o que se supõe sentir. Se vocês efetivamente se sentem ciumentos, ou irados, dizer "não devo ser ciumento, não devo me irar" é meramente um desejo, não tem realidade. O que importa é ver, com muita honestidade e clareza, o que é que estão sentindo no momento, sem trazer à baila o ideal de como *deveriam* sentir ou como sentirão em data futura, pois poderão então fazer algo a respeito. Mas dizer: "Eu *devo* amar meus pais, *devo* amar meus professores" não faz sentido, faz? Porque seus verdadeiros sentimentos são muito diferentes, e essas palavras se tornam uma cortina atrás da qual vocês se escondem.

Por isso, não é uma coisa inteligente ver além dos significados comumente aceitos das palavras? Palavras como "dever", "responsabilidade", "Deus", "amor", adquiriram um significado tradicional; mas uma pessoa inteligente, uma pessoa verdadeiramente educada vê além do significado tradicional de tais palavras. Por exemplo, se alguém lhes dissesse não acreditar em Deus, vocês ficariam escandalizados, não é verdade? Vocês diriam: "Ora, que coisa horrível!"; porquanto vocês acreditam em Deus – ao menos pensam que sim. Mas crer e não crer têm muito pouco sentido.

O que importa é ir além da palavra "amor" para ver se vocês realmente amam seus pais e se seus pais os amam realmente. Sem dúvida, se vocês e seus pais realmente se amassem, o mundo seria inteiramente diferente. Não haveria guerras, não haveria fome, não haveria diferenças de classes. Não haveria ricos e pobres. Vejam bem, sem amor nós procuramos reformar a sociedade economicamente, tentamos corrigir as coisas; mas enquanto não tivermos amor em nossos corações não poderemos criar uma estrutura social livre de conflito e de miséria. Aí está por que temos de esmiuçar essas coisas cuidadosamente; e, talvez, então, venhamos a descobrir o que é o amor.

Pergunta: *Por que há tristeza e miséria no mundo?*

Krishnamurti: Imagino se esse menino sabe o que querem dizer essas palavras. Ele provavelmente viu um burrinho sobrecarregado, com as pernas a ponto de quebrar, ou outro menino chorando, ou uma mulher espancando o filho. Talvez tenha visto pessoas mais velhas discutindo. E há a morte, o corpo sendo carregado para ser cremado; há o mendigo; há pobreza, doenças, velhice; há tristeza, não só fora de nós mas também em nosso íntimo. Então ele pergunta: "Por que há tristeza?" Vocês também não desejam saber? Nunca se perguntaram a causa de suas próprias tristezas? Que é a tristeza e por que ela existe? Se eu desejo alguma coisa e não a posso obter, sinto-me miserável; se desejo ter mais roupas, mais dinheiro, ou se quero ser mais belo, e não possuo o que quero, sou infeliz. Se quero amar certa pessoa e tal pessoa não me quer amar, sinto-me miserável. Meu pai morre, e entristeço-me. Por quê?

Por que nos sentimos infelizes quando não podemos ter o que queremos? Por que haveríamos necessariamente de ter o que desejamos? Acreditamos ser nosso direito, não é? Mas já nos teremos perguntado por que haveríamos de possuir o que queremos, quando milhões não conseguem possuir sequer o que *necessitam*? E, de resto, por que o queremos? Há a nossa necessidade de alimento, roupa e abrigo; mas não estamos satisfeitos com isso. Queremos muito mais. Queremos sucesso, queremos ser respeitados, amados, considerados; queremos ser poderosos, queremos ser poetas famosos, santos famosos, oradores famosos, queremos ser primeiros-ministros, presidentes. Por quê? Já refletiram nisso? Por que desejamos todas essas coisas? Não que devamos ficar satisfeitos com o que somos. Não é isso que quero dizer. Isso seria horrível, seria tolo. Mas por que essa constante ânsia por mais, mais e mais? Essa ânsia indica que estamos insatisfeitos, descontentes; mas com quê? Com o que somos? Eu sou *isto*, não gosto do que sou, então quero ser *aquilo*. Penso que parecerei muito melhor num novo casaco ou num novo *sari*, então eu o desejo. Isto quer dizer que estou insatisfeito com aquilo que sou, e creio que posso escapar de meu descontentamento adquirindo mais roupas, mais poder, e assim por diante. Mas a insatisfação ainda está aí, não está? Eu simplesmente a cobri de roupas, de poder, de carros.

Por conseguinte, temos de descobrir como entender aquilo que somos. Simplesmente cobrir-nos com posses, com poder e posição, não tem sentido, porquanto, ainda assim, seremos infelizes. Vendo isso, a pessoa infeliz, a pessoa que está triste, não corre para gurus, não se esconde em suas posses, em seu poder; pelo contrário, ela quer saber o que está por trás de sua tristeza. Se você for ao fundo da sua própria dor, verificará que você é muito pequeno, vazio, limitado, e que está lutando para adquirir, para vir a ser. Essa mesma luta para adquirir, para se tornar alguma coisa, é a causa do sofrimento. Mas se começar a compreender aquilo que você realmente é, e se se aprofundar cada vez mais nisso, verificará então que algo completamente diferente acontecerá.

Pergunta: *Se um homem está passando fome e eu sinto que posso ajudá-lo, é isso ambição ou amor?*

Krishnamurti: Tudo depende do motivo pelo qual você o ajuda. Alegando ser favorável ao amparo à pobreza, o político chega a Nova Delhi, vive numa bela casa e exibe-se. Isso é amor? Compreendeu? Isso é amor?

Pergunta: *Se eu alivio a fome dele com a minha ajuda, isso não é amor?*

Krishnamurti: Ele está faminto e você o ajuda com comida. Isso é amor? Por que você deseja ajudá-lo? Não terá você outro motivo, nenhum outro incentivo, além do desejo de ajudá-lo? Você não obtém nenhum benefício advindo daí? Examine isso; não diga "sim" ou "não". Se você está aí procurando algum benefício, político ou não, algum benefício interior ou exterior, então você não o ama. Se você o alimenta para tornar-se mais popular, ou na esperança de que, assim, seus amigos o ajudarão a chegar a Nova Delhi, então isso não é amor, é? Mas se você o ama, você o alimentará sem abrigar nenhum motivo oculto, sem querer nada em troca. Se você o alimenta e ele se mostra ingrato, você se sente magoado? Se assim for, você não o ama. Se ele diz a você e aos demais cidadãos que você é um homem maravilhoso, e você se sente muito lisonjeado, isso significa que você está pensando em si mesmo, e certamente isso não é amor. Portanto, é preciso estar muito alerta para descobrir se estamos auferindo algum tipo de bene-

fício ao ajudar os outros e qual é o motivo que nos leva a alimentar o faminto.

Pergunta: *Suponha que eu queira ir para casa e o Diretor não deixe. Se eu desobedecer, terei de enfrentar as conseqüências. Se obedecer, ficarei com o coração partido. Que devo fazer?*

Krishnamurti: Você quer dizer que não pode discutir o assunto com o Diretor, que não pode tomá-lo por confidente e mostrar-lhe o problema? Se ele for o tipo certo de Diretor, você poderá confiar nele, discutir o problema com ele. Se, apesar de tudo, ele ainda disser que você não deve ir para casa, é possível que ele só esteja sendo obstinado, o que significa que há algo errado com o Diretor; mas ele pode ter boas razões para dizer "não", e você precisará verificar isso. Portanto, isso requer confiança mútua. Você precisa ter confiança nele, e ele deve ter confiança em você. A vida não é apenas uma relação unilateral. Você é um ser humano; também o Diretor é um ser humano, e também ele pode cometer erros. Por isso, ambos devem estar dispostos a discutir o problema. Você pode querer muito ir para casa, mas isso pode não ser o bastante; seus pais podem ter escrito ao Diretor para que não o deixasse ir para casa. Deve haver uma investigação mútua, não é mesmo? Para que você não fique magoado, para que não se sinta maltratado ou brutalmente rejeitado; e isso só pode acontecer quando você tem confiança no professor e ele tem confiança em você. Em outras palavras, é preciso haver real amor; e um ambiente assim é o que uma escola deveria proporcionar.

Pergunta: *Por que não devemos fazer* puja*?*

Krishnamurti: Já verificou por que as pessoas mais velhas fazem *puja*? Elas estão copiando, não estão? Quanto mais imaturos formos, mais desejaremos copiar. Já observou como as pessoas gostam de uniformes? Portanto, antes de perguntar por que não devemos fazer *puja*, pergunte às pessoas mais velhas por que *elas* o fazem. Elas o fazem, antes de tudo, por que é tradição; seus avós o fizeram. Depois, a repetição de palavras dá-lhes uma certa sensação de paz. Você compreende isto? Palavras constantemente repetidas entorpecem a mente, e isto lhes dá uma sen-

sação de tranqüilidade. As palavras sânscritas, especialmente, têm certas vibrações que as fazem sentir-se muito tranqüilas. As pessoas mais velhas também fazem *puja* porque todos os demais o estão fazendo; e você, sendo jovem, deseja copiá-los. Deseja fazer *puja,* porque alguém lhe diz que é a coisa certa a fazer? Você quer fazê-lo por encontrar um agradável efeito hipnótico na repetição de certas palavras? Antes de fazer qualquer coisa, não deveria descobrir por que deseja fazê-la? Mesmo que milhões de pessoas acreditem no *puja,* não deverá você usar a sua própria mente para descobrir o verdadeiro significado do *puja?*

Veja bem, a mera repetição de palavras sânscritas, ou de certos gestos, não o ajudará realmente a descobrir a verdade, a encontrar Deus. Para tanto, você precisa aprender a meditar. Mas isso é uma questão muito diferente — muito diferente de fazer *puja.* Milhões de pessoas fazem *puja;* e isso porventura nos tem acarretado um mundo melhor? São essas pessoas criativas? Ser criativo é ser pleno de iniciativa, cheio de amor, de bondade, de simpatia e consideração. Se como um menininho você começa a fazer *puja* e continua sempre a repeti-lo, tornar-se-á como uma máquina. Mas se começar a questionar, a duvidar, a inquirir, então talvez você descubra como meditar. E a meditação, se a souber praticar adequadamente, é uma das melhores bem-aventuranças.

IX

Penso que não compreenderemos o complexo problema do amor enquanto não compreendermos o problema igualmente complexo que chamamos de mente. Já notaram, como somos curiosos quando somos muito jovens? Queremos saber e vemos muito mais coisas do que os mais velhos. Se estivermos despertos, observaremos coisas que os mais velhos nem percebem. A mente, quando jovem, é muito mais alerta, muito mais curiosa. É por isso que aprendemos, com tanta facilidade, matemática, geografia ou o que for. Quando ficamos mais velhos, a mente se torna mais e mais cristalizada, pesada, entorpecida. Já observaram como os mais velhos, em sua maioria, são preconceituosos? A mente deles não é aberta, eles observam tudo de um ponto de vista

fixo. Vocês agora são jovens; mas, se não forem muito vigilantes, suas mentes também ficarão assim.

Não será, pois, importante, compreender a mente, e ver se em vez de irem ficando entorpecidos aos poucos, vocês podem ser flexíveis, capazes de ajustamentos instantâneos, de extraordinária iniciativa, ou de realizarem pesquisas profundas e de terem uma grande compreensão em todos os setores da vida? Não será preciso conhecer o funcionamento da mente para compreender o amor? Porquanto, é a mente que destrói o amor. As pessoas simplesmente inteligentes, espertas, não sabem o que é o amor, porque suas mentes, embora agudas, são superficiais; elas vivem na superfície, e o amor não é uma coisa que exista na superfície.

O que é a mente? Não me refiro apenas ao cérebro, organismo físico que reage a estímulos através de várias respostas nervosas, e a respeito do qual qualquer fisiologista lhes poderá falar. Antes, pretendemos descobrir o que é a mente. A mente que diz: "penso"; "isto é meu"; "estou magoado"; "tenho ciúmes"; "amo"; "odeio"; "sou indiano"; "sou muçulmano"; "acredito nisto e não acredito naquilo"; "eu sei e você não sabe"; "eu respeito"; "eu desprezo"; "eu quero"; "eu não quero" – que coisa é esta? A não ser que comecem agora a entender e a familiarizar-se bem com todo o processo do pensamento que se chama mente, a menos que estejam plenamente conscientes dele em si mesmos, vocês gradativamente, à proporção que forem envelhecendo, se endurecerão, se cristalizarão, se entorpecerão, fixar-se-ão num certo modelo de pensamento.

Que coisa é esta que chamamos de mente? É o nosso modo de pensar, não é? Estou falando da *sua* mente, não da mente de nenhuma outra pessoa – o modo como você pensa e sente, o modo como observa as árvores, os pescadores, o modo como considera o aldeão. Suas mentes, enquanto vocês envelhecem, tornam-se aos poucos deformadas ou fixas em certos padrões. Vocês querem alguma coisa, anseiam por ela, desejam ser ou tornar-se algo, e esse desejo estabelece um padrão; isto é, sua mente cria um padrão e fica presa a ele. Seu desejo cristaliza suas mentes.

Digamos, por exemplo, que vocês queiram ser muito ricos. O desejo de ser rico cria um padrão, e seu pensamento fica preso a ele; vocês só podem pensar naqueles termos, e não podem ir além. Por-

tanto, suas mentes, aos poucos, se tornam cristalizadas, ficam duras, entorpecidas. Ou, se vocês acreditam em alguma coisa – em Deus, no comunismo, em certo sistema político –, essa mesma crença estabelece o padrão, porquanto é o resultado de seu desejo; e o desejo de vocês fortifica as paredes do padrão. Aos poucos, sua mente se torna incapaz de um rápido ajustamento, de penetração profunda, de real clareza, porque vocês estão presos no labirinto de seus próprios desejos.

Portanto, enquanto não começamos a investigar esse processo a que chamamos mente, enquanto não nos familiarizarmos com nosso modo de pensar e o compreendermos, não poderemos descobrir o que é o amor. Não pode haver amor enquanto nossas mentes desejarem certas coisas do amor ou exigirem que ele atue de determinada forma. Quando imaginamos o que deve ser o amor e lhe damos certos motivos, criamos gradativamente um padrão de ação com relação ao amor; mas isso não é amor, é meramente nossa idéia do que deve ser o amor.

Digamos, por exemplo, que eu tenha minha esposa ou marido, como vocês têm um *sari* ou um casaco. Se alguém lhes tomar o casaco, vocês ficarão ansiosos, irritados, encolerizados. Por quê? Porque consideram esse casaco propriedade sua; vocês o possuem, e através de sua posse vocês se sentem enriquecidos, não é? Mediante a posse de muitas roupas vocês se sentem enriquecidos, não só fisicamente, mas também interiormente; e quando alguém lhes leva o casaco, vocês ficam irritados porque interiormente estão sendo privados daquela sensação de riqueza, daquela sensação de posse.

Ora, a sensação de posse cria uma barreira com relação ao amor, não é mesmo? Se eu tenho alguém, se o possuo, será isso amor? Eu o possuo como quem possui um carro, um casaco, um *sari*, porque na posse sinto-me muito satisfeito, e dependo dessa sensação; ela me é muito importante interiormente. Essa sensação de propriedade, de posse de alguém, essa dependência emocional a outrem, é o que chamamos de amor; mas se examinarem isso, verificarão que, por trás da palavra "amor", a mente está tendo satisfação na propriedade. Afinal, quando possuímos muitos *saris* bonitos, ou um belo carro, ou uma grande casa, a sensação de que isso tudo são coisas nossas nos dá interiormente grande satisfação.

Por isso, ao desejar, a mente cria um padrão e fica presa nesse padrão; e então fica cansada, entorpecida, estúpida, alheada. A mente

é o centro dessa sensação de posse, a sensação de "eu" e de "meu": "eu possuo alguma coisa", "sou um grande homem", "sou um desprezível", "sou insultado", "sou lisonjeado", "sou esperto", "sou muito bonita", "quero ser alguém", "sou o filho ou a filha de alguém". Essa sensação de "eu" e de "meu" é o próprio centro da mente, é a própria mente. Quanto mais a mente tiver essa sensação de ser alguém, de ser grande ou muito esperta, ou muito estúpida, e assim por diante, tanto mais construirá paredes em torno de si mesma e se encerrará, entorpecendo-se. Então ela sofre, pois nesse encerramento inevitavelmente há dor. E, porque sofre, a mente diz: "que devo fazer?". Mas em lugar de derrubar as paredes que a sufocam por meio da consciência, da reflexão cuidadosa, do exame detido e profundo e da compreensão de todo o processo por meio do qual elas são edificadas, a mente luta para encontrar alguma outra coisa externa com que encerrar-se novamente. Assim, a mente se torna aos poucos uma barreira para o amor; e sem compreender o que é a mente, o que seja entender os processos de nosso próprio pensar, a fonte interna da ação, não poderemos descobrir o que é o amor.

Não é a mente também um instrumento de comparação? Sabem o que significa comparar? Dizemos: "Isto é melhor que aquilo"; comparamo-nos com alguma outra pessoa mais bonita ou menos inteligente. Há comparação quando se diz: "Lembro-me de um rio que vi no ano passado e ele ainda me parece mais bonito do que este." Você se compara com um santo ou com um herói, com o ideal último. Esse juízo comparativo entorpece a mente; não a aviva, não a torna abrangente, inclusiva. Quando se está constantemente comparando, que acontece? Quando você vê um pôr-do-sol e imediatamente o compara com um pôr-do-sol anterior, ou quando diz: "Essa montanha é bonita, mas vi outra ainda mais bonita há dois anos", você não está realmente olhando a beleza que tem diante de si. Assim sendo, a comparação impede que você veja plenamente. Se, ao olhar para você eu digo: "Conheço outra pessoa mais bonita", não estarei realmente olhando para você, não é mesmo? Minha mente está ocupada com alguma outra coisa. Para verdadeiramente contemplar um pôr-do-sol, é preciso não haver nenhuma comparação: para realmente ver você, é preciso que eu não o compare com ninguém. Só quando o vejo verdadeiramente, não com juízos comparativos, poderei entendê-lo. Quando o comparo a alguém,

não o compreendo, apenas julgo-o, digo que você é isto ou aquilo. Portanto, a estupidez surge quando há comparação, pois quando comparo você a alguém há uma falta de dignidade humana. Mas, quando o considero sem fazer comparações, meu único interesse é compreendê-lo, e nesse interesse, que não é comparativo, há inteligência, há dignidade humana.

Enquanto a mente estiver comparando não haverá amor; e ela está sempre comparando, ponderando, julgando, não é mesmo? Está sempre buscando encontrar fraquezas; logo, não há amor. Quando mãe e pai amam os filhos, eles não comparam um filho com outro. Mas vocês se comparam com alguém melhor, mais nobre, mais rico; estão sempre preocupados consigo mesmos em relação a alguma outra pessoa e, assim, criam em si próprios uma ausência de amor. Desse modo, a mente se torna cada vez mais comparadora, mais e mais possessiva, mais e mais dependente, estabelecendo assim um padrão em que se vê presa. Porque é incapaz de contemplar seja o que for como uma novidade, como uma coisa realmente nova, ela destrói o próprio perfume da vida, que é o amor.

Pergunta: *O que devemos pedir a Deus?*

Krishnamurti: Você está muito interessado em Deus, não é? Por quê? Porque sua mente está pedindo algo, desejando algo. Então ela está constantemente agitada. Se estou pedindo ou esperando alguma coisa de você, minha mente fica agitada, não é verdade?

Este menino quer saber o que deve pedir a Deus. Ele não sabe o que é Deus, ou o que realmente quer. Mas há uma sensação difusa de apreensão, o sentimento de que "deve pedir, deve rezar, precisa ser protegido". A mente está sempre buscando obter alguma coisa em todo lugar; está sempre desejando, captando, observando, pressionando, comparando, ajuizando, e desse modo nunca está quieta. Observem as suas próprias mentes e verão o que elas estão fazendo, de que modo elas tentam controlar-se, dominar, suprimir, encontrar alguma forma de satisfação; como estão constantemente pedindo, suplicando, lutando, comparando. Consideramos muito alerta uma mente assim; mas será mesmo? Sem dúvida, uma mente alerta é uma mente quieta, não uma que, como borboleta, esteja saltitando de um lado

para outro. E só uma mente quieta pode entender o que é Deus. Uma mente quieta nunca pede nada a Deus. Só a mente pobre pede, suplica. Aquilo que ela pede nunca pode obter, porque o que realmente deseja é segurança, conforto, certeza. Se você pedir alguma coisa a Deus, nunca encontrará Deus.

Pergunta: *O que é a verdadeira grandeza e como poderei ser grande?*

Krishnamurti: Veja, o mal é que desejamos ser grandes. Todos queremos ser grandes. Queremos ser um Gandhi ou um primeiro-ministro, queremos ser grandes inventores, grandes escritores. Por quê? No ensino, na religião, em todos os setores da vida temos exemplos. Os grandes poetas, os grandes oradores, os grandes estadistas, os grandes santos, os grandes heróis — esse pessoal é tido como exemplo, e queremos ser como eles.

Ora, quando você quer ser igual a um outro, você cria um modelo de ação, não é? Você impõe uma limitação a seu pensamento, constrange-o com certos limites. Assim, seu pensamento já se tornou cristalizado, estreito, limitado, endurecido. Por que você deseja ser grande? Por que não olha para o que você é e o compreende? Veja bem, no momento em que deseja ser semelhante a outro, há miséria, conflito, há inveja, tristeza. Se você quiser ser semelhante ao Buda, o que acontece? Você luta eternamente para atingir esse ideal. Se você for estúpido e ansiar por se tornar inteligente, estará constantemente procurando deixar o que você é e ir além disso. Se você é feio e quer ser belo, você quererá ser belo até morrer, ou você se ludibria acreditando que é belo. Assim sendo, enquanto estiver tentando ser alguma coisa diferente daquilo que você na realidade é, sua mente só se estará cansando. Mas se você disser: "É isto o que eu sou, é um fato, e vou investigá-lo, compreendê-lo", então poderá ir além; pois verá que a compreensão daquilo que você é, traz grande paz e contentamento, grande compreensão, grande amor.

Pergunta: *O amor não se baseia em atração?*

Krishnamurti: Imagine-se atraído por uma bela mulher. Que há de errado nisso? Estamos procurando descobrir. Veja bem, quando você é atraído por uma mulher, por um homem, ou por uma criança, o que acon-

tece geralmente? Você não só deseja estar em companhia dessa pessoa, mas também deseja apropriar-se dela e chamá-la de sua. Seu corpo precisa estar perto do corpo dessa pessoa. Então, o que fez você? O fato é que, quando atraído, você quer possuir, não quer que essa pessoa olhe para mais ninguém; e quando você considera outro ser humano como propriedade sua há aí amor? Obviamente não. No momento em que sua mente cria uma cerca, como o "meu" em torno dessa pessoa, não haverá amor.

O fato é que nossas mentes estão fazendo isso continuamente. É por isso que estamos discutindo essas coisas — para ver como a mente está operando; e, talvez, estando consciente de seus próprios movimentos, a mente fique quieta por si mesma.

Pergunta: *O que é a oração? Tem ela alguma importância na vida cotidiana?*

Krishnamurti: Por que você reza? E o que é rezar? A maioria das orações é só súplica e pedidos. Você cai nesse tipo de oração quando sofre. Quando se sente só, quando está deprimido e angustiado, você pede auxílio a Deus; então o que você chama de oração é uma petição. A forma da oração pode variar, mas a intenção, por trás dela, é geralmente a mesma. Rezar, para a maioria das pessoas, é pedir, é suplicar. Você está fazendo isto? Por que reza? Não estou dizendo que você deva ou não rezar. Mas por que você reza? É por mais conhecimento, por mais paz? Reza para que o mundo fique livre do sofrimento? Haverá algum outro tipo de reza? Há oração que não é realmente uma oração, mas o envio de boa-vontade, a emissão de amor, a emissão de idéias. Que está você fazendo?

Quando reza, geralmente você pede a Deus, ou a algum santo, que encha sua tigela vazia, não é? Você não está satisfeito com o que acontece, com o que lhe é dado; você quer sua tigela cheia de acordo com seus desejos. Assim, a sua oração é meramente uma petição; é um requerimento no sentido de que você seja satisfeito, portanto, não é realmente uma prece. Você diz a Deus: "estou sofrendo, faça o favor de me satisfazer; faça o favor de devolver meu irmão, meu filho. Por favor, torne-me rico". Você está perpetuando suas próprias petições, e isso, obviamente, não é rezar.

O que realmente importa é que você se compreenda e veja por que está perpetuamente pedindo algo, por que há em você essa necessidade, esse impulso de pedir. Quanto mais você se conhecer através da conscientização daquilo que estiver pensando, do que estiver sentindo, tanto mais você descobrirá a verdade do que *é;* e é esta a verdade que o ajudará a ser livre.

X

Creio ser muito importante saber ouvir. Se você souber ouvir, chegará à raiz do assunto imediatamente. Se você ouvir um som puro, terá contacto imediato com a beleza disso. Da mesma forma, se você soubesse ouvir o que está sendo dito, haveria compreensão imediata. O ouvir é a focalização completa da atenção. Você pensa que prestar atenção é uma coisa cansativa, que aprender a concentrar-se é um processo exaustivo. Mas se você realmente souber ouvir, então a atenção não será difícil, e você verificará que chegará ao cerne da matéria imediatamente com uma extraordinária rapidez.

A maioria não ouve realmente. É distraída por ruídos externos, ou tem alguns preconceitos, algumas prevenções que lhes distorce a mente, e isso impede que vocês ouçam o que realmente se diz. Isso acontece sobretudo com as pessoas mais velhas, porque elas têm uma longa série de realizações e de fracassos à sua retaguarda; elas são alguém ou ninguém no mundo, e é muito difícil penetrar as camadas de suas formulações, seus preconceitos. Sua imaginação, seu condicionamento, seu senso de realização não permitirão que aquilo que se está dizendo penetre nelas. Mas se soubermos ouvir o que estiver sendo dito, se o pudermos ouvir sem nenhuma barreira, sem nenhuma interpretação, apenas ouvir como ouviríamos o cantar de um pássaro pela manhã, então o ouvir será uma coisa extraordinária, especialmente quando alguma verdade estiver sendo dita. Talvez não gostemos dela, podemos instintivamente resistir-lhe; mas, se soubermos realmente ouvir, ver-lhe-emos a verdade. Assim, o verdadeiro ouvir alivia a mente, remove o entulho de muitos anos de fracasso, de sucesso, de anseio.

Vocês sabem o que vem a ser propaganda, não é? É propalar, semear ou constantemente repetir uma idéia. É assim que o propagandista, o político, o líder religioso imprime em suas mentes o que ele quer que vocês creiam. Há um ouvir envolvido nesse processo também. Essas pessoas repetem constantemente o que você deve fazer, os livros que precisa ler, a quem deve seguir, quais idéias são certas e quais são erradas; e essa repetição constante deixa uma marca em sua mente. Mesmo que não ouça conscientemente, ela está causando uma impressão, e é esse o objetivo da propaganda. Mas, vejam bem, a propaganda é apenas interesse paramentado, ela não leva àquela verdade que você entende de pronto quando está realmente ouvindo, quando está prestando atenção sem esforço.

Vocês agora estão me ouvindo; não estão fazendo esforço para prestar atenção, estão simplesmente ouvindo; e se houver verdade naquilo que ouvem, vocês verificarão uma extraordinária mudança ocorrer em si mesmos – mudança que não é premeditada ou desejada, uma transformação, uma completa revolução em que só a verdade é mestre e não as criações de sua própria mente. E se me permitem sugerir, vocês deveriam ouvir desse modo todas as coisas – não só aquilo que estou dizendo, mas também o que os outros dizem, os pássaros, o apito de uma locomotiva, o ruído de um ônibus afastando-se. Vocês verão que quanto mais ouvirem tudo, maior será o silêncio, e esse silêncio não será então quebrado por ruídos. Só quando estamos resistindo a alguma coisa, quando estamos erguendo uma barreira entre nós e aquilo que não queremos ouvir – só então é que há luta.

Ora, não será muito importante ser aprimorado, não só exteriormente como também interiormente? Sabem o que é aprimoramento? É sermos sensíveis a tudo o que nos cerca, e também aos pensamentos, às crenças, aos sentimentos que temos dentro de nós. O aprimoramento reflete-se em nossas roupas, em nossas maneiras, em nossos gestos, em nosso modo de caminhar, em nosso modo de falar, no modo de olharmos para as pessoas. E o aprimoramento é essencial, não é? Pois, sem aprimoramento, há deterioração.

Sabem o que significa deteriorar-se? É o contrário de criar, de construir, de ter a iniciativa de mover para diante, de desenvolver. Deterioração implica lenta decadência, atrofia – e é isto o que está acontecendo no mundo. Nas faculdades e universidades, entre as nações,

entre as pessoas, no indivíduo, há uma lenta decadência; o processo de deterioração está ocorrendo continuamente, e isto porque não há aprimoramento interior. Vocês podem ter uma certa porção de aprimoramento exterior, podem vestir roupas finas, morar numa bela casa, ingerir boa comida, observar uma higiene escrupulosa; mas, sem aprimoramento interior a perfeição exterior da forma tem pouco significado. É apenas outra forma de deterioração. Ter belas posses mas ser interiormente grosseiro, isto é, preocupar-se com a própria vaidade e grandeza, com as próprias ambições e realizações, é o processo da deterioração.

Há a beleza da forma na poesia, ou numa pessoa, ou numa árvore, mas isso só terá sentido através do aprimoramento interior do amor. Se houver amor, haverá aprimoramento tanto externa quanto internamente. O aprimoramento é expresso externamente na consideração pelos outros, no modo como vocês tratam seus pais, seus vizinhos, seu criado, seu jardineiro. O jardineiro pode ter criado para você um bonito jardim, mas sem esse aprimoramento que é amor, o jardineiro será uma mera expressão de sua vaidade.

Por isso, é essencial ter aprimoramento exterior e interiormente. Seu modo de comer importa muito; se você faz ruído ao comer, isso importa muitíssimo. O modo como você se comporta, suas maneiras quando está com os amigos, seu modo de falar sobre os outros – todas essas coisas importam, porque indicam o que você é interiormente, elas indicam se você tem ou não refinamento interior. A falta de refinamento interior exprime-se na exterior degeneração da forma; portanto, o refinamento exterior tem pouca significação se não há amor. E já vimos que o amor não é uma coisa que possamos possuir. Ele surge apenas quando a mente compreende os complexos problemas que ela própria criou.

Pergunta: *Por que sentimos orgulho quando somos bem-sucedidos?*

Krishnamurti: O sucesso causa orgulho? Que é o sucesso? Você já considerou o que significa ser bem-sucedido como escritor, como poeta, como pintor, como homem de negócios ou político? Sentir que você interiormente obteve um certo controle sobre si mesmo que os outros não têm, ou que você foi bem-sucedido onde outros fracassa-

ram; sentir que você é melhor que outra pessoa, que se tornou um homem bem-sucedido, que é respeitado, admirado pelos outros, tido como exemplo – que é que tudo isso indica? Certamente, quando você tem esse sentimento, então há orgulho: *Eu* realizei alguma coisa, *eu* sou importante. O sentimento do "eu" é em sua própria natureza uma sensação de orgulho. Assim, o orgulho cresce com o sucesso; uma pessoa se orgulha de ser muito importante em comparação com outras. Essa comparação com outros existe também em sua busca do exemplo, do ideal e lhe dá esperança, lhe dá força, propósito, direção, o que só fortalece o "eu", a agradável sensação de que se é muito mais importante do que alguma outra pessoa; e essa sensação, esse sentimento de prazer, é o começo do orgulho.

O orgulho traz muita vaidade, um enfatuamento egoísta. Vocês podem observar isto nas pessoas mais velhas e em si mesmos. Quando passam num exame e sentem que são um pouco mais inteligentes que outros, experimentam uma sensação de prazer. Ocorre o mesmo quando vencem alguém numa discussão, ou quando sentem que são fisicamente mais fortes ou mais belos – imediatamente há a sensação de sua importância. Essa sensação da importância do "eu" inevitavelmente acarreta conflito, luta, dor, porque vocês têm que manter sua importância o tempo todo.

Pergunta: *Como podemos nos livrar do orgulho?*

Krishnamurti: Se você tivesse ouvido realmente a resposta dada à pergunta anterior, teria compreendido como podemos nos livrar do orgulho, e estaria livre do orgulho; mas você estava preocupado com a formulação da pergunta seguinte, não foi? Por isso não estava ouvindo. Se vocês realmente ouvissem o que se está dizendo, descobririam sozinhos a verdade disso.

Imaginem que eu esteja orgulhoso por ter realizado algo. Tornei-me Diretor da escola; estive na Inglaterra ou na América; fiz grandes proezas, minha fotografia tem aparecido nos jornais, e assim por diante. Sentindo-me muito orgulhoso, digo a mim mesmo: "Como farei para me livrar do orgulho?"

Ora, por que quero me livrar do orgulho? É essa a questão importante, não *como* livrar-me. Qual é o motivo, qual é a razão, qual

é o incentivo? Quererei libertar-me do orgulho porque o considero nocivo para mim, doloroso, espiritualmente mau? Se é esse o motivo, então o tentar libertar-me do orgulho é outra forma de orgulho, não é? Ainda estou preocupado com realizações. Verificando que o orgulho é muito doloroso, espiritualmente desairoso, digo que preciso libertar-me dele. Esse "preciso libertar-me" contém o mesmo motivo de "eu tenho que ser bem-sucedido". O "eu" ainda é importante, ele é o centro da minha luta para ser livre.

Assim, o que importa não é como ficar livre do orgulho, mas sim compreender o "eu"; e o "eu" é muito insidioso. Ele quer uma coisa este ano e outra coisa no ano que vem; e quando isso se revela doloroso ele deseja alguma outra coisa. Portanto, enquanto existir esse centro do "eu", o fato de uma pessoa ser orgulhosa ou reputadamente humilde será de pequeníssima significação. Serão apenas diferentes casacos para vestir. Quando um dado casaco me atrai, visto-o; e no ano seguinte, de acordo com minhas fantasias, com meus desejos, visto outro.

O que vocês têm que entender é como esse "eu" aparece. O "eu" surge através das várias formas da sensação de realização. Isto não quer dizer que vocês não devam agir; mas a sensação de que *vocês* estão agindo, de que *vocês* estão realizando, de que *vocês* precisam abandonar o orgulho, precisa ser entendida. Vocês precisam compreender a estrutura do "eu". Precisam tomar consciência de seu próprio pensar; precisam observar como tratam o criado, os pais, o professor; vocês têm de ser conscientes de como consideram os que estão acima de vocês e os que estão abaixo de vocês, aqueles que vocês respeitam e aqueles que vocês desprezam. Tudo isso revela os processos do "eu'. Entendendo os processos do "eu" há a libertação do "eu". *Isso* é o que importa, não simplesmente como libertar-se do orgulho.

Pergunta: *Como pode uma coisa bonita representar uma alegria para sempre?*

Krishnamurti: Isso é pensamento original seu ou você está citando alguém? Você quer descobrir se a beleza é perecível e se pode haver alegria eterna?

Aluno: *A beleza existe em certas formas.*

Krishnamurti: A árvore, a folha, o rio, a mulher, o homem, aqueles camponeses carregando um fardo na cabeça e andando elegantemente. A beleza é perecível?

Aluno: *Os camponeses passam, mas deixam uma impressão de beleza.*

Krishnamurti: Eles passam e a lembrança deles permanece. Você vê uma árvore, uma folha, e a lembrança dessa beleza permanece.

Ora, é a lembrança da beleza uma coisa viva? Quando você vê algo que é belo, há imediatamente alegria; você vê um pôr-do-sol e sente de imediato uma reação de alegria. Essa alegria, alguns minutos depois, tornou-se lembrança. É a lembrança dessa alegria uma coisa viva? É sua lembrança do pôr-do-sol uma coisa viva? Ela é uma impressão morta, não é? E através dessa impressão morta do pôr-do-sol você deseja recuperar a alegria. Mas a lembrança não tem alegria; ela é apenas a imagem de uma coisa que passou e que uma vez produziu alegria. Há alegria como reação imeadiata à beleza, mas a lembrança aparece e a destrói. Se houver percepção constante de beleza sem as acumulações de lembranças — só então haverá uma possibilidade de alegria eterna.

Mas não é fácil livrarmo-nos do acúmulo de lembranças, porque no momento em que vê algo muito agradável, você o transforma numa lembrança a que se apega. Quando vê um belo objeto, uma criança bonita, uma bela árvore, há alegria imediata; mas depois você quer repetir a sensação. O desejo de repetição é a acumulação da lembrança. Ao querer repetir a sensação, você já iniciou o processo de desintegração, e nisso não há alegria. A memória nunca pode produzir alegria eterna. Só há alegria eterna quando há uma constante e espontânea reação ao belo, ao feio, a tudo, sem o impulso ativador da memória — mas isso implica grande sensibilidade interior e exterior, o que significa ter um amor verdadeiro.

Pergunta: *Por que os pobres são felizes e os ricos infelizes?*

Krishnamurti: Será que os pobres são particularmente felizes? Eles podem cantar, dançar; mas serão felizes? Eles têm alimento insuficien-

te, pouca ou nenhuma roupa, não podem ser asseados, precisam trabalhar de manhã à noite, ano após ano. Eles podem ter momentos ocasionais de felicidade; mas não são realmente felizes, são?

E os ricos são infelizes? Eles possuem tudo em abundância, têm altas posições, fazem viagens. Eles são infelizes quando estão decepcionados de algum modo, quando são impedidos de obter aquilo que desejam.

O que você entende por felicidade? Alguns dirão que a felicidade consiste em obter o que se quer. Se você quer ter um carro e o obtém, você é feliz, ao menos por enquanto. Dá-se o mesmo quando você deseja um *sari* ou uma viagem à Europa: se puder obter o que deseja, será feliz. Se quiser ser o professor mais conhecido, ou o maior político, você será feliz se puder chegar lá, e infeliz no caso contrário.

Portanto, o que você chama de felicidade é o resultado de se obter o que se deseja, de obter sucesso, de tornar-se nobre. Você quer uma coisa, e desde que possa obtê-la sentir-se-á perfeitamente feliz, não se sentirá decepcionado; mas se não puder alcançar o que deseja, então começará a infelicidade.

Todos estamos preocupados com esse problema, não só os ricos e os pobres. Tanto os ricos como os pobres desejam obter alguma coisa para si, e, se são impedidos, ficam infelizes. Não estou dizendo que os pobres não devam ter o que desejam ou necessitam. Não é essa a questão que estamos considerando. Estamos procurando descobrir o que é felicidade e se ela é alguma coisa de que você tem consciência.

Quando você está consciente de que é feliz, é isso felicidade? Não é felicidade, é? É como a humildade: no momento em que você toma consciência de que é humilde, você não é humilde. Assim, você não pode procurar felicidade; não é algo para se buscar. Ela vem sozinha; mas se você a procurar, ela o driblará.

Pergunta: *Embora haja progresso em diferentes direções, por que não há fraternidade?*

Krishnamurti: O que você entende por "progresso"?

Aluno: *Progresso científico.*

Krishnamurti: Do carro de boi ao avião a jato – é esse o progresso, não é mesmo? Nos séculos passados só havia o carro de boi; mas, gradativamente, através do tempo, desenvolvemos o avião a jato. Os meios de transporte nos tempos antigos eram muito morosos, e agora são muito velozes; você pode estar em Londres em poucas horas. Através de saneamento, de nutrição adequada e de cuidados médicos, tem havido um grande progresso mesmo em assuntos de saúde física. Isso tudo é progresso científico; e, no entanto, não estamos nos desenvolvendo ou progredindo da mesma forma com relação à fraternidade.

Ora, a fraternidade é matéria de progresso? Sabemos o que entendemos por "progresso". É a evolução, a conquista de algo através do tempo. Os cientistas dizem que evoluímos dos macacos; dizem eles que, através de milhões de anos, progredimos das formas mais inferiores de vida para a mais superior, que é o homem. Mas é a fraternidade uma questão de progresso? Será algo que possa evoluir através do tempo? Há a unidade da família e a unidade de uma dada sociedade ou nação; depois da nação o próximo passo é o internacionalismo, e depois vem a idéia de um mundo uno. O conceito de um mundo uno é o que chamamos de fraternidade. Mas o sentimento fraterno é uma questão de evolução? É o sentimento de fraternidade algo que se deva cultivar lentamente através dos estágios de família, comunidade, nacionalismo, internacionalismo e unidade mundial. Fraternidade é amor, não é? E amor é coisa que se cultive passo a passo? O amor é uma questão de tempo? Compreendem o que quero dizer?

Se digo que vai haver fraternidade em dez, ou trinta ou cem anos, o que é que isso indica? Indica, com certeza, que eu não amo, não sinto fraternidade. Quando digo: "Eu vou ser fraterno, amarei", o fato real é que eu *não* amo, *não* estou sendo fraterno. Enquanto eu pensar em termos de "serei", não sou. De outra parte, se eu banir de minha mente este conceito de ser fraterno no futuro, então poderei ver o que realmente sou; poderei ver que *não* sou fraterno e começar a descobrir por quê.

O que é mais importante: ver aquilo que *sou* ou especular sobre o que *serei*? Sem dúvida, o importante é ver o que sou, porque então poderei lidar com isso. O que *serei* está no futuro, e o futuro é imprevisível. O fato real é que não tenho sentimentos fraternos, não amo realmente; e com esse fato posso começar, posso imediatamente fazer

alguma coisa sobre ele. Mas dizer que alguém será alguma coisa no futuro é mero idealismo, e o idealista é alguém que está escapando daquilo que ele *é*; está fugindo do fato, que só pode ser alterado no presente.

XI

Vocês devem se lembrar que estivemos falando sobre medo. Ora, não é o medo responsável pela acumulação de conhecimento? Este é um assunto difícil, por isso vejamos se podemos examiná-lo, considerálo com muito cuidado.

Os seres humanos acumulam e adoram o conhecimento, não só o conhecimento científico mas também o chamado conhecimento espiritual. Eles acham que o conhecimento é muito importante na vida — o conhecimento do que aconteceu e do que vai acontecer. Todo esse processo de acumular informação, de adoração de conhecimento — não nascerá ele do medo? Tememos que sem conhecimento fiquemos perdidos, não saibamos nos conduzir. Assim, lendo o que os sábios disseram, conhecendo as crenças e experiências de outras pessoas e valendo-nos também da nossa própria experiência, construímos gradativamente uma base de conhecimento que se toma tradição; e nos refugiamos atrás dessa tradição. Achamos que esse conhecimento ou tradição é essencial e que sem isso nos veríamos perdidos, não saberíamos o que fazer.

Ora, quando falamos de conhecimento, o que queremos dizer? O que é que conhecemos? Que é que você realmente conhece, quando passa a considerar o conhecimento que acumulou? Em certo nível, na ciência, na engenharia, etc., o conhecimento é importante; mas, fora isso, que é que conhecemos?

Vocês já consideraram esse processo de acumulação de conhecimento? Por que vocês estudam, por que prestam exames? O conhecimento é necessário em certo nível, não é? Sem o conhecimento de matemática e de outras matérias, não se poderia ser engenheiro ou cientista. O relacionamento social baseia-se nesse conhecimento, e nós

não poderíamos ganhar a vida sem ele. Mas, além desse tipo de conhecimento, o que é que sabemos? Além disso, qual é a natureza do conhecimento?

Que queremos dizer quando falamos que o conhecimento é necessário para encontrar a Deus, ou que o conhecimento é necessário para nos entendermos a nós mesmos, ou que o conhecimento é essencial para encontrarmos um caminho em meio às tormentas da vida? Aqui damos ao conhecimento o significado de experiência; e o que é experiência? O que é que conhecemos através da experiência? Não será esse conhecimento usado pelo ego, pelo "eu", para fortalecer-se?

Digamos, por exemplo, que eu tenha alcançado certa posição social. Essa experiência, com sua sensação de sucesso, de prestígio, de poder, me dá uma certa sensação de segurança, de conforto. Assim, o conhecimento do meu sucesso, o conhecimento de que sou alguém, de que tenho certa posição, certo poder, fortalece meu "eu", meu ego, não é verdade?

Já perceberam como os *pundits* são inchados pelo conhecimento, ou como o conhecimento dá a seus pais e a seus professores a atitude: "Eu tenho mais experiência do que você; eu sei e você não sabe?" Assim, o conhecimento, que é mera informação, passa aos poucos a ser o sustento da vaidade, o alimento do ego, do "eu". Pois o ego não pode existir sem esta ou alguma outra forma de dependência parasítica.

O cientista usa o conhecimento para alimentar sua vaidade, para sentir que é alguém, da mesma forma como o faz o *pundit*. Professores, pais, gurus — todos querem ser alguém neste mundo, e então usam o conhecimento como um meio para alcançar esse fim, para satisfazer esse desejo; e quando vocês vão além das palavras deles, que é que eles realmente sabem? Só sabem o que está nos livros, ou aquilo que experimentaram; e a experiência depende de seu condicionamento. Como eles, a maioria dentre nós está cheia de palavras, com informação que chamamos de conhecimento, e sem isso nos vemos perdidos; portanto, sempre há medo por trás da cortina de palavras, de informação.

Onde há medo, não há amor; e o conhecimento sem amor nos destrói. Eis aí o que está acontecendo no mundo atualmente. Por exemplo, temos agora conhecimento suficiente para alimentar os seres humanos de todo o mundo; sabemos como alimentar, vestir e abrigar a humanidade, mas não o estamos fazendo, porque estamos divididos

em grupos nacionalistas, cada qual com seus objetivos egoístas. Se realmente tivéssemos o desejo de acabar com as guerras, poderíamos fazê-lo; mas não temos esse desejo, e pela mesma razão. Portanto, o conhecimento sem amor torna-se um meio de destruição. Enquanto não entendermos isto, passar meramente nos exames e alcançar posições de prestígio e de poder, inevitavelmente levará à deterioração, à corrupção, à lenta atrofia da dignidade humana.

Obviamente, é essencial possuir certo nível de conhecimento, mas é ainda mais importante ver como o conhecimento é usado para servir a propósitos egoístas. Observem-se a si mesmos e vejam como a experiência é empregada pela mente como meio de auto-expansão, como meio de obter poder e prestígio. Observem os adultos e verão como eles anseiam por posição e se apegam ao sucesso. Eles querem construir um ninho de segurança para si mesmos, querem poder, prestígio, autoridade – e a maioria de nós, de várias formas, está atrás das mesmas coisas. Não queremos ser nós mesmos, seja lá o que formos; queremos ser "alguém". Há uma diferença, é claro, entre ser e querer ser. O desejo de ser ou de vir a ser é contínuo e é fortalecido através do conhecimento, que é usado para o engrandecimento próprio.

É importante que todos nós, à proporção que amadureçamos, examinemos esses problemas e os compreendamos, para não respeitarmos uma pessoa só porque ela tem um título ou uma posição elevada ou porque, presumivelmente, possui uma grande soma de conhecimentos. Na verdade, conhecemos muito pouco. Podemos ter lido muitos livros, mas pouquíssima gente tem alguma experiência direta seja do que for. É a experiência direta da realidade, de Deus, que é de vital importância; e, para isso, tem que haver amor.

XII

Não será importante, enquanto somos jovens, ser amados e também saber o que quer dizer amar? Mas parece-me que a maioria não ama nem é amada. E creio ser essencial, enquanto somos jovens, examinar esse problema com muita seriedade e compreendê-lo; porque, então,

talvez possamos ser sensíveis o bastante para sentir amor, para conhecer a qualidade do amor, seu perfume, a fim de que, quando formos mais velhos, ele não fique inteiramente destruído. Consideremos, pois, essa questão.

Que significa amar? Será algo ideal, algo distante, inatingível? Ou pode o amor ser sentido por todos nós a qualquer momento do dia? Ter a qualidade da simpatia, da compreensão, de ajudar os outros naturalmente, sem qualquer motivo, ser espontaneamente bom, ter consideração por uma planta ou por um animal, sentir-se solidário com os camponeses, generoso com o amigo, com o próximo – não é isso o que entendemos por amor? Não é o amor um estado em que não há ressentimento, mas eterno perdão? E não será possível, enquanto somos jovens, senti-lo?

Muitos experimentam esse sentimento enquanto são jovens – uma súbita simpatia pelos camponeses, por um cão, por aqueles que são pequenos ou desvalidos. E não deve esse sentimento ser constantemente cultivado? Não deveríamos sempre dedicar parte do dia a auxiliar os outros, a cuidar de uma árvore ou de um jardim, a ajudar em casa ou na hospedaria, de modo que, enquanto amadurecemos, aprendamos o que significa sentir natural consideração pelos outros, sem esforço, sem motivo? Não deveremos ter esta qualidade de afeto sincero?

O verdadeiro afeto não pode ser provocado artificialmente; vocês têm de *senti-lo;* e seu guardião, seus pais, seus professores também precisam senti-lo. A maioria não tem afeto real; está muito preocupada com suas próprias realizações, seus anelos, seu conhecimento, seu sucesso. Eles dão àquilo que têm feito e ao que querem fazer uma importância tão colossal que isso acaba por destruí-los.

Aí está por que é muito importante, enquanto vocês são jovens, ajudar a arrumar os quartos, ou cuidar de algumas árvores que vocês mesmos tenham plantado, ou ir assistir um amigo doente, de modo que haja uma sutil sensação de simpatia, de interesse pelos outros, de generosidade – verdadeira generosidade, o que não é coisa só da mente, e que os faz desejar partilhar com alguém o que quer que tiverem, por muito pouco que seja. Se não tiverem esse sentimento de amor, de generosidade, de bondade, de delicadeza, enquanto são jovens, será muito difícil possuí-lo quando forem mais velhos; mas se começarem a cultivá-lo agora, talvez possam despertá-lo nos outros.

Ter simpatia e afeição implica liberdade em relação ao medo, não é? Mas vejam que é muito difícil crescer neste mundo sem medo, sem ter algum motivo pessoal em ação. Os mais velhos nunca refletiram sobre este problema do medo, ou só o fizeram de forma abstrata, sem atuar sobre ele na existência diária. Vocês ainda são muito jovens, vocês estão observando, inquirindo, aprendendo, mas se não virem e entenderem o que causa o medo, vocês se tornarão como eles. Como alguma erva daninha oculta, o medo crescerá, alastrar-se-á e torcerá a mente de vocês. Vocês devem, portanto, tomar consciência de tudo que está acontecendo ao seu redor e dentro de vocês mesmos — de como os professores falam, como seus pais se comportam e como vocês reagem — de modo a que essa questão do medo seja vista e compreendida.

Muitos adultos acham que algum tipo de disciplina é necessário. Vocês sabem o que é disciplina? É um processo para obrigá-los a fazer o que vocês não querem fazer. Onde há disciplina, há medo; por isso a disciplina não é o caminho do amor. Eis por que a disciplina deve ser evitada a todo custo — sendo a disciplina coerção, resistência, compulsão, levar alguém a fazer algo que não entende ou persuadi-lo a fazê-lo mediante a oferta de uma recompensa. Se vocês não entendem uma coisa, não a façam e não se deixem forçar a fazê-la. Peçam alguma explicação; não sejam simplesmente obstinados, mas procurem descobrir a verdade da questão, de modo a não haver medo envolvido, e para que suas mentes se tornem bastante flexíveis, maleáveis.

Quando vocês não entendem e são apenas forçados pela autoridade de pessoas adultas, vocês estão suprimindo sua própria mente e, então surge o medo; e esse medo os persegue como uma sombra por toda a vida. Por isso é muito importante não nos disciplinarmos segundo qualquer tipo de pensamento ou modelo de ação. Mas a maioria dos adultos só é capaz de pensar nesses termos. Eles querem que vocês façam algo, ao que dizem, para seu próprio bem. Exatamente esse processo de levá-los a fazer alguma coisa para seu próprio "bem" destrói sua sensibilidade, sua capacidade de entender e, portanto, seu amor. Recusar-se a ser coagido ou compelido é muito difícil, porque o mundo em volta de nós é muito forte; mas se meramente cedermos e fizermos coisas sem a devida compreensão, descambamos num hábito de irreflexão e, portanto, torna-se ainda mais difícil nos libertarmos.

Então, em nossa escola, devemos ter autoridade, disciplina? Ou devem vocês ser encorajados pelos professores a discutir essas questões, penetrá-las, compreendê-las, de modo que, quando ficarem adultos e saírem para o mundo, sejam seres humanos maduros capazes de enfrentar inteligentemente os problemas do mundo? Vocês não podem ter essa inteligência profunda se tiverem qualquer tipo de medo. O medo só os entorpece, tolhe sua iniciativa, destrói a chama que chamamos de simpatia, generosidade, afeto, amor. Então não se deixem disciplinar segundo algum modelo de ação, mas descubram as coisas – o que quer dizer que vocês precisam ter tempo para questionar, para inquirir; e os professores também devem ter tempo para isso; se não houver tempo, será preciso arranjar tempo. O medo é fonte de corrupção, é o princípio da degeneração, e ficar livre do medo é mais importante que qualquer exame ou diploma.

Pergunta: *O que é o amor em si mesmo?*

Krishnamurti: O que é o amor intrínseco? É isso o que quer saber? O que é o amor sem motivo, sem incentivo? Ouça atentamente e você mesmo descobrirá. Nós estamos examinando a questão, não estamos procurando a resposta. Ao estudar matemática, ou ao formular uma pergunta, a maioria de vocês está mais interessada em encontrar a resposta do que em compreender o problema. Se você estudar o problema, aprofundar-se nele, examiná-lo, compreendê-lo, verificará que a resposta está no problema. Por isso, procuremos compreender o problema e não procurar por uma resposta, seja no *Baghavad-Gîtâ*, no *Corão*, na *Bíblia* ou de algum instrutor ou conferencista. Se pudermos realmente entender o problema, a resposta disso decorrerá naturalmente; porquanto a resposta está no problema, ela não é separada do problema.

O problema é: o que é o amor sem motivo? Pode acaso haver amor sem nenhum incentivo, sem que se deseje tirar algum proveito dele? Pode haver amor em que não haja mágoa por ele não ser retribuído? Se eu lhe ofereço minha amizade e você a recusa, não ficarei ferido? Esse sentimento de mágoa é o resultado de amizade, de generosidade, de simpatia? Certamente, enquanto eu me sinto magoado, enquanto houver em mim medo, enquanto eu o ajudar esperando que você me ajude – o que se chama serviço – não haverá amor.

Se você entende isto, a resposta está aí.

Pergunta: *O que é religião?*

Krishnamurti: Quer uma resposta de mim, ou prefere descobrir por si mesmo? Você está buscando uma resposta de alguém, seja ele grande ou estúpido? Ou está realmente procurando descobrir a verdade do que é a religião?

Para descobrir o que é verdadeira religião, você precisa afastar tudo o que estiver no caminho dessa descoberta. Se você tem muitas janelas coloridas ou sujas e quer ver a clara luz do Sol, precisa limpar ou abrir as janelas, ou sair de casa. Da mesma forma, para descobrir o que é verdadeira religião, você deve primeiro ver o que a verdadeira religião *não* é, e pôr isso de parte. Então poderá descobrir, porque, então, haverá percepção direta. Vejamos pois o que não é religião.

Fazer *puja,* cumprir rituais — isso é religião? Você repete muitas e muitas vezes um certo ritual, um certo *mantram* em frente de um altar ou de um ídolo. Isso pode lhe dar uma sensação de prazer, uma sensação de satisfação; mas será isso religião? Vestir uma roupa sagrada, intitular-se hindu, budista ou cristão, aceitar determinadas tradições, dogmas, crenças — tem tudo isso algo a ver com religião? Obviamente não. Por conseguinte, a religião deve ser algo que só se poderá encontrar quando a mente tenha entendido e descartado isso tudo.

Religião, no verdadeiro sentido da palavra, não traz separação, não é? Mas, que acontece quando você é muçulmano e eu cristão, ou quando eu creio numa coisa e você nela não crê? Nossas crenças nos separam; portanto, nossas crenças nada têm a ver com religião. O fato de crermos ou não em Deus tem pouca significação; porque aquilo em que cremos ou em que deixamos de crer é determinado por nosso condicionamento, não é verdade? A sociedade em torno de nós, a cultura em que somos criados, imprime em nossas mentes certas crenças, certos medos e superstições a que chamamos religião; mas que nada têm a ver com religião. O fato de você crer de um modo e eu de outro depende, em grande parte, de onde tenhamos nascido, se nascemos na Inglaterra, na Índia, na Rússia ou na América. Assim sendo, crença não é religião, é apenas o resultado de um condicionamento.

Há, além disso, a busca da salvação pessoal. Quero estar seguro; quero atingir o *Nirvana*, ou alcançar o céu; preciso encontrar um lugar junto de Jesus, junto de Buda ou à direita de algum deus particular. Sua crença não me dá satisfação profunda, conforto; por isso tenho a minha própria crença. E será isso religião? Sem dúvida, nossas mentes precisam estar livres de todas essas coisas para podermos descobrir o que é a verdadeira religião.

E será a religião simplesmente uma questão de fazer o bem, de servir ou ajudar os outros? Ou será mais que isso? O que não quer dizer que não devamos ser generosos ou bons. Mas será só isso? Religião não será algo muito maior, muito mais puro, vasto, expansivo do que qualquer coisa concebida pela mente?

Assim, para descobrir o que seja a verdadeira religião, você precisa investigar profundamente todas essas coisas e libertar-se do medo. É como sair de uma casa escura para a claridade do Sol. Então, você não perguntará o que é a verdadeira religião; você mesmo saberá. Haverá experiência direta daquilo que é verdadeiro.

Pergunta: *Se alguém é infeliz e deseja ser feliz, isso é ambição?*

Krishnamurti: Quando você está sofrendo, deseja ficar livre do sofrimento. Isso não é ambição, é? Isso é o instinto natural de todas as pessoas. É instinto natural de todos nós o não ter medo, o não ter dor física ou emocional. Mas nossa vida é tal que estamos constantemente experimentando dor. Eu como algo que não me faz bem e tenho dor de barriga. Alguém me diz alguma coisa e sinto-me ferido. Sou impedido de fazer alguma coisa que desejo fazer e sinto-me frustrado, angustiado. Sou infeliz porque meu pai, ou meu filho, está morto, e assim por diante. A vida está constantemente influindo sobre mim, quer eu goste quer não goste, e sempre estou sendo ferido, decepcionado, tendo reações dolorosas. Assim sendo, o que tenho de fazer é compreender todo esse processo. Mas, veja você, a maioria de nós foge disso.

Quando você sofre no íntimo, psicologicamente, o que é que faz? Busca alguém para consolá-lo; lê um livro ou liga o rádio ou vai fazer *puja*. Isso tudo são indicações de que se está fugindo do sofrimento. Se você foge de algo, obviamente não o compreende. Mas se olhar para seu sofrimento, se o observar de momento a momento, você co-

meçará a compreender o problema nele envolvido, e isto não é ambição. A ambição aparece quando você foge de seu sofrimento, ou quando se apega a ele, ou quando o combate, ou quando gradualmente constrói teorias e esperanças em torno dele. No momento em que foge do sofrimento, o alvo para o qual você corre torna-se muito importante, porque você se identifica com ele. Você se identifica com seu país, com sua posição, com seu Deus, e isto é uma forma de ambição.

XIII

O que estou dizendo em todas essas palestras não é algo para ser simplesmente recordado. Não é para vocês armazenarem tudo isso na mente, e se recordarem depois e refletirem, ou atuarem com base nisso. Se vocês simplesmente armazenarem na mente o que lhes estou dizendo, isso tudo não será nada mais do que lembrança; não será uma coisa viva, algo que vocês realmente entendem. É a compreensão o que interessa, não a memória. Espero que vejam a diferença entre as duas coisas. A compreensão é imediata, direta, é algo que você experimenta intensamente. Mas, se vocês simplesmente recordarem o que ouviram, isso só servirá de modelo, de guia a ser seguido, de *slogan* a ser repetido, de idéia a ser imitada, de ideal em que basear a vida. A compreensão não é uma questão de lembrança. É uma intensidade contínua, uma constante descoberta.

Por isso, se meramente recordarem o que venho dizendo, vocês compararão e procurarão modificar a sua ação ou ajustá-la àquilo de que se recordam. Mas, se realmente entenderem, essa mesma compreensão produz ação, e então vocês não terão de agir de acordo com sua lembrança. Por isso é muito importante não recordar simplesmente, mas ouvir e compreender imediatamente.

Quando vocês recordam certas palavras, certas frases, ou certos sentimentos que são aqui suscitados, e comparam sua ação com aquilo de que se recordam, sempre haverá um abismo entre sua ação e o que é recordado. Mas, se realmente compreenderem, não haverá cópia. Qualquer pessoa com certa capacidade pode recordar palavras e passar

nos exames; mas, se vocês começarem a compreender tudo o que está envolvido no que vêem, no que ouvem, no que sentem, essa mesma compreensão produzirá uma ação que vocês não terão que guiar, modelar ou controlar.

Se simplesmente recordarem, vocês sempre estarão comparando; e comparação gera inveja, no que toda nossa sociedade cobiçosa está baseada. Comparação nunca produzirá compreensão. Na compreensão há amor, ao passo que a comparação é mera intelectualização; é um processo mental de imitar, de seguir, e em que há sempre o perigo de haver o líder e o liderado. Vocês podem entender isso?

Neste mundo, a estrutura da sociedade é baseada na existência do líder e dos liderados, no exemplo e nos que seguem o exemplo, no herói e nos adoradores do herói. Se vocês forem além desse processo de liderar e serem liderados, verificarão que quando seguem o outro não há iniciativa própria. Nem há liberdade, seja para vocês, seja para o líder; porque vocês criam o líder, e depois o líder os controla. Enquanto estiverem seguindo um exemplo de auto-sacrifício, de grandeza, de sabedoria, de amor; enquanto vocês tiverem um ideal a ser recordado e copiado, haverá inevitavelmente um abismo, uma divisão, entre o seu ideal e a sua ação. Um homem que realmente veja a verdade disto não tem nenhum ideal, nenhum exemplo; ele não está seguindo ninguém. Para ele não há guru, *Mahatma*, nem líder heróico. Ele está constantemente entendendo o que jaz dentro de si mesmo e o que ouve dos outros, seja de seu pai ou de sua mãe, do professor ou de uma pessoa como eu que, ocasionalmente, apareça em sua vida.

Se vocês estão agora ouvindo e compreendendo, então não estão seguindo nem imitando; portanto, não há medo, e, assim sendo, há amor.

É muito importante ver tudo isso com muita clareza e por nós mesmos, para não sermos enfeitiçados por heróis ou mesmerizados por exemplos, por ideais. Exemplos, heróis, ideais têm que ser recordados e são facilmente esquecidos; portanto, vocês precisam ter uma referência constante para recordar em forma de pintura, de ídolo; de *slogan*. Ao seguir um ideal, um exemplo, vocês estão só recordando; e na recordação não há compreensão. Vocês estão comparando o que são com o que desejam ser, e essa mesma comparação gera autoridade; produz inveja e medo, no qual não há amor.

Por favor, ouçam tudo isto com muita atenção e compreendam-no, para não terem que seguir líderes, modelos, para não imitarem ou copiarem ideais; pois, então, vocês serão indivíduos livres, com dignidade humana. Não podem ser livres se estiverem eternamente se comparando com o ideal, com o que *deveriam* ser. Entender o que vocês efetivamente são — por mais feios ou bonitos, ou por muito temerosos que fiquem — não é uma questão de recordar, de simplesmente lembrar um ideal. Vocês precisam observar, ter consciência de si próprios, de momento a momento, no seu relacionamento diário. Tomar consciência do que vocês realmente *são* é o processo da compreensão.

Se vocês verdadeiramente entendem o que estou dizendo, se ouvem completamente, vocês ficarão livres de todas as coisas inteiramente falsas que as gerações passadas criaram. Não serão onerados com a imitação, com a mera lembrança de um ideal, o que só paralisa a mente e o coração, produzindo medo e inveja. De forma inconsciente vocês podem estar ouvindo tudo isto profundamente. Espero que estejam; pois aí vocês verão que mudança extraordinária ocorre com o ouvir profundo e com a liberdade da imitação.

Pergunta: *A beleza é subjetiva ou objetiva?*

Krishnamurti: Da varanda, você vê algo bonito, o rio; ou vê uma criança em fraldas, chorando. Se você não for sensível, se não tomar consciência de tudo o que está ao seu redor, você não o leva em conta e aquele incidente terá pouco valor. Uma mulher chega carregando um fardo na cabeça. Suas vestes estão sujas; ela tem fome e está cansada. Você tem consciência da beleza do andar dessa mulher ou é sensível ao seu estado físico? Você vê a cor de seu *sari*, por mais encardido que esteja? Há dessas influências objetivas à sua volta; e se você não tiver sensibilidade nunca as apreciará, não é mesmo?

Ser sensível é estar consciente não só das chamadas coisas bonitas, mas também do que é considerado feio. O rio, os campos verdejantes, as árvores à distância, as nuvens de um entardecer — essas coisas consideramos belas. Os camponeses encardidos, esfaimados, as pessoas que vivem em sórdida miséria, ou que têm muito pouca capacidade para pensar, muito pouco sentimento — a tudo isso chamamos feio. Ora, se observarem, verão que o que a maioria de nós faz é ape-

gar-se ao belo e repudiar o feio. Mas não é importante ser sensível ao que se chama de feiúra tanto quanto ao que se considera bonito? É a falta dessa sensibilidade o que nos leva a dividir a vida entre feiúra e beleza. Mas se formos permeáveis, receptivos, sensíveis ao feio tanto quanto ao belo, veremos que ambas as coisas estão cheias de significado, e esta percepção enriquece a vida.

Portanto, a beleza é subjetiva ou objetiva? Se fosse cego, se fosse surdo e não pudesse ouvir música, estaria você sem beleza? Ou é a beleza alguma coisa interior? Você pode não ver com seus olhos, pode não ouvir com seus ouvidos; mas se houver a experiência deste estado de ser realmente aberto, sensível a tudo, se você estiver profundamente consciente de tudo o que está acontecendo dentro de você, de cada pensamento, de cada sentimento — não haverá também aí beleza? Mas veja, cremos que a beleza seja algo exterior a nós. É por isso que compramos quadros e os penduramos na parede. Queremos possuir belos *saris*, costumes, turbantes; queremos cercar-nos de coisas bonitas, pois tememos que, sem uma referência objetiva para nos lembrar, perderemos alguma coisa interior. Mas pode-se dividir a vida, o total processo da existência, em objetivo e subjetivo? Não é tudo um processo unitário? Sem o exterior não há o interior; sem o interior não existe o exterior.

Pergunta: *Por que os fortes eliminam os fracos?*

Krishnamurti: Você elimina o fraco? Verifiquemos. Numa discussão, ou em matéria de força física, você não empurra seu irmão mais novo para um lado, a ele que é menor que você? Porque você quer se afirmar, quer mostrar força, quer mostrar como é melhor ou mais poderoso, então você domina, você empurra a criancinha para o lado. Ocorre o mesmo com os mais velhos. Eles são maiores que vocês, eles sabem um pouco mais por lerem livros, eles têm posição, dinheiro, autoridade, então eles eliminam, eles empurram vocês; e vocês aceitam ser empurrados; então, vocês, por seu lado, eliminam alguém abaixo de vocês. Cada qual quer afirmar-se, dominar, mostrar poder sobre os outros. Muitos de nós não gostam de ser nada. Queremos ser alguém; e a demonstração de poder sobre os outros dá-nos essa satisfação, a sensação de que *somos* alguém.

Pergunta: *É por isso que os peixes maiores devoram os menores?*

Krishnamurti: No mundo animal talvez seja natural que os peixes grandes se alimentem dos pequenos. É algo que não podemos alterar. Mas o grande ser humano não necessita viver à custa do menor. Se soubermos usar nossa inteligência, poderemos parar de nos devorar uns aos outros, não só fisicamente mas também em sentido psicológico. Ver este problema e entendê-lo, o que é ter inteligência, será parar de viver às custas dos outros. Mas a maioria *quer* viver à custa de outrem, por isso tira vantagem do mais fraco. Liberdade não quer dizer permissão para fazer tudo o que bem quisermos. Só pode haver verdadeira liberdade quando há inteligência; e a inteligência advém da compreensão do relacionamento – o relacionamento entre mim e você e entre cada um de nós e qualquer outra pessoa.

Pergunta: *É certo que as descobertas científicas tornam nossa vida mais fácil?*

Krishnamurti: Elas não tornaram a sua vida mais fácil? Você tem eletricidade, não tem? Você liga um interruptor e tem luz. Há um telefone naquela sala, e você pode falar, se quiser, com um amigo de Bombaim ou de Nova Iorque. Isso não é fácil? Ou você pode tomar um avião e ir rapidamente a Delhi ou a Londres. Todas essas coisas são resultado de descobertas científicas e tornaram a vida mais fácil. A ciência tem ajudado a curar doenças; mas também nos deu a bomba de hidrogênio, que pode matar milhares de seres humanos. Assim, como a ciência está constantemente descobrindo mais e mais coisas, se não começarmos a usar o conhecimento científico com inteligência, com amor, vamos nos destruir.

Pergunta: *O que é a morte?*

Krishnamurti: Que é a morte? Essa a pergunta de uma menininha! Você tem visto corpos mortos sendo carregados para o rio; você tem visto folhas mortas, árvores mortas; sabe que as frutas murcham e apodrecem. Os pássaros que estão tão cheios de vida pela manhã, pipilando, chamando-se uns aos outros, à noite podem estar mortos. A pessoa que está viva hoje pode sofrer um acidente fatal amanhã.

Vemos tudo isso acontecendo. A morte é coisa comum a todos nós. Todos acabaremos assim. Você talvez viva trinta, cinqüenta ou oitenta anos, alegrando-se, sofrendo, sentindo medo; e ao fim de tudo você não existirá mais.

Que é que chamamos de vida? Que é que chamamos de morte? Este é realmente um problema complexo e não sei se você quer examiná-lo em profundidade. Se pudermos descobrir, se pudermos compreender o que é viver, então talvez possamos compreender a morte. Quando perdemos alguém que amamos, sentimos grande pesar, sentimos solidão; portanto, dizemos que a morte nada tem a ver com a vida. Separamos a morte da vida. Mas estará a morte separada da vida? Não é a vida um processo de morte?

Para a maioria, viver significa o quê? Significa acumular, escolher, sofrer, rir. E, no fundo disso tudo, por trás de todo prazer e dor, está o medo – o medo de chegar ao fim, o medo do que vai acontecer amanhã, o medo de ser sem nome e sem fama, sem propriedade e sem posição, todas essas coisas que desejamos que continuem. Mas a morte é inevitável; então dizemos: "O que acontece após a morte?"

Ora, o que é que termina com a morte? A vida? O que é a vida? Será a vida simplesmente um processo de inspirar o ar e de expirá-lo? Comer, odiar, amar, adquirir, possuir, comparar, ser invejoso – isto é o que a maioria das pessoas conhece como vida. Para a maioria de nós a vida é sofrimento, é uma constante batalha de dor e prazer; esperança e decepção. E não pode isso chegar a um fim? Não deveríamos acaso morrer? No outono, com a chegada do frio, as folhas caem das árvores e reaparecem na primavera. Da mesma forma, não deveríamos morrer para tudo o que aconteceu ontem, para todas as esperanças acumuladas, para todo o sucesso que conquistamos? Não deveríamos morrer para tudo isso e tornar a viver amanhã, de forma que, como uma nova folha, sejamos viçosos, ternos e sensíveis? Para uma pessoa que está constantemente morrendo, não existe morte. Mas o homem que diz: "Eu sou alguém e preciso continuar" – para esse tal sempre há morte e sempre há o *ghat* crematório; um homem assim não conhece o amor.

XIV

Há vários fatores envolvidos na desintegração humana, e vários modos pelos quais os seres humanos se desintegram. Integrar é unir, completar. Se vocês estão integrados, seus pensamentos, sentimentos e ações são totalmente unos, movendo-se para uma única direção; eles não são contraditórios. Vocês são seres humanos perfeitos, sem conflitos. É isto o que significa integração. Desintegrar é o contrário disso; é desmembrar, dividir, espalhar aquilo que estava reunido. E há muitos modos pelos quais os seres humanos se desintegram, se desmembram, se destroem. Penso que um dos principais fatores disso é o sentimento de inveja, que é tão sutil que chega a ser considerado, sob diferentes nomes, como algo digno, benéfico, como um elemento louvável das realizações humanas.

Sabem o que é a inveja? Ela começa quando vocês ainda são bem pequenos — vocês sentem inveja de um amigo mais bonito do que vocês, que tem melhores coisas ou uma posição melhor. Vocês ficam com ciúmes se outro menino ou menina lhes passa à frente na classe, se tem pais mais ricos ou pertence a alguma família mais distinta. Assim, a inveja ou ciúme começa já a nos molestar em tenra idade, e, aos poucos, toma a forma de competição. Vocês querem fazer algo para distinguir-se — obter melhores notas, ser melhores atletas do que outros; vocês querem sobrepujar, fazer sombra aos demais.

À medida que crescem, a inveja fica cada vez mais forte. Os pobres invejam os ricos, e os ricos invejam os mais ricos. Há a inveja daqueles que tiveram experiência e querem ter mais experiência ainda, e a inveja do escritor que quer escrever ainda melhor. O próprio desejo de ser melhor, de se tornar alguém de nomeada, de ter mais disso ou daquilo, é concupiscência ou cobiça, é o processo de amealhar, de reter. Se observarem, verão que o instinto na maioria de nós é adquirir, obter cada vez mais *saris*, roupas, casas, propriedades. Se não for isso, então quereremos mais experiência, mais conhecimentos; queremos sentir que sabemos mais que qualquer outra pessoa, que lemos muito mais do que outros. Queremos estar mais chegados do que outros a algum alto funcionário do governo, ou sentir que, no íntimo, somos espiritualmente mais evoluídos. Queremos estar conscientes de

que somos humildes, de que somos virtuosos, de que podemos explicar e os outros não.

Assim, quanto mais adquirimos, maior é a nossa desintegração. Quanto mais propriedades, quanto mais fama, experiência, quanto mais conhecimentos acumulamos, mais rápida é a nossa deterioração. Do desejo de ser ou adquirir mais, nasce a doença universal do ciúme, da inveja. Não observaram isso em si mesmos e nos mais velhos em torno de vocês? Não notaram que a professora substituta deseja ser titular e que a titular quer ser diretora? Ou como seu próprio pai ou mãe desejam ter mais propriedades, um nome mais notável?

Na luta por adquirir, nós nos tornamos cruéis. Na cupidez não existe amor. O processo consumista de vida é uma batalha infinda contra o próximo, contra a sociedade, em que há medo constante; mas a tudo isso nós justificamos, e aceitamos o ciúme como coisa inevitável. Pensamos que devemos ser cobiçosos ou cúpidos – embora demos a isso um nome mais agradável. Chamamo-lo evolução, desenvolvimento, crescimento, progresso, e dizemos que isso é uma coisa essencial.

Vejam bem, a maioria de nós está inconsciente de tudo isso; não temos consciência de que somos cúpidos, gananciosos, de que nossos corações estão sendo roídos pela inveja, de que nossas mentes estão se deteriorando. E, quando por um momento acontece-nos tomar consciência disso, nós o justificamos, ou apenas dizemos que está errado; ou procuramos fugir do problema de várias maneiras.

A inveja é uma coisa muito difícil de descobrir em nós mesmos, porque a mente é o centro da inveja. A própria mente é invejosa. A própria estrutura da mente é edificada sobre as bases da cobiça e da inveja. Se você observar seus próprios pensamentos, seu modo de pensar, verá que o que chamamos de pensamento é em geral um processo de comparação: "Eu posso explicar melhor, tenho mais conhecimento, mais sabedoria." Pensar em termos de "cada vez mais" é a obra da mente aquisitiva ou cobiçosa; é seu meio de existência. Se você não pensa em termos de "cada vez mais", achará extremamente difícil até mesmo pensar. A busca de "cada vez mais" é o movimento comparativo do pensamento, que cria tempo – tempo em que se venha a ser, em que se torne alguém; é o processo da inveja, da aquisição. Pensando comparativamente, a mente diz: "sou *isto* e algum dia serei *aquilo*"; "sou feio, mas serei belo no futuro". Assim sendo, cupidez, inveja, pensa-

mento comparativo, tudo isso produz descontentamento, desassossego; e nossa reação a isso tudo é dizer que devemos estar satisfeitos com nossa sorte, devemos nos contentar com o que temos. Isso é o que dizem as pessoas que estão no topo da pirâmide social. Todas as religiões pregam o contentamento.

O verdadeiro contentamento não é uma reação, não é o oposto da ganância; é algo muito mais vasto e muito mais significativo. O homem cujo contentamento é o contrário da cupidez, da inveja, é como um vegetal; interiormente, ele é uma entidade morta, como o é a maioria das pessoas; e elas são interiormente mortas porque cultivaram o oposto — o oposto de tudo o que elas realmente são. Sendo invejosas, elas dizem: "não devo ser invejoso". Você pode negar a eterna luta da inveja trajando-se apenas com uma tanga e dizendo que não vai adquirir mais nada; mas esse mesmo desejo de ser bom, de não ser consumista, que vem a ser a busca do oposto, ainda está dentro do âmbito do tempo; ainda é parte do sentimento de inveja, porque você ainda deseja ser alguém. O real contentamento não é de modo algum semelhante a isso; é algo muito mais criativo e profundo. Não há contentamento quando você *decide* estar contente; o contentamento não surge desse modo. O contentamento advém quando você compreende o que você realmente é e não busca o que deveria ser.

Você pensa que ficará contente quando tiver adquirido tudo o que quer. Você talvez queira ser um governador, ou um grande santo, e acha que vai ter contentamento quando tiver alcançado esse objetivo. Em outras palavras, através do processo da inveja você espera chegar ao contentamento. Por meios errados espera obter um resultado correto. Contentamento não é satisfação. Contentamento é algo muito vital; é um estado de criatividade em que há a compreensão daquilo como realmente *é*. Se você começar a compreender o que você realmente é, momento a momento, dia a dia, descobrirá que dessa compreensão advém uma extraordinária sensação de vastidão, de compreensão ilimitada. Ou seja, se você for cobiçoso, o que importa é entender sua cobiça e não tentar não ser cobiçoso; porque o próprio desejo de tornar-se não-cobiçoso ainda é uma forma de cobiça.

Nossa estrutura religiosa, nossos modos de pensar, nossa vida social, tudo quanto fazemos está baseado no consumismo, numa perspectiva invejosa e, durante séculos, temos sido educados desse modo,

Estamos tão condicionados a isso que não podemos pensar sem nos valer de conceitos como "o melhor", "o mais"; desse modo fazemos a inveja desejável. Não a chamamos inveja, chamamo-la por algum termo eufemístico; mas, se você for além da palavra, verá que esse desejo extraordinário por "mais e mais" é egocêntrico. Ele está limitando o pensamento.

A mente limitada pela inveja, pelo "eu", pelo desejo consumista de coisas ou de virtudes, nunca poderá ser verdadeiramente religiosa. A mente religiosa não é comparadora. Ela vê e compreende a plena significação daquilo que *é*. Por isso, é muito importante você se compreender, isto é, perceber as operações de sua própria mente: os motivos, as intenções, os anseios, os desejos, as constantes pressões de obtenção que criam inveja, consumismo e comparação. Quando tudo isso chegar ao fim através da compreensão daquilo que *é*, só então você conhecerá a verdadeira religião e o que é Deus.

Pergunta: *A verdade é relativa ou absoluta?*

Krishnamurti: Em primeiro lugar, examinemos através das palavras o significado da pergunta. Queremos alguma coisa absoluta, não é? A ânsia humana é por alguma coisa permanente, fixa, inabalável, eterna; algo que não sofra decadência, que não experimente morte — uma idéia, uma sensação, um estado eterno, para que a mente se lhe apegue. Temos que entender essa ânsia, antes de podermos compreender a pergunta e respondê-la acertadamente.

A mente humana deseja permanência em tudo — dos relacionamentos, das propriedades, das virtudes. Ela deseja algo que não possa ser destruído. Por isso dizemos que Deus é permanente ou que a verdade é absoluta.

Mas o que é a verdade? Será a verdade algum extraordinário mistério, algo longínquo, inimaginável, abstrato? Ou será algo que você descobre de momento a momento, de dia em dia? Se ela puder ser acumulada, amealhada através da experiência, então não será a verdade; pois, atrás dessa aquisição, jaz o mesmo espírito de cobiça. Se ela é algo muito distante, que só pode ser encontrado através de um sistema de meditação ou da prática da negação e do sacrifício, também nesse caso não será a verdade, pois também isso é um processo de cobiça.

A verdade deve ser descoberta e compreendida em toda ação, em todo pensamento, em todo sentimento, por mais triviais ou transitórios que sejam; ela deve ser observada a cada momento de cada dia; deve ser ouvida no que o marido e a esposa dizem, no que diz o jardineiro, no que seus amigos dizem e no processo de seu próprio pensamento. Seu pensamento pode ser falso, pode estar condicionado, limitado; e, descobrir que seu pensamento está condicionado, limitado, essa é a verdade. Essa mesma descoberta liberta sua mente da limitação. Se você descobrir que é cobiçoso – se o *descobrir,* e não for simplesmente informado disso por outrem – essa descoberta será a verdade, e essa verdade exercerá sua própria ação sobre a sua cobiça.

A verdade não é algo que você possa amealhar, acumular, armazenar e depois se apoiar nela como num guia. Isso seria apenas outra forma de posse. E é muito difícil para a mente não adquirir, não armazenar. Quando você compreender o que isso significa, verá que coisa extraordinária é a verdade. A verdade é intemporal, mas no momento em que você a captura – como quando diz: "Encontrei a verdade, ela é minha" – ela já não será a verdade.

Portanto, se a verdade é "absoluta" ou intemporal depende da mente. Quando a mente diz: "Quero o absoluto, algo que nunca degenere, que não conheça morte", o que ela realmente deseja é algo permanente a que se apegar; por isso ela cria o permanente. Mas a mente que está consciente de tudo o que se passa no seu exterior e em seu próprio interior e vê a verdade disso – essa mente é intemporal; e só uma mente assim pode conhecer aquilo que está além dos nomes, além do permanente e do impermanente.

Pergunta: *O que é percepção exterior?*

Krishnamurti: Você não percebe que está sentado neste salão? Não percebe as árvores, a luz do Sol? Não percebe que o pássaro está cantando, o cão latindo? Não vê a cor das flores, o movimento das folhas, as pessoas caminhando? Isto é percepção exterior. Quando você vê o pôr-do-sol, as estrelas à noite, o luar sobre as águas, isso tudo é percepção exterior, não é? E da mesma forma que você é exteriormente consciente, também pode ser interiormente consciente de seus pensamentos e sentimentos, de seus motivos e impulsos, de seus preconcei-

tos, invejas, de sua cobiça e orgulho. Se estiver realmente consciente do que se passa em seu exterior, sua consciência interior também começará a acordar, e você se tornará cada vez mais consciente de sua reação ao que as pessoas dizem, ao que você lê, e assim por diante. A reação ou resposta externa, em seu relacionamento com outras pessoas, é o resultado de um estado interno de desejo, de esperança, de ansiedade, de medo. Essa consciência ou percepção exterior e interior é um processo unitário que acarreta uma total integração do entendimento humano.

Pergunta: *O que é a verdadeira, a eterna felicidade?*

Krishnamurti: Quando tem saúde perfeita, você não tem consciência de seu corpo, não é mesmo? Somente quando há doença, desconforto, dor, é que você toma consciência dele. Quando você é livre para pensar completamente, sem resistência, não há consciência desse processo de pensar. Só quando há atrito, bloqueio, limitação, é que você começa a ter consciência de haver um ser pensante. Da mesma forma, será a felicidade algo de que você tenha consciência? No momento da alegria, você tem consciência de estar alegre? Só quando se sente infeliz é que você deseja a felicidade; e então surge essa questão: "O que é a verdadeira, a eterna felicidade?"

Veja como a mente prega peças a si mesma. Porque se sente infeliz, angustiado, em circunstâncias precárias, etc., você quer alguma coisa eterna, uma felicidade permanente. Existirá isso? Em vez de pedir felicidade permanente, descubra como se livrar do desejo que o está roendo e criando dor, tanto física como psicológica. Quando é livre, não há problema, você não pergunta se há felicidade eterna ou o que é a felicidade. É o homem preguiçoso, tolo que, estando na prisão, quer saber o que é a liberdade; e pessoas preguiçosas e tolas lho dirão. Para o homem prisioneiro, a liberdade é mera especulação. Mas se sair da prisão, ele não especulará acerca da liberdade: ela existirá.

Por isso, não é importante, em lugar de perguntar o que é a felicidade, descobrir por que somos infelizes? Por que a mente está paralisada? Por que nossos pensamentos são limitados, mesquinhos, acanhados? Se pudermos entender a limitação do pensamento, ver a verdade disso, nessa descoberta da verdade haverá libertação.

Pergunta: *Por que as pessoas desejam coisas?*

Krishnamurti: Você não deseja comida quando tem fome? Não quer roupas e uma casa para abrigar-se? Isso tudo são desejos normais, não são? As pessoas saudáveis naturalmente reconhecem que necessitam de certas coisas. Só os doentes ou desequilibrados dizem: "Não precisamos de comida." A mente pervertida é que precisa ou ter muitas casas ou não ter casa alguma para morar.

Seu corpo fica faminto porque você está usando energia, então ele deseja mais alimento; isso é normal. Mas se você diz: "Preciso ter o alimento mais saboroso, preciso ter apenas o alimento em que minha língua se compraz", então começa a perversão. Todos nós – não só os ricos, mas todas as pessoas do mundo – precisamos de alimento, de roupas e de abrigo; mas se essas necessidades físicas forem limitadas, controladas e possibilitadas apenas a uns poucos, então haverá perversão; um processo não-natural é acionado. Se você diz: "preciso acumular, preciso ter tudo para mim", estará privando outros do que lhes é essencial para o provimento de suas necessidades diárias.

Veja, o probema não é simples, pois desejamos outras coisas, além do essencial às nossas necessidades quotidianas. Eu posso ficar satisfeito com um pouco de alimento, com poucas roupas e com um pequeno quarto para morar; mas quero alguma coisa mais. Quero ser famoso, quero posição, poder, prestígio; quero aproximar-me de Deus, quero que meus amigos pensem bem de mim, etc. Esses desejos interiores pervertem os interesses exteriores de todo ser humano. O problema é um pouco difícil porque o desejo interior de ser o mais rico ou o mais poderoso dos homens, a pressão para ser alguém, depende, para sua concretização, da posse de coisas, inclusive alimento, roupas e abrigo. Apóio-me nessas coisas a fim de me tornar interiormente rico; mas, enquanto estiver nesse estado de dependência, é-me impossível ser interiormente rico, isto é, ser interiormente simples.

XV

Talvez alguns de vocês estejam interessados no que venho dizendo sobre a inveja. Não estou usando a palavra "lembrar" porque, como já expliquei, meramente lembrar palavras ou frases é algo que toma a mente entorpecida, letárgica, pesada, não-criativa. É muito destrutivo simplesmente lembrar. O importante, especialmente enquanto vocês são jovens, é compreender, e não cultivar a memória; porque a compreensão liberta a mente, desperta a faculdade crítica da análise. Permite ver a significação do fato e não apenas racionalizar. Quando vocês meramente recordam certas frases, sentenças ou idéias acerca da inveja, por exemplo, essa lembrança lhes impede de ver o caso da inveja. Mas se vêem e entendem o que se aninha por trás da aparência de boas obras, de filantropia, de religião, e por trás de seu próprio desejo de serem grandes, de serem santos – se realmente virem e compreenderem isso por si mesmos, descobrirão uma extraordinária liberdade em relação à inveja, ao ciúme.

Por isso, é realmente importante compreender, pois a lembrança é coisa morta; e talvez esta seja uma das principais causas da deterioração humana. Somos muito inclinados a imitar, a copiar, a seguir ideais, heróis; e o que acontece? Gradualmente, a flama da criatividade se perde e só a figura, o símbolo, a palavra, permanece, sem ter nada por trás de si. Somos ensinados a memorizar, e, obviamente, isto não é criativo. Não há compreensão na simples lembrança de coisas que vocês leram em livros, ou que lhes ensinaram; e quando por toda a vida só se cultiva a memória, a compreensão real é gradativamente destruída.

Façam o favor de ouvir atentamente, porque é muito importante compreender isto. É a *compreensão* que é criativa, não a memória, não a lembrança. A compreensão é o fator liberador, não as coisas que vocês armazenam na mente. E a compreensão não está no futuro. O mero cultivo da memória traz a idéia de futuro; mas se vocês compreenderem diretamente, vale dizer, se virem alguma coisa com muita clareza por si mesmos, então não haverá problema. Um problema só existe quando não enxergamos claro.

O importante, então, não é o que vocês sabem, não é o conhecimento ou a experiência que reuniram, mas sim a visão das coisas

como elas são e a sua compreensão imediata; porquanto a compreensão é imediata, ela não está no futuro. Quando experiência e conhecimento tomam o lugar da compreensão, tornam-se fatores de decadência na vida. Para a maioria de nós, o conhecimento e a experiência são muito importantes; mas se vocês forem além das palavras e virem a verdadeira significação do conhecimento e da experiência, verificarão que essas coisas se tornaram fatores importantes na deterioração humana. Isto não quer dizer que o conhecimento não seja válido em certos níveis de nossa existência. É válido e necessário saber plantar uma árvore e conhecer o tipo de nutrição de que ela precisa, ou saber alimentar galinhas, educar adequadamente uma família, construir uma ponte, etc. Há uma grande quantidade de conhecimento científico disponível, que pode ser utilizado corretamente. É correto, por exemplo, sabermos fazer um dínamo ou um motor. Mas quando não há compreensão, o conhecimento, que é pura memória, torna-se muito destrutivo; e vocês verificarão que a experiência também se torna destrutiva, porque fortalece a memória.

Pergunto-me se vocês já terão notado como muitos adultos pensam de maneira burocrática, como funcionários. Se são professores, seu pensamento está limitado a essa função; não são seres humanos palpitantes de vida. Conhecem as regras da gramática, ou matemática, ou um pouco de história; e, como seu pensamento está circunscrito por essa memória, por essa experiência, o conhecimento deles os está destruindo. A vida não é algo que se aprenda de alguém. A vida é algo para se ouvir, que se compreende de momento a momento, sem acumular experiência. Afinal de contas, o que é que se ganha com o acúmulo da experiência? Quando vocês dizem: "Tenho tido muita experiência" ou "Conheço o sentido dessas palavras", isto é memória, não é? Vocês tiveram certas experiências, aprenderam a dirigir um escritório, a construir uma casa ou uma ponte e, de acordo com esse *background*, obtiveram mais experiência. Vocês cultivam a experiência, que vem a ser memória; e com essa memória fazem face à vida.

Como o rio, a vida está correndo, rápida, mutável, jamais estacionária; e quando vocês enfrentam a vida com o pesado fardo da memória, naturalmente nunca entraram em contacto com ela. Vocês a estão enfrentando com seu próprio conhecimento, com sua própria experiência, o que só aumenta o fardo da memória; assim, o conhe-

cimento e a experiência tornam-se, aos poucos, fatores destrutivos da vida.

Espero que estejam entendendo isto profundamente, porque o que estou dizendo é muito verdadeiro; e se o compreenderem, usarão o conhecimento em seu nível adequado. Mas se não compreenderem e simplesmente acumularem conhecimento e experiência como meio de progredir na vida, como meio de fortificar sua posição no mundo, então o conhecimento e a experiência tornar-se-ão muito destrutivos, eles destruirão sua iniciativa, sua criatividade. A maioria anda tão carregada de autoridade, do que os outros disseram, do *Bhagavad-Gîtâ*, de idéias, que suas vidas se tornaram muito enfadonhas. Isso tudo são memórias, lembranças; não são coisas que temos entendido, não estão vivas. Não haverá coisas novas enquanto estivermos sobrecarregados de memórias; e sendo a vida eternamente nova, não poderemos compreendê-la. Por isso nossa vida é tão tediosa; tornamo-nos letárgicos, tornamo-nos mental e fisicamente pesados e feios. É muito importante compreender isto.

A simplicidade é a libertação da mente em relação à experiência, em relação à carga da memória. Pensamos que a simplicidade seja uma questão de só ter algumas poucas roupas e uma tigela de pedinte; achamos que uma vida simples consiste em possuir muito pouco exteriormente. O que pode estar perfeitamente certo. Mas a verdadeira simplicidade é a liberdade em relação ao conhecimento, é a liberdade em relação ao recordar ou ao acumular experiência. Já observaram as pessoas que fazem questão de possuir muito pouco e que pensam que são muito simples? Já as ouviram? Embora possam ter apenas uma tanga e um bordão, estão cheias de ideais. Interiormente elas são muito complexas, batalhando contra si mesmas, lutando para seguir suas próprias projeções, suas próprias crenças. Interiormente, elas não são simples; estão cheias do que encontraram nos livros, cheias de ideais, de dogmas, de medos. Externamente, podem ter apenas um bordão e algumas mudas de roupa. Mas a verdadeira simplicidade da vida é estar interiormente vazio, inocente, sem acúmulo de conhecimento, sem crenças ou dogmas, sem o medo da autoridade; e esse estado de simplicidade interior só pode ocorrer quando verdadeiramente se compreende toda a experiência, de momento a momento. Se você compreendeu uma experiência, essa experiência se acabou, não deixa resíduo. É por não

entendermos a experiência, por lembrarmos o prazer ou a dor que ela nos causou, que nunca somos interiormente simples. Os que têm inclinação religiosa buscam as coisas que favorecem a simplicidade exterior; mas no íntimo são caóticos, confusos, oprimidos por inúmeros anelos, desejos, conhecimentos; têm medo de viver, de experienciar.

Se examinarem a inveja, verão que é uma forma de lembrança, profundamente enraizada; que é um fator muito destrutivo, muito degenerador em nossa vida; e o mesmo ocorre com a experiência. Isto não quer dizer que vocês devam esquecer os fatos de todos os dias ou evitar a experiência. Não podem fazer isso. Mas o homem cheio de experiência não é necessariamente sábio. O homem que tem uma experiência e apenas se apega a essa experiência não é sábio; é semelhante a qualquer escolar que lê e acumula a informação dos livros. Um homem sábio é inocente, livre da experiência; é interiormente simples, ainda que no exterior possa ter todas as coisas da Terra — ou muito pouco.

Pergunta: *A inteligência constrói o caráter?*

Krishnamurti: Que entendemos por "caráter"? E que entendemos por "inteligência"? Todos os políticos — seja da variedade de Delhi ou qualquer tagarela local — continuamente usam palavras como "caráter", "ideal", "inteligência", "religião", "Deus". Ouvimos essas palavras com grande atenção, porque nos parecem muito importantes. Muitos vivem de palavras; e quanto mais elaboradas, quanto mais refinadas as palavras, tanto mais satisfeitos ficamos. Nessas condições, descubramos o que entendemos por "inteligência" e o que entendemos por "caráter". Não digam que não lhes estou respondendo. Buscar definições, conclusões, é uma das armadilhas da mente e significa que vocês não querem investigar e compreender, mas querem apenas seguir palavras.

Que é inteligência? Se um homem está com medo, ansioso, é invejoso, cobiçoso; se sua mente está copiando, imitando, cheia de experiências e de conhecimentos alheios; se seu pensamento é limitado, moldado pela sociedade, pelo ambiente — é tal homem inteligente? A resposta certamente é não. E pode lá alguém com medo, não inteligente, ter caráter — sendo o caráter algo original, não a mera repetição dos tradicionais *faças* e *não-faças*? O caráter é a respeitabilidade?

Sabem o que a palavra "respeitabilidade" significa? Vocês são respeitáveis quando são considerados, respeitados pela maioria das pessoas em torno de vocês. E o que é que a maioria das pessoas respeita — as pessoas da família, as pessoas da massa? Respeitam as coisas que elas mesmas desejam e que projetaram como meta ou como ideal; respeitam o que consideram que está em contraste com o seu estado interior. Se você é rico e poderoso, ou tem grande reputação política, ou escreveu livros de sucesso, você é respeitado pela maioria. O que você diz pode até ser um completo disparate, mas, quando você fala, as pessoas ouvem porque o consideram um grande homem. E quando você, dessa forma, conquistou o respeito da maioria, o fato de a multidão o seguir dá-lhe uma sensação de respeitabilidade, uma sensação de ter chegado a algo. Mas o chamado pecador está mais próximo de Deus do que o homem respeitável, porquanto o respeitável está coberto de hipocrisia.

O caráter é o resultado da imitação, de ser controlado pelo medo do que as pessoas irão dizer ou deixar de dizer? Será o caráter o simples fortalecimento de nossas próprias tendências e preconceitos? Será a manutenção da tradição, seja da Índia, da Europa ou da América? Isso é o que geralmente se considera ter caráter — ser uma pessoa forte, que apóia a tradição local e que é, portanto, respeitada pela maioria. Mas quando você é preconceituoso, imitador, está preso a tradições, ou quando tem medo, haverá inteligência, haverá caráter em você? Imitar, seguir, adorar, ter ideais — essa rota leva à respeitabilidade, mas não à compreensão. Um homem de ideais é respeitável, mas nunca estará próximo de Deus, nunca saberá o que é amar, porque seus ideais são um meio de cobrir seu medo, sua imitação, sua solicitude.

Nessas condições, sem vocês se compreenderem, sem tomarem consciência de tudo que está acontecendo em sua própria mente — de como vocês pensam, se estão copiando, imitando, se estão com medo, se estão em busca de poder — não pode haver inteligência. E é a inteligência que cria o caráter, não a adoração de heróis ou a busca da realização de um ideal. A compreensão de nós mesmos, de nosso próprio ser extraordinariamente complicado, é o começo da inteligência, o que revela o caráter.

Pergunta: *Por que um homem fica perturbado quando outra pessoa olha intencionalmente para ele?*

Krishnamurti: Você fica nervoso quando alguém olha para você? Quando um criado, um camponês – alguém que considere inferior – olha para você, você nem toma conhecimento de que ele está ali; você apenas segue em frente; você não tem consideração por tal pessoa. Mas quando seu pai, sua mãe ou seu professor o encaram, você fica ansioso porque eles sabem mais do que você e podem descobrir coisas a seu respeito. Indo um pouco mais longe, se um funcionário do governo ou algum outro visitante eminente toma conhecimento de você, você fica satisfeito, porque espera obter alguma coisa dele, um emprego ou algum tipo de vantagem. E se um homem, do qual não deseja coisa alguma o encarar, você se mostra indiferente, não é assim? Por isso, é importante descobrir o que está se passando em sua própria mente quando as pessoas o olham, porquanto o modo como você reage interiormente a um olhar ou a um sorriso tem muita importância.

Infelizmente, a maioria está completamente inconsciente de todas essas coisas. Nunca notamos o mendigo, ou o camponês a carregar seu pesado fardo, ou o pássaro que passa voando. Estamos tão ocupados com nossas próprias tristezas, anseios, temores, com nossos prazeres e rituais, que não percebemos muitas coisas significativas na vida.

Pergunta: *Não podemos cultivar a compreensão? Quando constantemente procuramos entender, não quer isto dizer que estamos praticando a compreensão?*

Krishnamurti: Pode-se cultivar a compreensão? É ela algo a ser praticado como se pratica tênis, piano, canto ou balé? Você pode ler um livro repetidas vezes até estar completamente familiarizado com ele. A compreensão será, assim, algo a ser aprendido mediante repetição constante? O que na verdade é o cultivo da memória? Não será, antes, algo que ocorre de momento a momento e, portanto, algo que não pode ser praticado?

Quando é que você compreende? Qual é o estado de sua mente e coração quando há compreensão em você? Quando me ouve dizer alguma coisa muito verdadeira sobre o ciúme – que o ciúme é destrutivo, que a inveja é um importante fator na destruição do relacionamento

humano — como você reage a isso? Você vê a verdade disso imediatamente? Ou começa a pensar sobre o ciúme, a falar a respeito, a racionalizá-lo, a analisá-lo? Será a compreensão um processo de racionalizar, de analisar lentamente? Pode a compreensão ser cultivada como se cultiva um jardim ou um pomar para produzir frutas ou flores? Sem dúvida, compreender é ver diretamente a verdade de algo, sem nenhuma barreira de palavras, preconceitos ou motivos.

Pergunta: *O poder de compreensão é o mesmo em todas as pessoas?*

Krishnamurti: Suponha que lhe seja apresentado algo verdadeiro, cuja verdade você vê de pronto: sua compreensão é imediata porque você não tem barreiras. Você não está cheio da sua própria importância; está ávido por descobrir e por isso percebe de imediato. Mas eu tenho muitas barreiras, muitos preconceitos. Sou ciumento, estou dilacerado por conflitos causados pela inveja, estou cheio da convicção da minha própria importância. Acumulei muitas coisas na vida e realmente *não quero* ver; então não vejo, não entendo.

Pergunta: *Não podemos eliminar as barreiras aos poucos, procurando constantemente entender?*

Krishnamurti: Não. Posso eliminar as barreiras, não por tentar compreender, mas apenas porque realmente percebo a importância de não ter barreiras — o que quer dizer que preciso estar disposto a *enxergar* as barreiras. Imagine que eu e você ouçamos alguém dizer que a inveja é destrutiva. Você ouve e compreende o significado, a verdade disso, e fica livre desse sentimento de inveja, de ciúme. Mas eu não quero ver essa verdade, porque se o fizer destruirei toda a minha estrutura de vida.

Aluno: *Eu sinto a necessidade de eliminar as barreiras.*

Krishnamurti: Por que sente essa necessidade? Deseja eliminar as barreiras por causa das circunstâncias? Você as quer eliminar porque alguém lhe disse que precisam ser eliminadas? Certamente, as barreiras só são eliminadas quando você vê por si mesmo que o ter barreiras, seja de que espécie for, cria uma mente que se encontra em estado de lenta

decadência. E quando é que você vê isto? Quando sofre? Mas o sofrimento necessariamente o desperta para a importância de eliminar todas as barreiras? Ou, pelo contrário, ele o leva a criar ainda mais barreiras?

Você verificará que todas as barreiras desmoronam quando você mesmo começa a ouvir, a observar, a descobrir. Não há razão para eliminar as barreiras; e no momento em que introduz uma razão, você não as está eliminando. O milagre, a grande bem-aventurança, é dar à própria percepção interior uma oportunidade de eliminar as barreiras. Mas quando você diz que elas precisam ser eliminadas e depois passa a praticar essa eliminação, isso é uma operação da mente; e a mente não pode eliminar as barreiras. Você precisa ver que nenhum esforço de sua parte pode eliminá-las. Então a mente torna-se muito tranqüila, muito quieta; e nessa quietude você descobre aquilo que é verdadeiro.

XVI

Vimos falando sobre os fatores de deterioração da existência humana e dissemos que o medo é uma das causas fundamentais dessa deterioração. Dissemos também que o seguir qualquer forma de autoridade, auto-imposta ou estabelecida exteriormente, bem como o dedicar-se a qualquer forma de imitação, ou cópia, destrói o incentivo, a criatividade e bloqueia a descoberta do que é verdadeiro.

A verdade não é algo que se possa seguir; ela precisa ser descoberta. Vocês não podem encontrá-la em nenhum livro ou mediante qualquer acúmulo de experiência. Como discutimos no outro dia, quando a experiência se torna uma lembrança, essa lembrança destrói a compreensão criativa. Qualquer sentimento de malícia ou inveja, por mais leve que seja, também é destrutivo para essa compreensão criativa, sem a qual não há felicidade. Felicidade não se compra, nem vem quando se vai em sua busca; ela surge quando não há conflito.

Ora, não será muito importante, especialmente enquanto ainda estivermos na escola, começar a compreender a importância das palavras? A palavra, o símbolo, tem-se transformado numa coisa extraordinariamente destrutiva para a maioria, e não temos consciência disso.

Sabem o que quero dizer quando falo em símbolo? O símbolo é a sombra da verdade. O disco fonográfico, por exemplo, não é a voz real; mas a voz foi gravada ali, e é o disco o que ouvimos. A palavra, o símbolo, a imagem, a idéia, nada disso é a verdade; mas adoramos a imagem, reverenciamos o símbolo, damos muita importância à palavra, e tudo isso é muito destrutivo; porque então a palavra, o símbolo, a imagem torna-se de muita importância. Por essa razão os templos, as igrejas e as várias religiões organizadas, com seus símbolos, crenças e dogmas tornam-se fatores que impedem à mente ir além e descobrir a verdade. Por isso não se deixem aprisionar por palavras, por símbolos, que automaticamente formam hábito. O hábito é um fator altamente destrutivo, porque quando vocês querem pensar criativamente ele se interpõe.

Talvez vocês não entendam toda a importância do que estou dizendo; mas entenderão, se pensarem a respeito. Ocasionalmente, saiam a dar um passeio sozinhos e reflitam sobre essas coisas. Descubram o que se pretende dizer com palavras como "vida", "Deus", "dever", "cooperação" — todas essas palavras extraordinárias que usamos tão liberalmente.

Já se perguntaram o que significa "dever"? Dever para com o quê? Para com os idosos, para com o que reza a tradição: que vocês devem sacrificar-se por seus pais, por seu país, por seus deuses. A palavra "dever" tornou-se extraordinariamente importante para vocês, não é verdade? Está impregnada de muito significado que lhes é imposto. Vocês são ensinados que têm um dever para com seu país, para com seus deuses, para com seu próximo; mas, muito mais importante que a palavra "dever", é descobrirem por si mesmos o que é a verdade. Os pais de vocês e a sociedade usam a palavra "dever" como um meio de moldá-los, para afeiçoá-los de acordo com as próprias idiossincrasias, com os próprios hábitos de pensamento, gostos e antipatias deles, esperando desse modo garantir a própria segurança. Por isso, esperem, sejam pacientes, analisem, examinem tudo isto e descubram por si mesmos o que é a verdade. Não se limitem a aceitar a palavra "dever", pois onde há "dever" não há amor.

Da mesma forma, considerem a palavra "cooperação". O Estado quer que vocês cooperem com ele. Se vocês cooperam com alguma coisa sem compreender, estão meramente imitando, copiando. Mas se

compreendem, se descobrem a verdade de alguma coisa, então, ao cooperar, vocês estão vivendo com ela, movendo-se com ela, ela faz parte de vocês.

Nessas condições, é muito necessário tomar consciência das palavras, dos símbolos, das imagens, que lhes estão paralisando o pensamento. Tomar consciência delas e descobrir se se pode ir além delas é essencial para viver criativamente, sem se desintegrar.

Vejam que deixamos a palavra "dever" nos matar. A idéia de que vocês têm um dever para com seus pais, para com os parentes, para com a pátria, sacrifica-os. Ela os leva a lutar, a matar e a morrer ou a ficar aleijados. O político, o líder diz que é necessário destruir os outros para proteger a comunidade, o país, a ideologia ou o sistema de vida; então, matar se torna parte do seu dever, e vocês são depressa impregnados do espírito militar. O espírito militar torna-os obedientes, fisicamente muito disciplinados; mas interiormente sua mente é aos poucos destruída, porque estão imitando, seguindo, copiando. Vocês se tornam mero instrumento dos mais velhos, dos políticos, um instrumento de propaganda. Passam a aceitar como coisa inevitável a idéia de matar para proteger sua pátria, porque alguém diz que isso é necessário. Mas, independentemente de *quem* diga ser isso necessário, não deverão vocês tirar suas próprias conclusões claramente?

Matar é obviamente a mais destrutiva e corrupta ação na vida, sobretudo matar outro ser humano; porque quando vocês matam, estão cheios de ódio, por muito que o racionalizem, e também criam antagonismo nos outros. Vocês podem matar por uma palavra, tanto quanto por uma ação; e matar outros seres humanos nunca resolveu nenhum de nossos problemas. A guerra nunca remediou nenhum de nossos males econômicos ou sociais, nem nunca promoveu o entendimento mútuo nos relacionamentos humanos; e, no entanto, o mundo inteiro está eternamente se preparando para guerrear. Múltiplas razões são apresentadas de quanto e por que é necessário matar pessoas; e também há muitas razões para não matar. Mas não se deixem anular por nenhum arrazoado; porque hoje talvez vocês tenham uma boa razão para não matar, e amanhã podem ter uma razão muito mais forte para matar.

Primeiro, vejam a verdade disso, sintam quão essencial é não matar. Independentemente do que outros possam dizer, da mais alta à mais baixa autoridade, descubram por si mesmos a verdade da questão; e

quando intimamente tiverem chegado a uma conclusão clara sobre isso, então poderão refletir sobre os detalhes. Mas não iniciem com uma razão, porque a toda razão pode-se opor uma contra-razão, e vocês serão colhidos nas malhas do raciocínio. O importante é ver diretamente por si mesmos o que é a verdade; depois, poderão começar a usar a razão. Quando percebem por si mesmos o que é a verdade; quando sabem que amar outra pessoa não é amar; quando interiormente percebem a verdade de que não deve haver inimizade em seu relacionamento com os outros, então nenhuma quantidade de raciocínio poderá destruir tal verdade. Então nenhum político, nenhum sacerdote, nenhum pai poderá sacrificá-los a nenhuma idéia nem à própria segurança deles.

Os velhos sempre sacrificaram os jovens; e quererão vocês, de seu lado, quando ficarem mais velhos, também sacrificar os jovens? Não quererão pôr um término a esse sacrifício? Por ser ele o meio mais destrutivo de vida, é um dos maiores fatores da deterioração humana. Para pôr um fim nisso, vocês como indivíduos têm que descobrir a verdade por si mesmos. Sem pertencer a nenhum grupo ou organização, têm que descobrir a verdade de não matar, de sentir amor, de não ter inimizades. Então nenhuma quantidade de palavras, nenhum raciocínio brilhante poderá convencê-los a matar ou a sacrificar outrem.

Por isso, é muito importante, enquanto vocês são ainda jovens, refletir, examinar profundamente essas coisas por si mesmos, lançando desse modo as bases para a descoberta da verdade.

Pergunta: *Qual é o propósito da criação?*

Krishnamurti: Você está mesmo interessado nisso? Que quer dizer com "criação"? Qual é o propósito da vida? Por que você existe, lê, estuda, presta exames? Qual é a finalidade do relacionamento — o relacionamento entre pais e filhos, entre marido e mulher? O que é a vida? É isso o que quer dizer quando pergunta: "Qual é o propósito da criação?" Quando é que você formula essa pergunta? Quando interiormente não vê com clareza, quando está confuso, angustiado, melancólico, quando não percebe ou sente a verdade da questão por si mesmo, então deseja conhecer qual seja o propósito da vida.

Ora, muita gente lhe dirá qual é o propósito da vida; dir-lhe-ão o que rezam os livros sagrados. Pessoas inteligentes continuarão inventando vários propósitos para a vida. O grupo político terá um propósito, o grupo religioso terá outro, e assim sucessivamente. E como irá descobrir qual é o propósito da vida, quando você mesmo está confuso? Certamente, enquanto estiver confuso, você só poderá receber uma resposta que também será confusa. Se sua mente está perturbada, se não está realmente quieta, qualquer resposta que receber será através dessa cortina de confusão, de ansiedade, de medo; por conseguinte, a resposta será deturpada. Nessas condições, o importante é não perguntar qual é o propósito da vida, mas clarear a confusão que está dentro de você. É como um cego a perguntar: "O que é a luz?" Se eu tentar dizer-lhe o que é a luz, ele ouvirá de acordo com a sua cegueira, de acordo com as suas trevas; mas no momento em que for capaz de enxergar, nunca mais indagará o que é a luz. Ela estará ali.

De igual modo, se você puder desfazer a confusão em seu interior, então descobrirá qual é o propósito da vida; não precisará perguntar, não terá que buscá-lo. Para livrar-se da confusão, você terá que ver e compreender as causas que determinam a confusão; e as causas da confusão são muito claras. Elas estão enraizadas no "eu", que está continuamente desejando expandir-se mediante as posses, o vir-a-ser, o sucesso, a imitação; e os sintomas são o ciúme, a inveja, a cupidez, o medo. Enquanto houver essa confusão interna, você estará sempre procurando respostas exteriores; mas quando a confusão interior for eliminada, então conhecerá o significado da vida.

Pergunta: *O que é* karma?

Krishnamurti: *Karma* é uma das palavras peculiares que empregamos; é uma dessas palavras em que nosso pensamento se aprisiona. O homem pobre tem que aceitar a vida nos termos de uma teoria. Ele precisa aceitar a miséria, a fome, a sordidez, porque é subnutrido e não tem energia para sublevar-se e promover uma revolução. Precisa aceitar o que a vida lhe dá, e então diz: "É meu *karma* ser assim"; e os políticos, os notáveis, o encorajam a aceitar a miséria. Você não quer que ele se revolte contra tudo isto, quer? Mas quando paga ao pobre tão pouco, enquanto você mesmo possui tanto, é bem provável que isso acon-

teça; então você usa a palavra *karma* para encorajar-lhe a aceitação passiva da miséria.

O homem educado, o homem que adquiriu, que herdou, que alcançou o topo das coisas, o homem que tem poder, posição e os meios de corrupção – também este diz: "É o meu *karma*. Comportei-me bem numa vida anterior e agora estou colhendo a recompensa de minha ação passada."

Mas será esse o significado de *karma* – aceitar as coisas tais quais são? Compreendem? *Karma* porventura significa aceitar as coisas sem discutir, sem uma centelha de revolta – o que representa a atitude que muitos de nós têm? Por aí vocês vêem como certas palavras se tornam uma rede em que acabamos presos, isto porque não estamos realmente vivos. A verdadeira significação da palavra *karma* não pode ser entendida como uma teoria; não pode ser entendida se você disser: "Isso é o que o *Bhagavad-Gîtâ* diz."

Ora, a mente comparadora é a mente mais estúpida de todas, porque não pensa; ela apenas diz: "Li esse e aquele livro e o que você diz é tal e qual." Quando diz isso, você parou de pensar; quando compara, já não está investigando para descobrir a verdade, independente do que qualquer livro ou guru lhe tenha dito. Por isso, o importante é desfazer-se de todas as autoridades e investigar, descobrir, e não comparar. A comparação é a adoração da autoridade, é imitação, é irreflexão. Comparar é próprio da natureza da mente que não acordou para descobrir o que é a verdade. Você diz: "Isso mesmo, é igual ao que o Buda falou", e pensa que, por esse modo, resolveu seus problemas. Mas para realmente descobrir a verdade, seja do que for, você precisa ser extremamente ativo, vigoroso, autoconfiante; e não pode ter autoconfiança enquanto estiver pensando de forma comparativa. Façam o favor de ouvir isto. Se não houver autoconfiança, vocês perdem todo o poder de investigar e de descobrir o que é a verdade. A autoconfiança suscita uma certa liberdade em que vocês descobrem coisas; e essa liberdade lhes é negada quando comparam.

Pergunta: *Há um elemento de medo no respeito?*

Krishnamurti: Que diz *você*? Quando você mostra respeito ao professor, a seus pais, a seu guru, e desrespeita o seu criado; quando você

espezinha pessoas que não são importantes para você e bajula os que estão acima de você, os funcionários, os políticos, os notáveis — não há um elemento de medo nisso? Das notabilidades, do professor, do examinador, do instrutor, de seus pais, dos políticos ou do gerente do banco, você espera obter alguma coisa; portanto, mostra-se respeitoso. Mas que podem lhe dar os pobres? Então você os desconsidera, trata-os com desprezo, nem dá por eles quando passam por você na rua. Você não os vê, não lhe importa que tremam de frio, que estejam sujos e famintos. Mas você dará aos notáveis, aos grandes da Terra, mesmo quando tenha pouco para si, a fim de receber mais favores deles. Nisto há definidamente um elemento de medo, não há? Não amor. Se você tivesse amor em seu coração, mostraria respeito aos que nada têm e também aos que possuem tudo; não teria medo dos que têm, nem desprezaria os que não têm. O respeito que espera recompensa é filho do medo. No amor não há medo.

XVII

Estivemos examinando os vários fatores que acarretam deterioração em nossas vidas, em nossas atividades, em nossos pensamentos; e vimos que o conflito é um dos principais fatores dessa deterioração. E também a paz, como é geralmente compreendida, não é um fator destrutivo? Pode a paz ser produzida pela mente? Se tivermos paz através da mente, não levará isso também à corrupção, à deterioração? Se não estivermos alertas, se não formos observadores, a palavra "paz" torna-se como uma janela estreita através da qual miramos o mundo que procuramos compreender. Por uma janela estreita só podemos ver parte do céu, e não toda a vastidão, toda a magnificência dele. Não há possibilidade de se ter paz apenas por buscar a paz, o que é inevitavelmente um processo da mente.

Pode ser um tanto difícil entender isto, mas procurarei torná-lo o mais simples e claro que puder. Se pudermos compreender o que significa ser pacífico, talvez compreendamos o verdadeiro significado do amor.

Pensamos que a paz seja algo a alcançar por meio da mente, através da razão; mas será assim? Pode a paz advir mediante quietação, controle ou domínio do pensamento? Todos desejamos paz; e, para a maioria, paz significa não ter amolação, não ser importunado nem sofrer interferência, então construímos uma parede ao redor de nossa mente, uma parede de idéias.

É muito importante que compreendam isto, pois à medida que crescerem vocês serão confrontados com os problemas da guerra e da paz. A paz é algo a ser buscado, obtido e domado pela mente? O que a maioria chama de paz é um processo de estagnação, uma lenta decadência. Achamos que vamos encontrar paz apegando-nos a um conjunto de idéias, construindo interiormente uma muralha de segurança, uma parede de hábitos ou crenças; achamos que a paz é uma questão de busca de um princípio, de cultivo de uma dada tendência, de uma determinada fantasia, de um particular desejo. Queremos viver sem perturbação, então encontramos algum canto do universo, ou do nosso próprio ser, em que aninhamos e vivemos à sombra do auto-encerramento. Eis aí o que a maioria busca em seus relacionamentos com o marido, com a esposa, com os pais, com os amigos. Inconscientemente queremos paz a qualquer preço e, portanto, a buscamos.

Mas acaso pode a mente encontrar paz? Não é ela própria uma fonte de distúrbio? A mente só pode juntar, acumular, negar, afirmar, lembrar, buscar. A paz é absolutamente essencial, porque sem ela não podemos viver de forma criativa. Mas será a paz algo a ser concretizado mediante as lutas, as negações, os sacrifícios da mente? Compreendem o que quero dizer?

Podemos estar descontentes enquanto somos jovens, mas à proporção que ficamos mais velhos, a menos que sejamos muito sábios e vigilantes, esse descontentamento será canalizado para alguma forma de pacífica resignação com a vida. A mente está perenemente buscando um hábito, uma crença, um desejo separado, algo em que possa viver, e estar em paz com o mundo. Mas a mente não pode encontrar paz, porque ela só pode pensar em termos de tempo, em termos de passado, presente e futuro: o que foi, o que é e o que será. Ela está constantemente condenando, julgando, ponderando, comparando, perseguindo suas próprias vaidades, seus hábitos, suas crenças; e essa mente nunca pode estar em paz. Ela poderá iludir-se e simular um estado

que chame de paz; mas isso não será paz. A mente pode mesmerizar-se pela repetição de palavras e frases, por seguir alguém ou por acumular conhecimentos; mas não está em paz, porque tal mente é, ela própria, o centro de perturbação, ela é, por sua própria natureza, a essência do tempo. Portanto, a mente com que pensamos, com que calculamos, com que maquinamos e comparamos, é incapaz de encontrar paz.

A paz não é fruto da razão; e, no entanto, como vocês verão se as observarem, as religiões organizadas estão presas a essa busca de paz por intermédio da mente. A verdadeira paz é tão criativa e tão para como a guerra é destrutiva; e, para encontrar essa paz, é preciso compreender a beleza. Por isso, é importante, enquanto somos jovens, termos a beleza ao nosso redor — a beleza de edifícios que tenham proporções adequadas, a beleza da limpeza, de conversas tranqüilas entre os mais velhos. Ao entender o que é a beleza, conheceremos o amor, pois a compreensão da beleza é a paz do coração.

A paz é do coração, não da mente. Para conhecer a paz vocês terão de descobrir o que é a beleza. O seu modo de falar, as palavras que empregam, os gestos que fazem — essas coisas importam muito, pois por meio delas vocês descobrirão o refinamento de seu próprio coração. A beleza não pode ser definida, ela não pode ser explicada com palavras. Só pode ser compreendida quando a mente está muito quieta.

Assim sendo, enquanto são jovens e sensíveis, é essencial que vocês — tanto quanto os seus responsáveis — criem uma atmosfera de beleza. Seu modo de vestir, de andar, de sentar, de comer — todas essas coisas, e as coisas que os cercam, são muito importantes. À medida que crescerem, vocês enfrentarão as coisas feias da vida — edifícios feios, pessoas feias pela malícia, pela inveja, pela ambição, pela crueldade; e se, em seu coração, não estiver fundada e estabelecida a percepção do belo, vocês serão facilmente engolfados pela enorme correnteza do mundo. Então ficarão presos na interminável luta para encontrar a paz através da mente. A mente projeta uma idéia do que seja a paz e procura alcançá-la, ficando, assim, presa na malha das palavras, na rede das fantasias e ilusões.

A paz só pode acontecer se houver amor. Se vocês só tiverem paz através da segurança, do dinheiro ou de alguma outra coisa, ou através de certos dogmas, rituais, repetições verbais, não haverá cria-

tividade; vocês não sentirão a urgência de fazer uma revolução fundamental no mundo. Tal paz só leva ao contentamento e à resignação. Mas quando em vocês houver a compreensão do amor e da beleza, então encontrarão a paz que não é a mera projeção da mente. É essa paz que é criativa, que remove a confusão e estabelece a ordem interior. Mas essa paz não vem através de nenhum esforço. Ela surge quando se está constantemente vigilante, quando se é sensível tanto ao feio como ao bonito, ao que é bom e ao que é mau, a todas as vicissitudes da vida. A paz não é alguma coisa mesquinha, criada pela mente; ela é infinitamente grandiosa, ampla, e só pode ser compreendida quando o coração está cheio dela.

Pergunta: *Por que nos sentimos inferiores perante os nossos superiores?*

Krishnamurti: A quem você considera superior? Os que sabem? Os que possuem títulos, diplomas? Aqueles de quem deseja algo, uma recompensa ou posição? No momento em que você considera alguém como superior, não considera outros como inferiores?

Por que temos esta divisão de superior e inferior? Ela só existe quando nós queremos alguma coisa, não é mesmo? Sinto-me menos inteligente que você, não tenho tanto dinheiro ou a mesma capacidade que você, não sou tão feliz quanto você parece ser, ou desejo alguma coisa sua; portanto, sinto-me inferior a você. Quando sinto inveja de você, ou quando estou tentando imitá-lo, ou quando desejo de você alguma coisa, torno-me imediatamente seu inferior, porque o pus num pedestal, dei-lhe um valor superior. Por isso, psicologicamente, no íntimo, eu crio tanto o superior como o inferior; crio essa noção de desigualdade entre aqueles que têm e aqueles que não têm.

Entre os seres humanos há enorme desigualdade de capacidade, não há? Há o homem que projeta o avião a jato e o que guia o arado. Essas vastas diferenças de capacidade – intelectual, verbal, física – são inevitáveis. Mas, veja você, nós damos uma tremenda importância a certas funções. Consideramos o governador, o primeiro-ministro, o inventor, o cientista, como sendo enormemente mais importantes que o nosso criado; assim, a função assume *status*. Enquanto dermos *status* a determinadas funções, haverá fatalmente esse senso de desigualdade, e a distância entre os que são capazes e os que não o são torna-se in-

transponível. Se pudermos conservar a função despida de *status*, haverá a possibilidade de criarmos um verdadeiro sentimento de igualdade. Mas para tanto é preciso haver amor; porque é o amor que destrói a noção de inferior e superior.

O mundo está dividido entre os que têm — os ricos, os poderosos, os capazes, os que tudo possuem — e os que não têm. E é possível criar um mundo em que essa divisão não exista? Na verdade, o que está acontecendo é o seguinte: vendo essa brecha, esse abismo entre ricos e pobres, entre os homens de grande capacidade e os de escassa ou nenhuma capacidade, os políticos e economistas estão tentanto solucionar o problema mediante reformas econômicas e sociais. Isso pode estar muito certo. Mas uma transformação real nunca poderá ocorrer enquanto não compreendermos todo o processo do antagonismo, da inveja, da malícia; pois só quando esse processo for compreendido e acabado é que poderá haver amor em nossos corações.

Pergunta: *Será possível ter paz em nossas vidas quando a todo momento estamos lutando contra o nosso ambiente?*

Krishnamurti: O que é o nosso ambiente? Nosso ambiente é a sociedade, o ambiente econômico, religioso, nacional e de classe do país em que somos criados; e também o clima. A maioria está lutando para se ajustar ao ambiente, porque deseja obter um emprego desse ambiente, espera auferir os benefícios dessa dada sociedade. Mas o que é essa sociedade e de que é ela constituída? Já refletiu sobre isso? Já examinou detidamente a sociedade em que você vive e a que está procurando se ajustar? Essa sociedade está fundamentada numa série de crenças e tradições que se chama religião, e em certos valores econômicos, não é mesmo? Você faz parte dessa sociedade e está lutando por ajustar-se a ela. Mas essa sociedade é o resultado da cupidez, é o resultado da inveja, do medo, da ambição, da busca de posses, com lampejos ocasionais de amor. E se você quer ser inteligente, intemerato, não cobiçoso, pode acaso ajustar-se a essa sociedade?

Certamente, você terá de criar uma nova sociedade, vale dizer, você, como indivíduo, precisa estar livre da ânsia de adquirir, da inveja, da cobiça; você precisa livrar-se de sentimentos nacionalistas, patrióticos, e de todo estreitamento religioso. Só então haverá a pos-

sibilidade de criar algo novo, uma sociedade inteiramente nova. Mas enquanto lutar irrefletidamente para ajustar-se à presente sociedade, você estará meramente seguindo o velho padrão de inveja, de poder e prestígio, de crenças que corrompem.

Então é muito importante, enquanto vocês são jovens, começarem a entender esses problemas e terem real liberdade interior, pois então vocês criarão um novo mundo, uma nova sociedade, uma nova relação entre os homens. E ajudá-los a fazer isso é, sem dúvida, a verdadeira função da educação.

Pergunta: *Por que sofremos? Por que não podemos libertar-nos das doenças e da morte?*

Krishnamurti: Através de saneamento básico, de condições adequadas de vida e nutrição, o homem está começando a livrar-se de certas doenças. Mediante a cirurgia e várias formas de tratamento, a ciência médica está procurando encontrar a cura de doenças incuráveis como o câncer. Um médico competente faz tudo o que pode para aliviar ou eliminar as doenças.

E poderemos vencer a morte? É extraordinário que você, em sua idade, esteja tão interessado na morte. Por que está tão preocupado com ela? Será porque vê muitas mortes em seu redor — os *ghats* crematórios, os corpos sendo carregados para o rio? Para você, a morte é uma visão familiar, é tão constante; e, além disso, há o medo da morte.

Se você não refletir e compreender por si mesmo as implicações da morte, você irá infindavelmente de um pregador a outro, de uma esperança a outra, de uma crença a outra, tentanto encontrar solução para o problema da morte. Você compreende? Não fique inquirindo dos outros, mas tente descobrir por si mesmo a verdade sobre esse assunto. Fazer inúmeras perguntas sem nunca procurar descobrir a resposta por si mesmo é característica de uma mentalidade tacanha.

Veja bem, nós tememos a morte só quando nos apegamos à vida. A compreensão de todo o processo da vida é também a compreensão do significado da morte. A morte é meramente a extinção da continuidade, e receamos não poder continuar; mas o que continua não pode nunca ser criativo. Reflita nisso; descubra por conta própria qual é a

verdade. É a verdade que o livra do medo da morte, e não as suas teorias religiosas, nem a sua crença na reencarnação ou na vida futura.

XVIII

Enquanto somos bem jovens, a maioria de nós talvez não seja grandemente afetada pelos conflitos da vida, pelas preocupações, pelas alegrias passageiras, pelos desastres físicos, pelo medo da morte e as distorções mentais que pesam sobre a geração mais velha. Felizmente, enquanto somos jovens, a maioria de nós ainda não se encontra no campo de batalha da vida. Mas, à medida que envelhecemos, os problemas, as angústias, as dúvidas, as lutas econômicas e interiores, tudo isso começa a acumular-se em nós, e então desejamos encontrar o sentido da vida, queremos saber o que ela significa. Ficamos perplexos com os conflitos, com as dores, com a pobreza, com os desastres. Queremos saber por que algumas pessoas estão bem colocadas e outras não; por que um ser humano tem saúde, é inteligente, bem-dotado, capaz, ao passo que outro não o é. E se somos pouco exigentes, ficamos logo presos a alguma hipótese, a alguma teoria ou crença; encontramos uma resposta, mas não é nunca a verdadeira resposta. Verificamos que a vida é feia, dolorosa, triste, e começamos a inquirir; mas não tendo suficiente confiança própria, vigor, inteligência, inocência, para continuar inquirindo, somos logo colhidos nas malhas de alguma teoria ou crença, especulação ou doutrina que explique satisfatoriamente tudo isso. Aos poucos nossas crenças e dogmas se tornam profundamente enraizados e inabaláveis, porque por trás deles está um constante medo do desconhecido. Nunca examinamos o medo; desviamo-nos dele e nos refugiamos em nossas crenças. E quando examinamos essas crenças — a hindu, a budista, a cristã — verificamos que elas dividem as pessoas. Cada conjunto de dogmas e crenças possui uma série de rituais, uma série de compulsões que amarram a mente e separam um homem de outro.

Então começamos a inquirir para tentar descobrir a verdade, o significado de toda essa miséria, dessa luta, dessa dor, e acabamos com

um conjunto de crenças, rituais, teorias. Não temos a necessária confiança própria, nem o vigor, nem a inocência, para afastar a crença para um lado e inquirir; desse modo, a crença passa a atuar como um fator de deterioração em nossa vida.

A crença é corruptora porque atrás dela e dos ideais de moralidade aninha-se o "eu", o ego — o ego que está cada vez maior e mais poderoso. Achamos que crer em Deus é religião. Consideramos que crer é ser religioso. Se vocês não crêem, serão considerados ateus e condenados pela sociedade. Uma sociedade condena os que não crêem em Deus, e outra condena os que nele crêem. Ambas são uma só e a mesma coisa.

Nessas condições, a religião se torna uma questão de crer, e o crer atua como uma limitação sobre a mente; então a mente nunca é livre. Mas é só em liberdade que vocês podem encontrar a verdade, Deus; não através de alguma crença; porque a crença projeta o que vocês pensam que *deveria* ser Deus, o que vocês acreditam *deva* ser a verdade. Se vocês crêem que Deus é amor, que Deus é bom, que Deus é isto ou aquilo, sua própria crença lhes impede de compreender o que seja Deus, o que seja a verdade. Mas o caso é que vocês desejam esquecer-se numa crença; querem sacrificar-se; desejam emular outrem, abandonar essa luta constante que prossegue dentro de vocês e buscar a virtude.

Sua vida é uma luta constante em que há tristeza, sofrimento, ambição, prazeres transitórios, felicidade que vem e vai; então a mente quer algo grandioso em que se apegar, algo além de si mesma com que possa identificar-se. A isso ela chama Deus, verdade, e identifica-se com tal coisa através da crença, da convicção, da racionalização, de várias formas de disciplina e moralidade idealista. Mas essa coisa grandiosa, que cria especulação, ainda faz parte do "eu", é coisa projetada pela mente em seu desejo de escapar às tormentas da vida.

Identificamo-nos com uma dada pátria — a Índia, a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia, os Estados Unidos. Vocês pensam em si mesmos como sendo hindus. Por quê? Por que se identificam com a Índia? Já examinaram isso, já foram além das palavras que lhes captaram a mente? Vivendo numa cidade ou num pequeno vilarejo, levando uma vida miserável com suas lutas e conflitos familiares, estando insatisfeitos, descontentes, infelizes, vocês se identificam com uma pátria

chamada Índia. Isto lhes dá uma sensação de grandeza, de importância, uma satisfação psicológica, então dizem: "Sou indiano"; e por isso estão dispostos a matar, a morrer ou a aleijar-se.

Da mesma forma, porque vocês são realmente insignificantes e estão em constante batalha consigo mesmos e com os outros, porque estão confusos, angustiados, incertos, porque sabem que há morte, vocês se identificam com algo mais além, algo vasto, importante, cheio de significado, a que chamam de Deus. Essa identificação com aquilo a que chamam de Deus dá-lhes uma sensação de enorme importância, e vocês se sentem felizes. Portanto, a identificação de vocês com algo maior é um processo de auto-expansão; é, ainda, a luta do "eu", do ego.

A religião, como geralmente a conhecemos, consiste numa série de crenças, dogmas, rituais, superstições; é a adoração de ídolos, de amuletos e de gurus, e achamos que tudo isso nos levará a alguma meta fundamental. A meta fundamental é a nossa própria projeção; é aquilo que desejamos, o que pensamos que nos tornará felizes, uma garantia do estado de imortalidade. Presa a esse desejo de certeza, a mente cria uma religião de dogmas, de hierarquia clerical, de superstições e de adoração de ídolos; e aí ela se estagna. Será isso religião? Religião é uma questão de crença, uma questão de aceitação ou de tomada de conhecimento das experiências e asserções de outras pessoas? É religião a mera prática da moralidade? É comparativamente fácil levar uma vida digna – fazer *isto* e não fazer *aquilo*. Vocês podem simplesmente imitar um sistema moral. Mas por trás dessa moralidade aninha-se o ego agressivo, crescendo, expandindo-se, dominando. Será isso religião?

Vocês precisam descobrir o que é a verdade, porque é isto o que realmente importa – não o fato de vocês serem ricos ou pobres, se estão satisfatoriamente casados e têm filhos, pois todas essas coisas têm fim; e sempre há morte. Por isso, sem qualquer forma de crença, vocês precisam ter o vigor, a confiança própria, a iniciativa de descobrir por si mesmos o que seja a verdade, o que é Deus. Crenças não libertarão suas mentes; a crença só corrompe, aprisiona, escurece. A mente só pode ser livre através de seu próprio vigor e confiança.

Certamente, uma das funções da educação é criar indivíduos que não sejam prisioneiros de nenhuma força de crença, de nenhum modelo de moral ou de respeitabilidade. É o "eu" que meramente

procura tornar-se moral, respeitável. O indivíduo verdadeiramente religioso é aquele que descobre, que diretamente experimenta o que é Deus, o que é a verdade. Essa experiência direta nunca é possível mediante qualquer forma de crença, ritual, seguimento ou adoração de outro. A mente verdadeiramente religiosa é livre de todos os gurus. Vocês, como indivíduos, à medida que crescem e vivem suas vidas, podem descobrir a verdade a cada momento, e portanto são capazes de ser livres.

A maioria pensa que livrar-se das coisas materiais do mundo é o primeiro passo rumo à religiosidade. Não é. Essa é uma das coisas mais fáceis de fazer. O primeiro passo é ser livre para pensar plena, completa e independentemente, o que significa não estar preso a nenhuma crença, nem esmagado pelas circunstâncias, pelo ambiente, de modo a ser uma pessoa integrada, capaz, vigorosa e confiante. Só então poderá sua mente, estando livre, sem preconceitos, não-condicionada, descobrir o que é Deus. Certamente, é essa a finalidade básica de qualquer centro de ensino: ajudar cada indivíduo que ali vem ter, a ser livre para descobrir a realidade. Isto significa não seguir nenhum sistema, não se apegar a nenhuma crença ou ritual e a não adorar nenhum guru. O indivíduo precisa despertar a própria inteligência, não através de alguma forma de disciplina, resistência, compulsão, coerção, mas sim através da liberdade. É só pela inteligência nascida da liberdade que o indivíduo pode descobrir o que está por trás da mente. Essa imensidão — o inominável, o ilimitado, aquilo que não é mensurável por meio de palavras e em que há o amor que não procede da mente — precisa ser experimentado diretamente. A mente não pode concebê-lo; portanto, ela precisa estar muito quieta, extraordinariamente tranqüila, sem nenhuma exigência nem desejo. Só então será possível existir aquilo que pode ser chamado de Deus ou de realidade.

Pergunta: *O que é obediência? Devemos obedecer uma ordem mesmo sem compreendê-la?*

Krishnamurti: Não é isso o que a maioria faz? Nossos pais, nossos professores, os mais velhos nos dizem: "Façam isto." Eles o dizem delicadamente, ou de vara na mão, e porque temos medo, obedecemos. É isso também o que os governos, o que os militares nos fazem. Somos ades-

trados desde a infância para obedecer sem discutir. Quanto mais autoritários forem nossos pais e quanto mais tirânico for o governo, tanto mais somos compelidos, modelados desde os mais tenros anos; e sem compreender por que temos de fazer o que nos mandam, obedecemos. Também nos dizem o que pensar. Nossas mentes são expurgadas de qualquer pensamento que não seja aprovado pelo Estado, pelas autoridades locais. Nunca nos ensinam nem ajudam a pensar, a descobrir, mas exigem que obedeçamos. O sacerdote nos diz isso, o livro sagrado nos diz isso e nosso próprio medo interior nos força a obedecer; porque se não obedecermos ficaremos confusos, sentir-nos-emos perdidos.

Então obedecemos porque somos muito precipitados. Não queremos pensar porque isso é algo perturbador; para pensar, teremos de questionar, inquirir, teremos que descobrir por nós mesmos. E os mais velhos não querem que inquiramos, eles não têm paciência para ouvir nossas perguntas. Estão ocupados demais com suas próprias contendas, com suas ambições e preconceitos, com seus *faças* e *não-faças* próprios da moral e da respeitabilidade; e nós, que somos jovens, temos medo de errar porque também queremos ser respeitáveis. Não queremos todos usar o mesmo tipo de roupas, parecer iguais? Não queremos fazer coisa alguma diferente, não desejamos pensar de forma independente, separar-nos, porque isso é muito perturbador; então unimo-nos à corja.

Qualquer que seja a nossa idade, a maioria de nós obedece, segue, copia, porque, interiormente, tememos a incerteza. Queremos estar seguros, tanto financeira como moralmente; queremos que nos aprovem. Queremos estar em posição segura, protegida, e nunca ser confrontados com nenhum problema, dor ou sofrimento. É o medo, consciente ou inconsciente, que nos leva a obedecer ao mestre, ao líder, ao sacerdote, ao governo. É o medo de sermos castigados que nos impede de fazer algo prejudicial aos outros. Então, por trás de todas as nossas ações, cobiças e objetivos, está o desejo da certeza, este desejo da segurança. Sem estar livre do medo, o mero obedecer tem pouca significação. O que importa é tomar consciência desse medo todos os dias, observar como ele se manifesta de diferentes modos. Só quando há liberdade em relação ao medo é que pode existir aquela qualidade interior de compreensão, aquela solitude em que não há acúmulo de conhecimento nem de experiência.

XIX

Quando ficamos mais velhos e deixamos a escola após receber a assim chamada educação, temos de enfrentar muitos problemas. Que profissão escolher para que nos realizemos e sejamos felizes? Em que vocação ou trabalho não sentiremos estar explorando ou sendo cruéis para com outros? Temos de enfrentar os problemas de sofrimento, desastre, morte. Temos de entender a fome, a superpopulação, o sexo, a dor, o prazer. Temos de haver-nos com muitas coisas confusas e contraditórias na vida: as disputas entre homem e homem, entre homem e mulher; os conflitos internos e as lutas externas. Temos de entender a ambição, a guerra, o espírito militar – e essa coisa extraordinária chamada paz, que é muito mais vital do que imaginamos. Temos de compreender a importância da religião, que não é mera especulação ou adoração de imagens, e também essa coisa tão estranha e complexa chamada amor. Temos que ser sensíveis à beleza da vida, a um pássaro em seu vôo – e também ao mendigo, à miséria dos pobres, aos repelentes edifícios que as pessoas constroem, à sujeira da estrada e ao templo ainda mais sujo. Temos de enfrentar todos esses problemas. Temos de enfrentar a questão de saber a quem seguir ou não seguir e se devemos seguir quem quer que seja.

A maioria está preocupada em produzir uma pequena mudança aqui e ali e contenta-se com isso. Quanto mais envelhecemos, menos queremos qualquer mudança profunda, fundamental, porque temos medo. Não pensamos em termos de transformação total; só pensamos em termos de mudança superficial; e se vocês examinarem verão que a mudança superficial não é mudança. Não é uma revolução radical, mas apenas uma continuidade modificada do que já era. Todas essas coisas vocês têm de enfrentar, desde a sua própria felicidade e angústia, até a felicidade e angústia da maioria; desde suas próprias ambições e objetivos egocêntricos até as ambições, motivações e objetivos alheios. Vocês terão que fazer face à competição, à corrupção em si próprios e nos outros, à deterioração da mente, ao vazio do coração. Vocês precisarão conhecer tudo isso, precisarão enfrentá-lo e compreendê-lo por si mesmos. Mas, desgraçadamente, não estão preparados para isso.

O que é que compreendemos quando saímos da escola? Podemos ter amealhado algum conhecimento, mas estamos tão entorpecidos, vazios, ocos, como quando chegamos. Nossos estudos, nossa freqüência à escola, nossos contactos com os professores, nada disso nos ajudou a compreender esses complexos problemas da vida. Os professores são entorpecidos e nós nos tornamos tão entorpecidos quanto eles. Eles têm medo e nós temos medo. Portanto, o problema é nosso. É nossa responsabilidade, tanto quanto dos professores, cuidar para que saiamos para o mundo com maturidade, com um pensamento profundo, livres de medo e, pois, capazes de fazer face à vida de forma inteligente.

Ora, parece muito importante encontrar uma resposta para todos esses problemas complexos; mas não existe uma resposta. Tudo o que se pode fazer é enfrentar esses problemas inteligentemente, à proporção que eles apareçam. Tenham a bondade de entender isto. Instintivamente vocês desejam uma resposta, não é mesmo? Vocês acreditam que, por ler livros, à força de guiar-se por alguém, encontrarão resposta para todos os problemas muito complexos e sutis da vida. Encontrarão crenças, teorias, mas elas não constituirão respostas, porque esses problemas foram criados por seres humanos como vocês. A estarrecedora insensibilidade, a fome, a crueldade, as coisas horrorosas, a miséria – tudo isso foi criado por seres humanos, e para produzir uma transformação fundamental vocês precisarão entender a mente e o coração humanos, vale dizer, a si próprios. Buscar meramente uma resposta num livro ou identificar-se com algum sistema político ou econômico, por muito promissor que seja, ou praticar algum absurdo religioso, com suas superstições, ou seguir um guru – nada disso nos ajudará a compreender esses problemas humanos, porque eles são criados por nós e por outros como nós. Para compreendê-los é preciso compreender-se – compreender-se enquanto se vive, a todo momento, todos os dias, continuamente; e para isso vocês precisam de inteligência, muita perspicácia, amor e paciência.

Logo, vocês devem descobrir o que é inteligência, não é verdade? Todos vocês usam essa palavra muito livremente; mas só por falar de inteligência vocês não se tornam inteligentes. Os políticos estão sempre repetindo palavras como "inteligência", "integração", "uma nova cultura", "um mundo unido", mas isso tudo são meras palavras com

escasso significado. Por isso, não usem palavras sem realmente compreender tudo o que elas significam.

Estamos tentando descobrir o que é a inteligência — não meramente a definição de inteligência, que se pode encontrar em qualquer dicionário, mas o conhecimento dela, sua sensação, sua compreensão; porque se tivermos essa inteligência, ela ajudará cada um de nós, à proporção que crescemos, a enfrentar os enormes problemas de nossas vidas. E sem essa inteligência, por muito que leiamos, estudemos, acumulemos conhecimento, reformemos, façamos pequenas mudanças aqui e ali no modelo da sociedade, não poderá haver real transformação, nenhuma felicidade duradoura.

Ora, o que quer dizer inteligência? Vou descobrir o que isto significa. Quiçá para alguns de vocês isto seja difícil; mas não se preocupem demais em procurar seguir as palavras; procurem, em vez disso, sentir o conteúdo do que estou dizendo. Procurem sentir a coisa, a qualidade de inteligência. Se o sentirem agora, então, à medida que crescerem, vocês verão com clareza cada vez maior a importância do que venho dizendo.

A maioria pensa que inteligência é o resultado da aquisição de conhecimento, informação, experiência. Por ter grande soma de conhecimento e experiência, acreditamos ser capazes de fazer face à vida com inteligência. Mas a vida é uma coisa extraordinária, nunca é estacionária; como o rio, está fluindo constantemente, nunca pára. Achamos que por amontoar mais experiência, mais conhecimento, mais virtude, mais riqueza, mais possessões, seremos inteligentes. Por isso, respeitamos as pessoas que acumularam conhecimento, os eruditos, e bem assim as que são ricas e cheias de experiência. Mas será a inteligência o resultado de "mais" disso ou "mais" daquilo? O que é que está por trás deste processo de adquirir mais, de desejar mais? Ao desejar mais, estamos às voltas com acumulação, não estamos?

Ora, o que acontece quando se acumulou conhecimento, experiência? Qualquer outra experiência que vocês tenham é imediatamente traduzida em termos de "mais e mais", e vocês nunca estão realmente experimentando, mas estão sempre amontoando; e esse amontoar é o processo da mente, que é o centro do "mais e mais". O "mais e mais" é o "eu", o ego, a entidade encerrada em si mesma que só está preocupada em acumular, seja negativa ou positivamente. Assim sendo,

com sua experiência acumulada, a mente se defronta com a vida. Ao defrontar-se com a vida, com esse acúmulo de experiência, a mente ainda está buscando "mais e mais", de modo que nunca experimenta, só acumula. Enquanto a mente for apenas um instrumento de acumulação, não haverá verdadeira experimentação. Como podem vocês franquear-se à experiência quando estão sempre pensando em obter algo dessa experiência, em adquirir alguma coisa mais?

Por isso, o homem que está acumulando, amealhando, o que está desejando mais, nunca está experimentando a vida em primeira mão. É só quando a mente não está preocupada com o "mais e mais", com acumular, que há a possibilidade de ser inteligente. Quando a mente está preocupada com o "mais e mais", toda experiência ulterior fortifica a muralha do "eu" encerrado em si mesmo, o processo egocêntrico que é o centro de todo conflito. Façam o favor de acompanhar isto. Vocês acham que a experiência liberta a mente, mas ela não o faz. Enquanto a sua mente estiver afeta à acumulação, ao "cada vez mais", toda experiência que tiverem apenas os fortifica em seu egocentrismo, em seu egoísmo, em seu processo fechado de pensar.

A inteligência só é possível quando há liberdade real em relação ao ego, em relação ao "eu", isto é, quando a mente já não seja o centro da busca de "mais e mais"; quando ela já não está subjugada pelo desejo de experiência maior, mais vasta, mais expansiva. Inteligência é a liberdade em relação à pressão do tempo, não é? Porque o "cada vez mais" implica tempo, e enquanto a mente for o centro da busca de "mais e mais", ela será o resultado do tempo. Por isso o cultivo do "cada vez mais" não é a inteligência. A compreensão de todo esse processo é o autoconhecimento. Quando alguém se conhece tal como é, sem um centro acumulador, desse autoconhecer provém a inteligência capaz de fazer face à vida; e essa inteligência é criativa.

Examinem suas próprias vidas. Considerem como são tediosas, estúpidas, estreitas, porque vocês não são criativos. Quando crescerem, talvez tenham filhos, mas isto não é ser criativo. Vocês talvez virem burocratas, mas nisso não há vitalidade, não é mesmo? É rotina morta, puro enfado. Sua vida está cercada de medo, e por isso há autoridade e imitação. Vocês não sabem o que é ser criativo. Por criatividade não entendo o pintar quadros, escrever poemas ou saber cantar. Refiro-me à natureza mais profunda da criatividade que, uma vez descoberta, é

uma fonte eterna, uma corrente imorredoura; e ela só pode ser encontrada mediante a inteligência. Essa fonte é o intemporal; mas a mente não pode encontrar o intemporal enquanto for o centro do "eu", do ego, da entidade que está eternamente pedindo "mais".

Quando vocês compreenderem tudo isto, não só verbalmente, mas em profundidade, descobrirão que com a inteligência desperta ocorre uma criatividade que é realidade, que é Deus, coisa sobre a qual não se pode especular nem meditar. Vocês nunca chegarão a isso mediante a prática da meditação, através de suas preces por "mais e mais" ou por escapar do "mais e mais". Essa realidade só pode ocorrer quando vocês entenderem o estado de sua própria mente, a malícia, a inveja, as reações complexas, à medida que surgem, de momento a momento, cotidianamente. Ao entender essas coisas experimenta-se um estado que se pode chamar de amor. Esse amor é inteligência, e produz uma criatividade que é intemporal.

Pergunta: *A sociedade baseia-se em nossa interdependência. O médico depende do agricultor, e o agricultor depende do médico. Como então pode alguém ser completamente independente?*

Krishnamurti: Vida é relacionamento. Até o *sannyasi* tem relacionamentos; ele pode renunciar ao mundo, mas ainda assim estará relacionado com o mundo. Não podemos escapar de ter relacionamentos. Para a maioria, o relacionamento é uma fonte de conflito; no relacionamento há medo, porque psicologicamente dependemos de outrem, seja do marido, seja da esposa, dos pais ou de um amigo. O relacionamento existe não só entre alguém e seus pais, entre alguém e seus filhos, mas também entre alguém e o professor, o cozinheiro, o criado, o governador, o comandante e toda a sociedade; e enquanto não entendermos esse relacionamento não haverá libertação em relação à dependência psicológica que acarreta medo e exploração. A liberdade só aparece através da inteligência. Sem inteligência, o mero buscar independência ou liberdade no relacionamento é perseguir uma ilusão.

Por isso, o importante é compreender nossa dependência psicológica no relacionamento. É ao descobrir as coisas ocultas do coração e da mente, ao compreender nossa própria solidão, nosso vazio, que há liberdade, não no que toca ao relacionamento, mas relativa-

mente à dependência psicológica que causa conflito, angústia, sofrimento e medo.

Pergunta: *Por que a verdade é intragável?*

Krishnamurti: Se eu acredito que sou belo, e você me diz que não o sou, o que bem pode ser verdade, gostarei disso? Se penso que sou muito inteligente, muito arguto, e você assinala que sou, na realidade, uma pessoa um tanto tola, isso me será intragável. E o fato de você apontar minha estupidez lhe dá um certo prazer, não é mesmo? Isso lisonjeia sua vaidade, mostra que *você* é muito arguto. Mas você não quer olhar para sua própria estupidez; você quer fugir daquilo que você é, deseja esconder-se de si mesmo, quer encobrir o seu próprio vazio, a sua solidão. Então procura amigos que nunca lhe dizem o que você é. Você deseja mostrar aos outros o que eles são; mas quando outros lhe mostram o que *você* é, você não gosta disso. Você evita o que expõe a sua natureza interior.

Pergunta: *Até agora nossos professores têm sido muito seguros e nos têm ensinado da maneira usual; mas após ouvir o que tem sido dito aqui, e depois de participar dos debates, eles se tornaram muito inseguros. Um aluno inteligente saberá conduzir-se sob essas circunstâncias; mas o que será daquele que não for inteligente?*

Krishnamurti: Sobre o que é que os professores estão inseguros? Não sobre o que terão que ensinar, porque poderão continuar ensinando matemática, geografia, o currículo habitual. Não é sobre isso que estão inseguros. Eles estão inseguros sobre como lidar com os alunos, não é verdade? Estão incertos quanto ao seu relacionamento com os alunos. Até recentemente eles não estavam particularmente preocupados com isso; simplesmente vinham para a classe, ensinavam e saíam. Mas agora estão preocupados com a possibilidade de estar criando medo por efeito de exercer autoridade para levar os alunos a obedecer. Estão apreensivos com o fato de poderem estar reprimindo o aluno, em vez de lhe encorajar a iniciativa ou ajudá-lo a encontrar sua verdadeira vocação. Naturalmente, tudo isso tornou-os inseguros. Mas, sem dúvida,

os professores tanto quanto os alunos têm que estar inseguros; eles também precisam inquirir, pesquisar. Esse é todo o processo da vida, do princípio até o fim, não é? – nunca parar em certo lugar e proclamar: "Eu sei."

Um homem inteligente nunca é estático; ele nunca diz: "Eu sei." Está sempre inquirindo, sempre incerto, sempre olhando, pesquisando, descobrindo. No momento em que diz: "Eu sei", já está morto. E, sejamos jovens ou velhos, a maioria de nós – por causa da tradição, da compulsão, do medo, por causa da burocracia e dos absurdos de nossa religião – está praticamente morta, sem vitalidade, sem vigor, sem confiança própria. Então, os professores também têm que descobrir. Eles precisam descobrir por si mesmos suas próprias tendências burocráticas e deixar de entorpecer as mentes alheias; e esse processo é muito difícil. Ele exige muita paciência e compreensão.

Portanto, o aluno inteligente precisa ajudar o professor, e o professor precisa ajudar o aluno; e ambos precisam ajudar o menino e a menina que não sejam muito inteligentes. Isso é relacionamento. Sem dúvida, quando o próprio professor está inseguro, está inquirindo, ele é mais tolerante, mais indeciso, mais paciente e afetuoso com os alunos menos alertas, cuja inteligência, desse modo, pode ser despertada.

Pergunta: *O agricultor depende do médico para a cura da dor física. Isso também é um relacionamento dependente?*

Krishnamurti: Como vimos, se, psicologicamente, eu dependo de você, meu relacionamento com você é baseado no medo; e enquanto existir medo não haverá independência no relacionamento. O problema de libertar a mente do medo é muito complexo.

Veja bem, o que importa não é o que alguém diga em resposta a todas essas perguntas, mas sim vocês descobrirem por si mesmos a verdade do assunto mediante interrogação constante – o que quer dizer não se deixarem colher nas malhas de nenhuma crença ou sistema de pensamento. É o constante perquirir que cria a iniciativa e acarreta a inteligência. Satisfazer-se meramente com uma resposta entorpece o espírito. Por isso é muito importante que vocês não se limitem a aceitar, mas inquiram constantemente e passem a descobrir livremente por si próprios a total significação da vida.

SEGUNDA PARTE

I

Pergunto-me por que estarão vocês sendo educados. Vocês sabem? Logo que estão suficientemente crescidos, seus pais os mandam para a escola. Eles talvez saibam por que os mandam para a escola, mas saberão vocês por que vão à escola? Tudo o que vocês e seus pais sabem é que vocês devem ir para a escola e serem educados.

Ora, o que significa ser educado? Já refletiram sobre isto? Significará meramente passar nos exames para depois casar e ter algum emprego, do qual podem ou não gostar, e continuar em tal emprego para o resto da vida? Será isso educação?

Vocês estão sendo educados em diversas escolas, isto é, estão aprendendo matemática, história, geografia, ciências, etc. Por quê? Já se perguntaram? Será apenas para, mais tarde, arranjar um meio de vida? É esse o propósito da educação? É a educação simplesmente uma questão de passar nos exames e acrescentar algum título a seus nomes, ou será alguma coisa totalmente diferente?

Se vocês olharem em torno, verão em que tremendo caos o mundo se encontra. Vocês vêem os pobres, que têm muito pouco para comer, que não têm férias e devem trabalhar dia após dia, de manhã à noite, enquanto os pais de vocês vão ao clube em carros luxuosos e lá se divertem. É a vida, não é mesmo? Há os pobres e os ricos, os que têm saúde e os doentes, e por todo o mundo há guerras, há angústias, há todo tipo de aflição. E vocês não deverão começar a refletir sobre estas coisas enquanto são jovens? Mas, vejam, não são assistidos em suas escolas no sentido de se prepararem para fazer face a essa vasta expansão da vida, com suas extraordinárias lutas, misérias, sofrimentos, guerras; ninguém fala com vocês a respeito dessas coisas. Apenas lhes apresentam os fatos secos, mas isso não é o bastante, é?

Sem dúvida, educação não significa apenas capacitá-los a obter empregos; é algo que deveria ajudá-los a se prepararem para a vida.

Vocês podem tornar-se funcionários, governadores, cientistas, mas isso não é a vida total.

Há todo tipo de coisas na vida. A vida é como o oceano. O oceano não é apenas o que se vê na superfície, não é mesmo? Ele é imensamente profundo, tem correntes enormes e está repleto de todo tipo de vida, com muitas variedades de peixes, os grandes alimentando-se dos pequenos. Isso tudo é o mar; e assim também é a vida, onde há todos os tipos de alegrias, prazeres, dores, invenções extraordinárias, inúmeros sistemas de meditação, e a procura em massa da felicidade. Isso tudo é a vida, mas vocês não estão preparados para ela. Na escola ninguém lhes fala sobre todas essas coisas. Há meninos e meninas demais em cada classe, e o professor só está preocupado em ajudá-los a passar nos exames, não está interessado no esclarecimento de suas mentes. Mas, certamente, a educação não é um processo de abarrotar a mente com informações. Se souberem ler poderão pegar qualquer enciclopédia e obter qualquer informação que quiserem. Portanto, penso que educação seja algo inteiramente diferente de um mero aprender certos fatos e passar em alguns exames.

Vejam: enquanto tivermos medo, não estaremos educados. Sabem o que vem a ser o medo? Vocês sabem que têm medo. As crianças têm medo, os adultos têm medo, todos vocês têm medo; e enquanto tivermos medo não estaremos educados, não teremos inteligência. Portanto, educar não é apenas abarrotar a mente de informações, mas ajudar o estudante a entender sem medo a grande complexidade da vida.

Vocês têm medo dos professores, dos pais, do irmão mais velho, da tia, ou de alguma outra pessoa, não é verdade? Os mais velhos têm o poder de castigar, de empurrar ou de mandar a gente ficar no quarto; e, assim, tanto na escola como em casa somos continuamente treinados pelo medo. Nossa vida é modelada pelo medo, e desde a infância até à morte temos medo. E sabem o que o medo faz? Já se observaram quando têm medo, como sua barriga se endurece, como vocês transpiram, como têm pesadelos? Vocês não gostam de estar junto das pessoas que têm medo, não é? Querem fugir delas como um animal assustado. Vejam, com esse mesmo medo nós vamos à escola e à faculdade, e com esse medo saímos da faculdade para enfrentar esta coisa extraordinária, esta vasta corrente com sua enorme profundidade, que chamamos de vida. Assim, parece-me que a coisa de maior importância em

educação é cuidar para sermos educados, para nos livrarmos do medo; porque o medo nos entorpece a mente, o medo paralisa o pensamento, ele produz trevas, e enquanto tivermos medo não criaremos um novo mundo. Compreendem o que quero dizer, ou nunca ouviram ninguém falar nisso antes?

Vejam, no mundo fora de sua família, fora de seu lar, no mundo além de Bombaim, na Europa, nos Estados Unidos e na Rússia, as pessoas estão preparando instrumentos de enorme destruição. O mundo está passando por uma fase terrível, e todos os políticos, todos os líderes estão muito confusos, embora não o admitam, pois estão sempre tendo guerras; sempre há algum tipo de problema. Então, o mundo na atualidade não é uma coisa bonita, não é um lugar feliz para se viver; e se vocês, que são bem jovens, não forem educados da maneira correta, obviamente criarão um mundo igualmente infeliz, igualmente miserável, igualmente caótico. Não será, pois, muito importante descobrir como vocês devem ser educados de modo a poder criar um mundo totalmente diferente? – um mundo em que todos possamos viver felizes juntos, em que não haja o rico e o pobre, nem os grandes políticos que têm todo o poder, posição, encanto, nem os desprivilegiados que nada tenham na vida e precisem trabalhar sem cessar até morrer.

São vocês que terão de criar um mundo novo, não as pessoas velhas, porque os velhos estão fazendo uma terrível confusão no mundo. Mas, se vocês receberem a educação certa, poderão criar um novo mundo. Está em suas mãos, não nas mãos dos políticos ou dos sacerdotes. Se vocês tiverem a educação certa, criarão um mundo maravilhoso – não um mundo para a Índia ou para a Europa, mas um mundo que venha a ser *nosso*, meu e de vocês, um mundo em que todos venhamos a viver felizes juntos. E eu lhes asseguro que a criação de um mundo assim depende de vocês, de mais ninguém, e é por isso que é muito importante o modo como vocês são educados e o tipo de professores que têm. Se o professor tiver medo, terá alunos que também terão medo. Se o professor for de mentalidade estreita, mesquinha, tacanha, limitando-se a meramente transmitir informação, então vocês também terão mentes assim e crescerão sem compreender o que é a vida.

Por isso, é realmente muitíssimo importante sermos educados da maneira certa, o que quer dizer crescermos com liberdade; e vocês não podem ser livres se tiverem medo dos pais, dos professores, da opinião

pública ou do que a avó de vocês diria. Se tiverem medo não poderão ser livres. E podem notar nas escolas que os professores não têm solucionado esse problema do medo; porque, no momento em que vocês têm qualquer tipo de compulsão no sentido de fazer alguma coisa, seja através da chamada bondade ou através de algum sistema de disciplina, isso cria o medo. Se eu sou o professor, e para fazê-los estudar eu os comparo a outros estudantes, dizendo que vocês não são tão inteligentes quanto um outro menino ou menina, eu os estou destruindo, não é mesmo? Em nossas atuais escolas nós temos os exames, que geram medo, e também temos sistemas de avaliação, o que quer dizer que o estudante está sempre sendo comparado com algum outro; portanto, é o menino ou menina inteligente que é considerado importante e não cada aluno em particular. O estudante que seja muito brilhante em seus estudos, que tenha uma capacidade especial para passar nos exames, pode ser estúpido em outros sentidos, e provavelmente o é.

Conferir notas, letras, comparar, e qualquer forma de compulsão, seja através da bondade ou de ameaças, produz medo; e é porque estamos aprisionados por esse medo, quando crianças, que nos debatemos com o medo pelo resto de nossas vidas. Os mais velhos, mercê de sua atitude para com a vida, criam uma forma de educação que é apenas uma repetição do habitual, e assim não há nenhum novo jeito de viver. Eis por que me parece muito importante refletir sobre todas essas questões enquanto ainda se é bem jovem. Ainda que vocês não estejam entendendo o que lhes digo, devem inquirir seus professores sobre isto, se eles permitirem, e ver se vocês podem realmente libertar-se do medo. Sem medo estuda-se muito melhor. Quando vocês percebem que não são compelidos a fazer nada, descobrirão em que estão interessados, e então, para o resto da vida, farão algo que realmente gostem de fazer – o que é muitíssimo mais importante que tornarem-se miseráveis funcionários só porque precisam ter um emprego. Fazer alguma coisa porque seus pais dizem que é preciso, ou porque a sociedade o requer, é puro contra-senso; ao passo que, se vocês realmente gostarem de fazer alguma coisa com as mãos e com a mente, por meio desse amor, criarão um novo mundo. Mas não poderão criar um mundo novo se tiverem medo e, portanto, enquanto são jovens é preciso que tenham um espírito de revolta.

Compreendem o que vem a ser revolta? À medida que vocês crescem da infância para a idade adulta, a vida exerce uma pressão sobre vocês sob a forma de pais, professores, tradição, vizinhança, cultura ou sociedade em que são criados, e assim por diante; isto tudo os encerra como numa prisão e os força a fazer o que *ela* quer, de modo que nunca sejam vocês mesmos. E não será importante que a educação os ajude a libertar-se para pensar e viver sem medo, e desse modo aprender por si mesmos o que é o amor? Se seus pais verdadeiramente amarem vocês, produzirão esse tipo de educação, cuidarão para que vocês sejam livres — livres para viver e crescer sem medo, livres para ser felizes. Mas há poucos pais assim no mundo, porquanto a maioria diz que o filho deve fazer *isto* e não *aquilo*, que deve ser igual ao pai: um advogado, um policial, um comerciante ou o que quer que o pai seja.

É mesmo muito difícil compreender todos esses problemas complexos, e só poderemos entendê-los quando tivermos inteligência. Devemos nos tornar inteligentes enquanto somos jovens, o que quer dizer que o próprio professor deve entender tudo isto. Mas há poucos professores que o compreendem, porque, para a maioria deles, ensinar é apenas um emprego. Eles não conseguem outro emprego onde possam ganhar mais, por isso dizem: "O magistério é um bom emprego", o que quer dizer que não estão interessados nem em educá-los nem em educar-se.

Portanto, como menino ou menina, vocês precisam descobrir a verdade de tudo isso, não podem ser simplesmente amestrados, como um animal doméstico. Espero que entendam o que estou dizendo, porque isto tudo é realmente muito difícil e requer grande reflexão. O mundo está se desintegrando, se despedaçando; há guerras, fome e miséria; e a criação de um novo mundo está nas mãos de vocês. Mas não podem criar um novo mundo se não houver em vocês um espírito de revolta; e não podem ter esse espírito de revolta enquanto tiverem medo, que paralisa a inteligência.

Pergunta: *Tenho tudo para ser feliz, enquanto que outros não têm. Por que isso é assim?*

Krishnamurti: Por que você pensa que é assim? Você pode ter saúde, pais bondosos, um bom cérebro e, portanto, pensar que é feliz; ao

passo que alguém doente, cujos pais não sejam bondosos e que não tenha um cérebro lá muito bom, se sente infeliz. Ora, por que isso é assim? Por que você é feliz quando o outro é infeliz? A felicidade porventura consiste em possuir riquezas, carros, boas casas, comida saborosa, bons pais? Será isso o que chama de felicidade? E será infeliz a pessoa que não possui nenhuma dessas coisas? Portanto, o que entende você por felicidade? Isso é importante descobrir, não é? Consiste a felicidade em comparar? Quando você diz: "Sou feliz", nasce sua felicidade da comparação? Você compreende o que estou dizendo ou é difícil demais?

Não terá ouvido seus pais dizerem "Fulano de Tal não é tão rico quanto nós"? A comparação nos faz achar que temos alguma coisa, ela nos dá uma sensação de satisfação, não é mesmo? Se alguém é inteligente e se compara com alguém lá não tão inteligente sente-se muito feliz. Isto é, nós pensamos que somos felizes mediante o orgulho, a comparação; mas o homem que se sente feliz por comparar-se com outrem que tenha um pouco menos é o ser humano mais miserável, porque sempre há alguém acima dele que possui mais; e assim indefinidamente. Por certo, comparação não é felicidade. A felicidade é coisa inteiramente diferente; não é algo que deva ser procurado. A felicidade surge quando você está fazendo alguma coisa porque realmente gosta de fazê-la, e não porque ela lhe dá riquezas ou porque o torna proeminente.

Pergunta: *Qual é o meio de nos livrarmos do medo que sentimos?*

Krishnamurti: Primeiro você precisa saber do que tem medo. Pode ter medo de seu pais, dos professores, de não passar nos exames, do que sua irmã, seu irmão ou seus vizinhos possam dizer; ou pode ter medo de não ser tão bom ou tão inteligente quanto seu pai, que tem um grande nome. Há muitos tipos de medo, e temos de saber de que temos medo.

Ora, sabe você de que é que tem medo? Se sabe, então não fuja desse medo, mas descubra por que o tem. Se quiser saber como livrar-se dele, não deve fugir-lhe; precisa enfrentá-lo; e, o próprio fato de enfrentá-lo, ajuda-o a livrar-se dele. Enquanto estamos fugindo do medo não o encaramos; mas no momento em que paramos e o encaramos, ele começa a se dissolver. A própria fuga é a causa do medo.

Vocês talvez tenham muitas perguntas a fazer, mas podem estar encabulados. Posso fazer-lhes uma? O que desejam ser quando crescerem? Vocês sabem? Claro que, para as meninas, isso é simples, elas querem casar; mas mesmo que vocês se casem, o que desejarão fazer? Vocês são ambiciosos? Sabem o que quer dizer ambição? É aquele desejo de nos tornarmos alguém, não é verdade? O homem que tem um ideal e diz: "Vou ser como Rama, Sita ou Gandhiji", ainda é ambicioso. Vocês de alguma forma são ambiciosos?

Ora, o que quer dizer isso? Por que são ambiciosos? Pode ser um pouco difícil, mas é um dos problemas da vida, e vocês precisam refletir sobre ele. Eu lhes direi por quê. Todos somos ambiciosos; todas as pessoas são ambiciosas à sua maneira. E sabem o que isto faz? Faz-nos voltar uns contra os outros. Estamos sempre lutando para ficar ricos, ter fama, ser mais brilhantes; quero ser maior do que você, e você quer ser maior do que eu. Por isso, ambição significa realmente procurar ser algo que não somos. E o que é mais importante? Tentar ser o que não somos ou compreender o que somos? Sem dúvida, devemos primeiro encarar-nos e começar a entender aquilo que somos.

Vejam, a maioria de nós é idealista; e os idealistas são hipócritas porque estão sempre procurando ser algo que não são. Se sou estúpido e luto para me tornar esperto, todo mundo vê nisto uma coisa maravilhosa. Mas uma pessoa estúpida, por mais que se familiarize com os truques da esperteza, não se torna, por isso, inteligente. Por outro lado, se sei que sou estúpido, esse próprio conhecimento é o começo da inteligência — o que é muito melhor que ser esperto. Compreenderam?

Se não tenho reações muito rápidas, o que é que geralmente acontece? Na escola me põem no fim da sala de aula — o que é uma coisa tremendamente infeliz para um professor fazer, porque sou tão importante como qualquer outra pessoa. É estupidez do professor manter-me no final da classe por comparar-me com os estudantes espertos, porque ao me comparar ele está me destruindo.

Mas a comparação constitui a base da nossa assim chamada educação e de toda a nossa cultura. O professor está sempre a dizer que você tem de ser tão bom quanto esse menino ou aquela menina, e então você luta para tornar-se tão esperto quanto eles o são. E o que é que acontece a você? Fica cada vez mais preocupado, fisicamente doente, mentalmente esgotado. Ao passo que, se o professor não fizer compa-

rações entre você e os outros, mas, em vez disso, disser: "Olhe aqui, rapaz, trate de ser você mesmo. Tratemos de descobrir em que é que você está interessado, quais são as suas capacidades. Não imite, não procure tornar-se igual a Rama, Sita ou Gandhiji, mas seja aquilo que você mesmo é e comece daí" – se o professor diz isso, então é *você* que é importante e não alguma outra pessoa. É o indivíduo que é importante, e ao compará-lo com alguém mais esperto, o professor o está depreciando, amesquinhando, tornando-o mais estúpido. A função do professor é ajudá-los a descobrir o que vocês são, e não poderá fazer isso se os estiver comparando com outros. A comparação destrói, por isso não se comparem com ninguém. Entendam aquilo que vocês mesmos são, e a partir daí comecem a descobrir como ser mais plena, livre e expansivamente aquilo que vocês são.

Pergunta: *O senhor disse que se os pais realmente amarem os filhos, eles não os impedirão de fazer coisa alguma. Mas se o filho não quiser lavar-se ou se ele quiser comer alguma coisa que lhe faça mal à saúde, não deverão impedir?*

Krishnamurti: Não creio que jamais tenha dito que se amarem os filhos os pais os deixarão fazer exatamente o que bem entenderem. Esta é uma questão muito difícil, não é? Afinal, se amo o meu filho devo cuidar para que ele não tenha motivo de ter medo – o que é uma coisa extraordinariamente difícil de fazer. Como eu disse, para libertar-se do medo, a criança não pode ser comparada com nenhuma outra, nem deve ser submetida a exames. Se amo a criança, dar-lhe-ei liberdade, não para ela fazer o que bem entender – porque meramente fazer tudo o que se quer é estúpido – mas liberdade para cultivar a inteligência; e essa inteligência depois lhe dirá o que fazer.

Para haver inteligência é preciso que haja liberdade, e não podemos ser livres se nos estão constantemente pressionando para nos tornarmos semelhantes a algum herói, porque então o herói é que é importante e não nós. Vocês não têm dor de barriga quando prestam exames? Não ficam nervosos, ansiosos? Quando, ano após ano, têm de enfrentar essa terrível provação chamada de exames finais, sabem o que isto lhes faz pelo resto da vida? Os mais velhos dizem que vocês precisam crescer sem medo; mas isso não significa nada, é só um

amontoado de palavras, porque eles estão cultivando o medo ao submetê-los a exames e ao compará-los com outros.

Outra coisa que realmente deveríamos discutir é o que chamamos de disciplina. Sabem o que quero dizer com disciplina? Desde a infância os outros lhes dizem o que fazer, e vocês o têm conseguido fazer muito bem. Ninguém se dá ao incômodo de lhes explicar por que devem levantar cedo ou por que precisam se lavar. Pais e professores não explicam estas coisas a vocês porque não têm o amor, o tempo nem a paciência necessários para tanto; limitam-se a dizer: "Faça isto ou, caso contrário, eu os castigarei." Portanto, a educação, como a conhecemos, é a instilação do medo. E como pode a mente de vocês ser inteligente quando existe o medo? Como podem sentir amor ou respeito pelas pessoas quando têm medo? Vocês podem "respeitar" as pessoas que tenham nomes famosos, carros dispendiosos; mas não respeitam seus criados, aplicam-lhes pontapés. Quando aparece um grande homem todos vocês o saúdam e reverenciam, e a isso chamam respeito; mas não é respeito, é o medo que os está fazendo reverenciá-los. Vocês não reverenciam o pobre *coolie,* não é? Não são respeitosos para com ele, porque ele não lhes pode dar nada. Portanto, toda nossa educação não passa do cultivo e do fortalecimento do medo. Que coisa terrível, não? E, enquanto houver medo, como poderemos criar um mundo novo? Não podemos. Eis por que é muito importante compreender este problema do medo enquanto vocês são jovens, e cuidarmos todos nós de sermos educados realmente sem medo.

Pergunta: *Não é importante ter ideais na vida?*

Krishnamurti: Eis uma boa pergunta, porque todos vocês têm ideais. Têm o ideal da não-violência, o ideal da paz, ou o ideal de uma pessoa como Rama, Sita ou Gandhiji, não têm? E o que quer dizer isso? Vocês não são importantes, mas o ideal é muito importante. Rama é tremendamente importante, mas não o pobre e velho "eu" de vocês; então, querem imitá-lo. Vocês só estão preocupados em copiar, seja um pessoa, seja uma idéia. Como eu disse, o idealista é um hipócrita, porque está sempre tentando tornar-se o que não é, em lugar de ser e compreender aquilo que ele é.

Vejam, o problema do idealismo é realmente complexo, e vocês não o entendem porque nunca foram encorajados a refletir nele; nunca alguém lhes falou sobre isso. Tudo o que seus livros, professores, jornais e revistas dizem é que precisam ter ideais, precisam ser como este ou aquele herói, o que só faz a mente ser como um macaco que imita, ou como uma gravação gramofônica que repete uma porção de palavras. Portanto, vocês não devem aceitar, mas precisam começar a questionar tudo, e a descobrir as verdades por si mesmos; e não podem questionar se estiverem interiormente com medo. Questionar tudo significa estar em revolta, o que é criar um novo mundo. Mas, vejam só, seus professores e seus pais não querem que vocês se revoltem, porque querem controlá-los, querem moldá-los e conformá-los a seus próprios padrões; e, assim, a vida continua sendo uma coisa horrorosa.

Pergunta: *Se somos pequenos, como poderemos criar um mundo novo?*

Krishnamurti: Vocês não podem criar um mundo novo se forem pequenos. Mas não vão ser pequenos para o resto da vida, vão? Você é pequeno se tiver medo. Você pode ter um corpo grande, um carro grande, uma alta posição, mas, se interiormente, tiver medos, nunca vai criar um mundo novo. Aí está por que é muito importante crescer com inteligência, sem medo, crescer em liberdade. Mas crescer em liberdade não significa disciplinar-se para ser livre.

Pergunta: *Qual deve ser o sistema de educação para levar a criança a não ter medo?*

Krishnamurti: Sistemas ou métodos implicam a idéia de que nos digam o que devemos fazer e como fazê-lo; porventura isso o levará a não ter medo? Pode-se ser educado com inteligência, sem medo, mediante alguma espécie de sistema? Quando jovens, vocês devem ser livres para crescer; mas não existe nenhum sistema para torná-los livres. Um sistema implica a idéia de levar a mente a conformar-se com um modelo, não é verdade? Significa encerrá-los num molde, não lhes dar liberdade. No momento em que se apóiam num sistema, vocês não ousam mais sair dele e, então, até mesmo o simples pensamento de sair dele

provoca medo. Nessas condições, não há realmente nenhum *sistema* de educação. O que importa é o professor e o aluno, não o sistema. Afinal de contas, se desejo ajudá-los a libertar-se do medo, eu mesmo tenho que me livrar do medo. Devo, pois, estudá-los; devo dar-me ao trabalho de explicar-lhes tudo e dizer-lhes como é o mundo; e para fazer isto eu preciso amá-los. Como professor, devo ter a sensibilidade para fazer com que, quando vocês deixem a escola ou a faculdade, estejam sem medo. Se eu realmente tiver essa sensibilidade, poderei ajudá-los a livrar-se do medo.

Pergunta: *Será possível conhecer a qualidade do ouro sem testá-lo de algum modo? Assim, pode-se conhecer a capacidade de cada criança sem submetê-la a algum tipo de exame?*

Krishnamurti: Você realmente conhece a capacidade da criança por meio de exames? Uma criança pode fracassar porque ficou nervosa, amedrontada com o exame, ao passo que outra pode passar porque foi menos afetada. De outra parte, se observar cada criança, semana após semana, se lhe observar o caráter, seu modo de participar nos jogos, seu modo de falar, os interesses que demonstra, como estuda, o alimento que ingere, você começará a conhecer a criança sem que sejam precisos exames para lhe dizer do que ela é capaz. Mas nunca pensamos nessas coisas.

Pergunta: *Qual é a sua idéia de um novo mundo?*

Krishnamurti: Não tenho nenhuma idéia sobre o novo mundo. O "novo" mundo não poderá ser novo se eu tiver uma idéia dele. Isto não é apenas uma agudeza de espírito, é um fato. Se eu tiver alguma idéia a respeito dele, essa idéia será fruto de meu estudo e experiência, não é verdade? Será fruto daquilo que aprendi, daquilo que li, do que outras pessoas disseram que o novo mundo deveria ser. Portanto, o "novo" mundo não poderá ser novo se for uma criação da mente, porque a mente é o velho. Você não sabe o que vai acontecer amanhã, sabe? Pode saber que amanhã não haverá aula por ser domingo e que segunda-feira terá que ir à escola de novo; mas o que vai acontecer fora da escola, que sentimentos vai experimentar, que coisas irá ver — isso

tudo você não sabe, não é verdade? E como você não sabe o que vai acontecer amanhã ou depois de amanhã, quando isso acontecer será novidade; e o que importa é sermos capazes de encontrar o novo.

Pergunta: *Como podemos criar alguma coisa nova se não soubermos o que desejamos criar?*

Krishnamurti: Coisa triste é não saber o que significa criar, não é? Quando você tem um sentimento, pode pôr em palavras aquilo que sente. Se você se depara com uma bela árvore, pode escrever um poema que descreva, não a árvore, mas aquilo que ela suscitou em você. Esse sentimento é a coisa nova, a coisa criativa; mas você não pode provocá-la, é preciso que ela lhe aconteça.

Pergunta: *Devem as crianças levar todas essas coisas a sério? E se o fizerem, ficarão algum dia livres para regalar-se?*

Krishnamurti: Você não está sério agora? Mas não pode ficar sempre sério, não é? Não pode brincar o tempo todo, ou dormir sempre, ou estudar sem cessar. Há tempo de brincar e tempo de estar sério, e a finalidade dessa nossa reunião é séria; mas se não quiser ficar sério, está muito bem, ninguém vai forçá-lo a isso.

II

Estivemos falando sobre o medo; e não acham vocês que o que *chamamos* de religião é, na verdade, um produto do medo? Já devem ter observado como seus pais, seus avós ou outros parentes vão ao templo, adoram um ídolo, repetem sentenças do *Gîtâ* ou de algum outro livro sagrado, ou realizam algum ritual. Fazer estas coisas e acreditar em algo é a isso que eles chamam religião. Mas vocês concordam? Ir ao templo, depositar flores aos pés de um ídolo feito pela mão do homem, desempenhar algum ritual dia após dia, ano após ano até a morte – será isso religião?

E se religião não é a adoração de uma coisa feita pela mão do homem, seguir-se-á que é a adoração de algo construído pela mente? Quando você entra num templo, vê que há ali um ídolo que algum escultor talhou em pedra. As pessoas depõem flores perante essa imagem, vertem-lhe água, vestem-na; a isso chamam de religião e consideram falta de religiosidade não fazer tais coisas.

Também nós temos uma idéia do que seja Deus, e essa idéia é criada pela mente, não é? O ídolo é feito pela mente através das mãos, e a idéia de Deus é feita e mantida na mente como algo maravilhoso, algo a ser adorado como o ídolo sagrado. Tanto a idéia quanto o ídolo são feitos pela mente, não são? Obviamente, eles não são Deus, porque a mente os inventou. Na Europa, vocês verão a figura esculpida de uma criatura humana despida e cravada numa cruz, e eles adoram essa figura. Aqui na Índia, fazemos o mesmo de outra maneira. Seja na Índia, na Europa ou na América, rezamos perante uma imagem, adoramos uma idéia, e aos poucos edificamos uma coisa chamada religião — uma religião inventada pela mente.

Vejam, temos medo de ficar sós, queremos alguém para nos ajudar. Na idade de vocês queremos ser ajudados pela mãe, pelo pai, pela vovó e, à medida que crescemos, ainda queremos alguém para nos ajudar, porque a vida é algo muito difícil; queremos um pai glorificado para nos proteger, para nos dizer o que fazer. Assim, como conseqüência do medo de ficarmos sós, de não sermos ajudados, acreditamos num Deus que nos irá ajudar; mas isso ainda é uma invenção da mente, não é? Porque temos medo e queremos ser guiados e desejamos que nos digam o que é certo e o que é errado, quando crescemos criamos uma religião que não é absolutamente religião. Religião, cuido eu, é algo totalmente diferente, e para encontrar a coisa real precisamos, sem dúvida, livrar-nos da coisa que o homem inventa. Entenderam? Para descobrir o que é Deus, para descobrir algo que seja real, é preciso que se esteja livre de todas as armadilhas pseudo-religiosas que o homem impôs a si mesmo. Vocês só poderão descobrir a coisa real se estiverem completamente livres do medo, o que quer dizer que, quando crescerem e saírem para o mundo, vocês precisarão ter inteligência para descobrir do que é que têm medo — tirá-lo do armário de sua mente, enfrentá-lo e não fugir dele.

A maioria de nós tem medo de ficar só. Porventura saímos a passeio sozinhos? Raramente. Sempre queremos que alguém vá conosco porque queremos conversar, queremos contar alguma história a alguém, sempre estamos falando, falando, falando; portanto, nunca estamos sós, estamos? Quando se cresce e se pode sair para um passeio sozinho, descobre-se muitas coisas. Descobre-se o próprio jeito de pensar, e então começa-se a observar todas as coisas circundantes — o mendigo, o homem estúpido, o inteligente, o rico e o pobre; toma-se consciência das árvores, dos pássaros, a luz refletida numa folha. Vocês verão tudo isso quando saírem a passear sozinhos. Ficando sós, vocês depressa descobrirão que têm medo. E é porque temos medo que inventamos essa coisa chamada religião.

Muitos volumes têm sido escritos sobre Deus e sobre o que se deve fazer para abordá-lo; mas a base disso tudo é o medo. Enquanto se tem medo, não se pode encontrar nada de real. Se você tem medo do escuro, não se atreve a sair da cama, cobre a cabeça com o lençol e trata de dormir. Para sair e ver, para descobrir o que é real, é preciso haver liberdade em relação ao medo, não é? Mas, vejam, ficar livre do medo é muito difícil. A maioria dos adultos diz que vocês só podem ser livres quando forem mais velhos, quando tiverem amealhado conhecimentos e tiverem aprendido a disciplinar a mente. Eles pensam que liberdade é algo muito distante, situado no fim e não no princípio. Mas certamente deve haver liberdade desde a infância, de outro modo vocês jamais serão livres.

Vejam, tendo eles próprios medo, eles os disciplinam, dizem-lhes o que é certo e o que é errado; dizem que vocês precisam fazer *aquilo* e não *isto,* que devem pensar no que as pessoas dirão, e assim por diante. Há todo tipo de controle para ajustá-los na trilha, no molde, no modelo, e a isso chamam de disciplina. Sendo muito jovens, e por causa de seu próprio medo, vocês se ajustam; mas isso não os ajuda em nada, porque quando vocês apenas se ajustam a algo, não o compreendem.

Ora, examinem isso de outro modo. Se vocês não fossem disciplinados, se não fossem controlados, reprimidos, fariam o que quisessem? Vocês fariam o que bem entendessem, se não houvesse ninguém para dizer-lhes o que fazer? Talvez o fizessem agora, porque estão habituados a ser obrigados, oprimidos, moldados e, como reação, fariam

algo contrário a tudo isso. Mas suponham que desde a infância, desde o começo de sua freqüência à escola, o professor conversasse com vocês e não lhes dissesse o que *deveriam* fazer – como então reagiriam? Se, desde o começo de sua passagem pela escola, o professor assinalasse que ser livre é a primeira coisa importante, e não a última a ser tratada quando se está para morrer, o que aconteceria?

O problema é que ser livre requer boa dose de inteligência; e como vocês ainda não sabem o que é ser livre – livre para fazer alguma coisa que realmente se goste de fazer – é função do professor ajudálos a descobrir os processos da inteligência. É a inteligência que acarreta a liberdade em relação ao medo. Enquanto houver medo, vocês estarão sempre se impondo algum tipo de disciplina: devo fazer *isto* e não *aquilo*, devo crer, preciso conformar-me, preciso fazer *puja,* e assim por diante. Essa autodisciplina é toda ela nascida do medo, e onde há medo não há inteligência.

Por conseguinte, a educação, a rigor, não é apenas uma questão de ler livros, de passar nos exames e de obter um emprego. É um processo completamente distinto; ela se estende desde o momento em que se nasce até a morte. Vocês podem ler inúmeros livros e ser muito espertos, mas não creio que a mera esperteza seja sinal de educação. Se for simplesmente esperto, você perderá muito na vida. O importante é, primeiro, descobrir de que é que você tem medo, compreender isso e não fugir disso. Quando a sua mente está realmente livre de todo tipo de exigências, quando já não é invejosa, cobiçosa, só então você poderá descobrir o que é Deus. Deus não é o que o povo diz que ele é. É algo inteiramente diferente – algo que acontece quando você compreende, quando você não tem nenhum medo.

Assim sendo, a religião é na realidade um processo de educação, não é verdade? A religião não é uma questão daquilo em que se deve crer ou não crer, de cumprir rituais ou de apegar-se a algumas superstições; é um processo de auto-educação nos caminhos do entendimento, de modo que nossa vida fique extraordinariamente rica e não mais sejamos seres humanos amedrontados, medíocres. Só então poderemos criar um mundo novo.

Líderes políticos e religiosos dizem que a criação de um novo mundo está nas mãos dos jovens. Nunca ouviram isso? Centenas de vezes, provavelmente. Mas eles não os educam para serem livres; e é

preciso haver liberdade para criar um mundo novo. Os adultos os educam nos moldes das próprias idéias deles — e têm feito uma grande confusão. Eles dizem que são vocês, os da nova geração, que devem criar um mundo novo; mas ao mesmo tempo eles os enjaulam, não é verdade? Dizem-lhes que precisam ser indianos, parses, isto ou aquilo — e se vocês lhes seguirem as idéias irão obviamente criar um mundo exatamente igual ao atual. Um novo mundo só pode ser criado quando se cria em liberdade, não com medo, não com superstição, não com base no que certa pessoa disse que um mundo novo deveria ser.

Vocês, jovens, da nova geração, só poderão criar um mundo totalmente diferente se forem educados para serem livres e não forem forçados a fazer algo de que não gostem ou que não compreendam. Por isso, é muito importante, enquanto são jovens, serem *verdadeiros* revolucionários — o que significa não aceitar qualquer coisa, mas inquirir sobre todas as coisas a fim de descobrir a verdade. Só então poderão criar um mundo novo. Caso contrário, ainda que os chamem por um nome diferente, vocês estarão perpetuando o mesmo velho mundo de miséria e destruição que sempre existiu até agora.

Mas, geralmente, o que é que nos acontece quando somos jovens? As moças se casam, têm filhos, e aos poucos desaparecem. Os rapazes, quando crescem, têm que ganhar a vida, então arranjam empregos e exige-se-lhes que se conformem, que sigam uma profissão, quer gostem quer não; tendo-se casado e tendo filhos, são arrastados pela vida afora por suas responsabilidades e devem, portanto, fazer aquilo que lhes dizem que façam. Nessas condições, o espírito de revolta, o espírito de inquirição, o espírito da busca interior chega a seu fim; todas as suas idéias revolucionárias de criar um novo mundo são esmagadas, porque a vida é demais para eles. Eles precisam ir para o escritório, têm lá um chefe para o qual precisam fazer isto ou aquilo e, aos poucos, o senso de inquirir, o sentimento de revolta, a ânsia de criar um modo de viver completamente diferente de tudo, é destruída por completo. Por isso, é muito importante ter esse espírito de revolta desde o princípio da vida.

Vejam, a religião, a coisa real, significa uma revolta para encontrar a Deus, ou seja, significa descobrirmos por nós mesmos o que é a verdade. Não é a mera aceitação dos chamados livros sagrados, por mais antigos e venerados que eles sejam.

Pergunta: *Em seu livro sobre educação, o senhor sugere que a educação moderna é um fracasso completo. Gostaria que explicasse isso.*

Krishnamurti: Não será um fracasso, meu senhor? Quando você sai à rua vê o pobre e o rico; e quando olha em torno de si, vê todo o pessoal considerado educado por todo o mundo a contender, a lutar, matando-se uns aos outros nas guerras. Há agora conhecimento científico suficiente para nos permitir prover alimento, roupas e abrigo para todos os seres humanos e, no entanto, isto não é feito. Os políticos e outros líderes, em todo o mundo, são pessoas educadas, eles têm títulos, diplomas, barretes e togas, são doutores e cientistas; e, todavia, não criaram um mundo em que o homem possa ser feliz. Nessas condições, a educação moderna fracassou, não é mesmo? E se vocês se contentarem em ser educados à mesma velha maneira, farão outra confusão igualmente gritante da vida.

Pergunta: *Posso saber por que não devemos nos ajustar aos planos de nossos pais, já que eles sempre desejam o nosso bem?*

Krishnamurti: Por que se ajustaria você aos planos de seus pais, por mais dignos e nobres que tais planos sejam? Você não é argila nem geléia para se ajustar a um molde. E se realmente se ajustar, que é que lhe acontece? Você se torna o que se chama uma boa menina ou um bom menino, e daí? Sabem o que quer dizer ser bom? Não é simplesmente fazer o que a sociedade manda ou o que determinam os pais. Ser bom é algo inteiramente diferente, não é mesmo? Só se pode ser bom quando se é inteligente, quando se tem amor, quando não se tem medo. Você não pode ser bom se tiver medo. Pode tornar-se respeitável por fazer o que manda a sociedade — e então a sociedade lhe dará uma grinalda e dirá quão boa pessoa você é; mas ser meramente respeitável não é ser bom.

Vejam, quando somos jovens não queremos nos ajustar, e ao mesmo tempo queremos ser bons. Queremos ser bondosos, delicados, ter consideração e fazer coisas generosas; mas não sabemos o que isto tudo significa, e somos "bons" porque temos medo. Nossos pais dizem: "Sejam bons", e a maioria de nós o faz, mas essa "bondade" equivale simplesmente a viver de acordo com o plano deles a nosso respeito.

Pergunta: *O senhor diz que a moderna educação é um fracasso. Mas se os políticos não tivessem sido educados, o senhor acha que eles poderiam ter criado um mundo melhor?*

Krishnamurti: Não estou bem certo de que não poderiam ter criado um mundo melhor se nunca tivessem recebido este tipo de educação. O que quer dizer governar o povo? Afinal de contas, é isso que se supõe que os políticos façam – governar o povo. Mas eles são ambiciosos, querem poder, posição, querem ser respeitados, querem ser líderes, ter o primeiro lugar; não estão pensando no povo, estão pensando em si mesmos ou em seus partidos, os quais são uma extensão deles próprios. Os seres humanos são seres humanos, vivam eles na Índia, na Alemanha, na Rússia, nos Estados Unidos ou na China; mas, veja bem, ao dividir os seres humanos de acordo com os países, mais políticos podem ter grandes cargos, por isso eles não estão interessados em pensar no mundo como um todo. Eles são "educados", eles sabem ler, argumentar, e falam infindavelmente a respeito de ser-se bom cidadão – mas eles é que devem ter os primeiros lugares. Dividir o mundo e criar guerras – é a isso que chamamos educação? Os políticos não são os únicos a fazer isso; todos nós o fazemos. Algumas pessoas desejam a guerra porque ela lhes dá lucro. Portanto, não é só o político que precisa ter o tipo certo de educação.

Pergunta: *Então, qual é a sua idéia do tipo certo de educação?*

Krishnamurti: É o que acabo de dizer. Veja, vou mostrar-lhe de novo. Afinal, uma pessoa religiosa não é a que adora um deus, uma imagem feita pela mão ou pela mente humana, mas a que está realmente buscando a verdade, buscando a Deus; e tal pessoa é realmente educada. Pode não ir à escola, pode não ter livros, pode até não saber ler; mas está se libertando do medo, do egoísmo, do egocentrismo, da ambição. Por conseguinte, a educação não é meramente um processo de aprender a ler, a calcular, a construir pontes, a realizar pesquisas científicas para encontrar novos meios de utilizar a energia atômica e o resto. A função da educação é, antes de mais nada, ajudar o homem a libertar-se de sua própria mesquinhez e de suas ambições estúpidas. Toda ambição é estúpida, mesquinha – não há nenhuma ambição

grandiosa. E a educação também implica ajudar o estudante a crescer com liberdade e sem medo, não é mesmo?

Pergunta: *Como se poderá educar assim todos os homens?*

Krishnamurti: Não quer *você* ser educado assim?

Pergunta: *Mas, como?*

Krishnamurti: Primeiro, você quer ser educado assim? Não pergunte como, mas tenha o sentimento de que deseja ser educado desse modo. Se tiver intensamente esse sentimento, quando crescer você ajudará a suscitá-lo nos outros, não é? Veja: se estiver muito ansioso por praticar determinado jogo, logo encontrará outras pessoas que o pratiquem com você. Da mesma forma, se estiver ávido por ser educado do modo que estivemos discutindo, você ajudará a criar uma escola com o tipo certo de professores que proporcionem esse tipo de educação. Mas a maioria não quer realmente esse tipo de educação e por isso pergunta: "Como ela pode ser criada?" Esperamos que alguma outra pessoa responda. Mas se todos vocês — todos os estudantes que me estão ouvindo e espero que também os professores — desejarem esse tipo de educação, vocês a exigirão e a criarão.

Peguem um exemplo simples. Vocês sabem o que é goma de mascar, não sabem? Se todos quiserem goma de mascar, o fabricante a produzirá, mas se não a quiserem o fabricante irá à ruína. Da mesma forma, em nível completamente diferente, se todos disserem: "Queremos o tipo certo de educação, e não esta educação postiça que só leva ao crime organizado" — se disserem isto com sinceridade, vocês criarão o tipo certo de educação. Mas, vejam, vocês ainda são muito jovens, têm muito medo, e por isso é que é importante ajudá-los a criar essa coisa.

Pergunta: *Se eu quiser o tipo certo de educação, precisarei de professores?*

Krishnamurti: Claro que sim. Você precisa de professores para ajudá-lo. Mas o que vem a ser ajudar? Você não está só no mundo, está? Há seus

colegas, seus pais, seus professores, o carteiro, o leiteiro – todos são necessários, todos nos ajudamos uns aos outros a viver neste mundo. Mas se você disser: "O professor é sagrado, ele está num nível e eu em outro", então esse tipo de ajuda não representará ajuda nenhuma. O professor só é útil enquanto não usar o ensino para alimentar sua própria vaidade ou como um meio de obter segurança. Se ele estiver ensinando, não por ser incapaz de fazer alguma outra coisa, mas porque realmente goste de ensinar, então ajudará os alunos a crescer sem medo. Isto quer dizer nada de exames, de notas, de letras. Para criar o tipo certo de educação, vocês precisam de professores assim, que os ajudem a criá-la; portanto, é importante que também os próprios professores sejam corretamente educados.

Pergunta: *Se todas as ambições são estúpidas, então como pode o homem progredir?*

Krishnamurti: Sabe você o que é progresso? Ora, tenhamos um pouco de paciência e examinemos isso devagar. O que é o progresso? Já refletiu sobre isto? É progresso você poder chegar à Europa em algumas horas, por via aérea, em lugar de levar duas semanas para chegar lá de navio? A invenção de meios de transporte e de comunicação mais rápidos, o desenvolvimento de maiores metralhadoras, maiores e melhores meios de nos destruirmos uns aos outros, de eliminar milhares de pessoas com uma única bomba atômica, em lugar de alvejá-las uma a uma com flechas – a isso chamamos progresso, não é verdade? Desse modo, há o progresso no sentido tecnológico; mas teremos progredido em alguma outra direção? Acabamos com as guerras? As pessoas estão mais bondosas, mais afetuosas, mais generosas, mais atenciosas, menos cruéis? Vocês não precisam responder a isso, basta olharem os fatos. No campo da ciência e da física fizemos tremendos progressos; mas interiormente estamos estagnados, não é mesmo? Para a maioria de nós a educação tem sido como o esticar de uma só perna de um tripé, de modo que nos falta o equilíbrio; e, todavia, falamos de progresso, todos os jornais estão sempre cheios disso!

Pergunta: *Tenho uma amiga que odeia os próprios pais porque eles a separaram de uma pessoa que ela ama. Como posso ajudá-la?*

Krishnamurti: Essa é uma questão bem complicada, não? Você sabe que a vida não é fácil, algumas partes dela são muito cruéis. Existem pais que não refletem, que não se preocupam nem um pouco com os filhos; ou se o fazem, querem que estes lhes obedeçam, imitem, façam tudo exatamente como eles querem. Desse modo, aos poucos, os filhos desenvolvem uma resistência, não é mesmo? Se por acaso o pai é inteligente, e se a mãe é estupidamente insistente quando o pai não está, ou vice-versa, os filhos criam resistência, antagonismo a um ou outro dos pais. Talvez você possa ajudar sua amiga sendo um pouco mais compreensiva, mais afetuosa, e explicando bondosamente algumas das coisas que temos discutido e que você compreende por si mesmo.

Veja, no momento em que você tem uma antipatia, no momento em que odeia alguém, isso o prejudica muito mais do que à pessoa de que você não gosta, porque esse sentimento é como uma ferida que está supurando em seu interior; mas é muito difícil às crianças, às pessoas muito jovens compreenderem isto. Afinal, as crianças são levadas, são traquinas – como devem ser; e se os pais as forçam a enquadrar-se num molde ou padrão, isso cria nelas uma tremenda resistência, um cego antagonismo que lançarão sobre alguém quando crescerem. Se você já começou a compreender isso, pode falar a tal respeito com sua amiga e talvez ajudá-la a não armazenar em si esse ódio, esse antagonismo.

Pergunta: *Qual é a definição de estudante?*

Krishnamurti: É fácil encontrar uma definição. Tudo o que se tem de fazer é abrir um dicionário no lugar certo e ele lhe dará a resposta. Mas esse não é o tipo de definição que você quer, não é? Você quer falar a esse respeito, você quer descobrir o que vem a ser um verdadeiro estudante. É um verdadeiro estudante aquele que passa nos exames, obtém um emprego e depois fecha todos os livros? Ser um estudante implica estudar a vida, não apenas ler os poucos livros exigidos pelo currículo; implica a capacidade de observar tudo através da vida, e não apenas algumas poucas coisas num período particular. Um estudante, certamente, não é apenas aquele que lê, mas aquele que é capaz

de observar todos os movimentos da vida, exterior e interiormente, sem dizer: "Isto está certo, isto está errado." Se condena alguma coisa, você não a observa, não é mesmo? Para observar, você precisa estudar sem condenar, sem comparar. Se eu o comparar com outra pessoa, não o estou estudando, estou? Se eu o comparar com seu irmão menor ou com sua irmã maior, será a irmã ou o irmão que será importante; portanto, não estou estudando você.

Mas nossa educação está inteiramente voltada para a comparação. Você está interminavelmente se comparando ou comparando alguém com outrem — com seu guru, com seu ideal, com seu pai que é tão esperto, com um grande político, e assim por diante. Esse processo de comparação e condenação impede que você observe, que estude. Assim sendo, um verdadeiro estudante é aquele que observa tudo na vida, externa e também internamente, sem comparar, sem aprovar, sem condenar. Ele não só é capaz de pesquisar matérias científicas, mas é também capaz de observar as operações de sua própria mente, seus próprios sentimentos — o que é muitíssimo mais difícil do que observar um fato científico. Entender todo o processo de nossa própria mente requer boa soma de introvisão, grande dose de pesquisa sem condenação.

Pergunta: *O senhor diz que todo idealista é um hipócrita. A quem chama de idealista?*

Krishnamurti: Você não sabe? Se eu sou violento, posso dizer que meu ideal é chegar a ser não-violento; mas permanece o fato de que sou violento. O ideal é aquilo em que desejo me tornar ulteriormente. Levarei anos para tornar-me não-violento e, enquanto isso, vou sendo violento — esta é a realidade. Sendo violento, estou continuamente procurando ser não-violento, o que é a *irrealidade;* e não será isso hipocrisia? Em vez de compreender e dissolver minha violência, estou procurando ser alguma outra coisa. O indivíduo que está buscando ser outra coisa diferente daquilo que ele é, esse é, obviamente, um hipócrita. É como se eu pusesse uma máscara e dissesse que sou diferente, mas por trás da máscara continuo sendo o mesmíssimo velho homem. Por outro lado, se eu puder mergulhar em todo o processo da violência e compreendê-lo, então ser-me-á possível libertar-me da violência.

III

Quando se é jovem tem-se a curiosidade de saber tudo – por que o Sol brilha, o que são as estrelas, tudo a respeito da Lua e do mundo que nos cerca; mas, quando crescemos, o conhecimento se torna uma mera coleção de informações sem qualquer sentimento. Tornamo-nos especialistas, conhecemos muito sobre este ou aquele assunto, e tomamos muito pouco interesse nas coisas que estão em torno de nós, no mendigo da rua, do ricaço que passa por nós em seu carro. Se quisermos saber por que há riqueza e pobreza no mundo, poderemos encontrar uma explicação. Há explicação para tudo na vida, e as explicações parecem satisfazer a maioria. O mesmo ocorre com a religião. Ficamos satisfeitos com as explicações; e a esse explicar tudo, chamamos conhecimento. E será isso o que entendemos por educação? Estaremos aprendendo a descobrir, ou estamos meramente pedindo explicações, definições, conclusões, para fazer nossas mentes descansar e não precisarmos inquirir mais?

Os mais velhos podem ter explicado tudo para nós, mas, por isso mesmo, o nosso interesse geralmente se tornou amortecido. Quando crescemos, a vida se torna mais complexa e muito difícil. Há tantas coisas para saber, há tanta miséria e sofrimento; e, vendo toda essa complexidade, acreditamos que a temos resolvido já completamente por efeito de anexar-lhe uma explicação qualquer. Alguém morre, e isto se explica; assim, o sofrimento é amortalhado em explicações. Quiçá nos revoltemos contra a idéia de guerra quando somos jovens, pois, quando crescemos, aceitamos a explicação da guerra, e nossas mentes ficam entorpecidas.

Quando somos jovens, o que importa não é contentarmo-nos com explicações mas, sim, descobrir como sermos inteligentes e, desse modo, descobrir a verdade das coisas; e não podemos ser inteligentes se não formos livres. Dizem que a liberdade só vem quando somos velhos e sábios, mas certamente é preciso haver liberdade enquanto ainda somos bem jovens – não liberdade para fazer o que bem quisermos, mas para entendermos em profundidade nossos próprios instintos e impulsos. É preciso haver liberdade sem medo; mas ninguém pode libertar-se do medo através de uma explicação. Temos consciên-

Portanto, não é ambição fazer algo porque se gosta realmente de fazê-lo.

Pergunta: *Quando alguém deseja encontrar a verdade e a paz torna-se um* sannyasi. *Então um* sannyasi *tem simplicidade, não tem?*

Krishnamurti: Conhecemos a simplicidade quando desejamos paz? Acaso somos simples porque nos tornamos um *sannyasi* ou um *sadhu?* Sem dúvida, a paz é algo que não provém da mente. Se eu quero paz e tento tirar da mente todo pensamento de violência, isso porventura me trará paz? Ou, se tenho muitos desejos e digo que não devo ter desejos, ficarei em paz? No momento em que passa a querer algo, você entra em conflito, em luta, e o que produz a simplicidade é a sua própria compreensão do processo todo do desejar.

Pergunta: *Se somos educados da maneira certa, ficamos livres do medo; e se somos educados da maneira errada, temos medo. É isso o que o senhor quer dizer?*

Krishnamurti: É uma verdade óbvia, não é mesmo? E não estamos, todos nós, com medo de uma ou de outra coisa? Todo mundo tem medo de alguma coisa – da opinião pública, da morte, de pegar doenças. Esse é um fato óbvio.

Pergunta: *Se, como o senhor diz, todo mundo tem medo, então não há ninguém que seja santo ou herói. Então quer dizer que não há grandes homens neste mundo?*

Krishnamurti: Isso é mero raciocínio lógico, não é mesmo? Por que haveríamos de nos preocupar com grandes homens, santos ou heróis? O que importa é o que *vocês* são. Se tiverem medo, vão criar um mundo horrível. Essa é que é a questão, e não o fato de existirem ou não grandes homens.

Pergunta: *O senhor disse que a explicação é uma coisa ruim. Nós viemos aqui em busca de explicações. Isso é mau?*

Krishnamurti: Eu não disse que as explicações são uma coisa má; disse que não se contentassem com elas.

Pergunta: *Qual é a sua idéia acerca do futuro da Índia?*

Krishnamurti: Não tenho nenhuma; nenhuma mesmo. Não creio que a Índia como Índia importe muito. O que importa é o mundo. Quer vivamos na China ou no Japão, na Inglaterra, na Índia ou nos Estados Unidos, todos dizemos: "Minha pátria importa muito", e ninguém pensa no mundo como um todo; os livros de história estão repletos da constante repetição de guerras. Se pudermos começar a entender-nos como seres humanos, então talvez possamos parar de nos matar uns aos outros e acabemos com as guerras; mas enquanto formos nacionalistas e pensarmos apenas em nossa pátria, continuaremos a criar um mundo terrível. Se, por uma vez, virmos que esta é a *nossa* terra, onde *todos* podemos viver felizes e em paz, então poderemos juntos construir um novo mundo; mas se continuarmos a pensar em nós como sendo indianos, alemães ou russos, e considerar todos os demais como estrangeiros, não haverá paz e nenhum mundo novo poderá ser criado.

Pergunta: *O senhor diz que neste mundo há pouca gente grande. Então o que o senhor é?*

Krishnamurti: Não importa o que eu sou. O que importa é descobrir o erro do que está sendo dito. Se você acha que tal coisa é importante porque Fulano de Tal a está dizendo, então você não está realmente ouvindo, você não está procurando descobrir por si mesmo o que é verdadeiro e o que é falso.

Mas, vejam, a maioria tem medo de descobrir por si mesma o que é verdadeiro e o que é falso, e é por isso que meramente aceita o que alguma outra pessoa diz. O importante é questionar, observar, nunca aceitar. Infelizmente, a maioria só dá ouvidos aos que considera pessoas importantes, às autoridades estabelecidas, aos *Upanishads*, ao *Gîtâ*, ou que nome tenham. Nunca ouvimos os pássaros, o rumor do mar ou o pedinte. Então escapa-nos o que o pedinte está dizendo — e pode haver verdade no que ele está dizendo e nenhuma verdade no que diz o rico ou o homem de autoridade.

Pergunta: *Nós lemos livros por curiosidade. Quando o senhor era jovem também não era curioso?*

Krishnamurti: Você acha que apenas por ler livros encontrará por si mesmo a verdade? Pode-se descobrir alguma coisa repetindo o que outros disseram? Ou só se descobre pesquisando, duvidando, nunca aceitando? Muitos de nós lêem uma porção de livros sobre filosofia, e essa leitura nos molda a mente – o que nos torna difícil depois descobrir por nós mesmos o que é a verdade e o que é o erro. Quando a mente já está moldada, conformada, ela só pode descobrir a verdade a muito custo.

Pergunta: *Não devemos nos preocupar com o futuro?*

Krishnamurti: Que entende por futuro? Vinte ou cinqüenta anos a contar de agora – é isto o que entende por futuro? O futuro que está afastado de nós por muitos anos é muito incerto, não é? Você não sabe o que vai acontecer, então qual é a vantagem de se preocupar com o futuro? Pode haver uma guerra, uma epidemia; tudo pode acontecer, o futuro é incerto, é incógnito. O que importa é como se está vivendo agora, o que se está pensando e sentindo agora. O presente, que é hoje, importa muitíssimo, não o amanhã ou o que irá acontecer daqui a vinte anos; e a compreensão do presente exige uma boa dose de inteligência.

Pergunta: *Quando somos crianças somos muito brincalhões, e nem sempre sabemos o que nos convém. Se um pai aconselha o filho para o próprio bem deste último, não deverá o filho atender ao conselho paterno?*

Krishnamurti: O que é que *você* acha? Se eu sou pai, devo primeiro descobrir o que meu filho realmente deseja fazer na vida, não devo? Será que os pais conhecem o bastante acerca dos próprios filhos para dar-lhes conselhos? Será que os pais estudaram os filhos? Como pode um pai que tem pouco tempo para observar os filhos oferecer-lhes conselhos? Soa bem dizer que os pais devem guiar os filhos; mas se não conhecem os próprios filhos, o que fazer? Uma criança tem lá as suas próprias propensões e capacidades que precisam ser estudadas,

não só por algum tempo ou em determinado lugar, mas durante todo o período de sua infância.

Pergunta: *O senhor já disse que o idealista é um hipócrita. Se quisermos construir um edifício, precisamos primeiro ter uma idéia dele. Da mesma forma, não precisaremos primeiro ter um ideal antes de podermos criar um novo mundo?*

Krishnamurti: Ter uma idéia de um edifício que você deseja construir não é a mesma coisa que ser idealista acerca de determinada coisa. São, por certo, coisas diferentes.

Pergunta: *Ao objetivar o bem-estar de nosso país, não estamos indiretamente objetivando o bem-estar da humanidade em geral? Estará ao alcance do homem comum objetivar diretamente o bem-estar da humanidade?*

Krishnamurti: Quando se busca o bem-estar de um país a expensas de outros países, isto leva à exploração e ao imperialismo. Enquanto pensarmos exclusivamente em nosso próprio país, estaremos fadados a criar conflitos e guerras.

Quando você pergunta se está ao alcance do homem comum objetivar diretamente o bem-estar da humanidade, o que quer dizer com homem comum? Não seremos eu e você esse tal homem comum? Somos acaso diferentes do homem comum? Que haverá de tão incomum em nós? Todos somos seres humanos ordinários, não somos? Só porque possuímos roupas limpas, usamos sapatos ou temos carro, acha que somos diferentes de outros que não têm essas coisas? Todos somos comuns — e se realmente compreendermos isso poderemos empreender uma revolução. Uma das falhas de nossa atual educação é fazer-nos sentir tão exclusivos, tão em cima de um pedestal e acima do chamado homem comum.

IV

Creio ser coisa muito rara alguém, depois de deixar a escola, encontrar felicidade na parte final da vida. Quando saírem daqui, vocês enfrentarão problemas extraordinários: o problema das guerras, o problema dos relacionamentos interpessoais, o problema dos cidadãos, o problema da religião e o conflito constante com a sociedade; e parece-me que seria falsa a educação que não os preparasse para enfrentar esses problemas e para criar um mundo real e mais feliz. Certamente, é função da educação, especialmente numa escola em que vocês têm a oportunidade de exercitar a expressão criativa, ajudar os estudantes a não serem colhidos por aquelas influências sociais e ambientais que lhes estreitam a mente e que, desse modo, lhes limitam a visão e a felicidade; e parece-me que os que estão para entrar na faculdade devem conhecer por si mesmos os muitos problemas que nos confrontam a todos. É muito importante, especialmente no mundo que vocês terão de enfrentar, possuir uma inteligência extraordinariamente clara; e essa inteligência não é produzida por nenhuma influência exterior nem por meio de livros. Ela aparece, segundo creio, quando se tem consciência desses problemas e se é capaz de enfrentá-los, não em algum sentido pessoal ou limitado, não como americano ou hindu ou comunista, mas como ser humano capaz de arcar com a responsabilidade de ver o verdadeiro valor das coisas tais como elas são, e não interpretá-las de acordo com alguma ideologia particular ou segundo algum modelo de pensamento.

Não será importante que a educação nos prepare, a cada um de nós, para compreender e enfrentar nossos problemas humanos, em vez de se limitar a nos proporcionar conhecimento ou adestramento tecnológico? Porque, vejam bem, a vida não é tão fácil assim. Vocês podem ter-se divertido bastante até aqui, podem ter exercido sua criatividade, ter-se aperfeiçoado; mas, quando deixarem a escola, começarão a acontecer coisas e elas os encerrarão; vocês serão limitados, não só pelos relacionamentos pessoais, mas também pelas influências sociais, por seus próprios temores e pela inevitável ambição de serem bem-sucedidos.

Considero uma maldição, o ser ambicioso. A ambição é uma forma de interesse egoísta, de encerramento em si próprio e, portanto,

ela gera mediocridade de espírito. Viver num mundo que está cheio de ambição sem ser ambicioso significa, na verdade, amar alguma coisa por si mesma sem buscar nenhuma recompensa, nenhum resultado; e isso é muito difícil, porque o mundo inteiro, todos os seus amigos e amigas, seus parentes, todos estão lutando para alcançar sucesso, para realizar-se, para tornar-se alguém. Mas, compreender e ficar livre de tudo isso e fazer alguma coisa que realmente goste de fazer – não importa o que seja ou quão humilde ou irreconhecida for – *isso*, segundo creio, acorda o espírito de grandeza que nunca busca aprovação ou recompensa, que faz as coisas por amor das próprias coisas e, portanto, tem o vigor e a capacidade de não se deixar colher pela influência da mediocridade.

Penso ser muito importante que vocês vejam isto enquanto são jovens; porque as revistas, os jornais, a televisão e o rádio constantemente enfatizam o culto do sucesso, encorajando, desse modo, a ambição e a competitividade, que produzem a mediocridade mental. Quando você é ambicioso está apenas se ajustando a um dado modelo da sociedade, seja na América, na Rússia ou na Índia e, portanto, está vivendo em nível muito superficial.

Quando saem do colegial e entram para a faculdade, e depois enfrentam o mundo, parece-me que o importante é não sucumbir, é não se curvar às várias influências, mas enfrentá-las e compreendê-las tais quais são e compreender-lhes a verdadeira significação e valor, com um espírito delicado e dotado de grande força interior, que não crie mais discórdias no mundo.

Portanto, penso que uma verdadeira escola através de seus estudantes deveria constituir-se numa bênção para o mundo. Pois o mundo necessita de uma bênção, ele está num estado terrível; e essa bênção só poderá vir quando nós, como indivíduos, não estivermos buscando poder, quando não estivermos procurando satisfazer nossas ambições pessoais, mas tivermos um claro entendimento dos vastos problemas com que nos defrontamos. Isso requer grande inteligência, isto é, uma mente que não pense de acordo com nenhum modelo específico, mas que seja livre em si mesma e, portanto, capaz de distinguir a verdade e recusar o falso.

O VERDADEIRO OBJETIVO DA VIDA

J. Krishnamurti

Durante grande parte de sua vida, Krishnamurti viajou muito e, em todos os lugares por onde andou, centenas de homens e mulheres tiveram a oportunidade de conversar com ele, quer particularmente, quer durante as palestras que ele era chamado a realizar. Essas pessoas apresentaram-lhe suas dúvidas, revelaram-lhe seus ideais e, da forma mais espontânea e livre, discutiram com ele os grandes problemas inerentes à existência humana.

Nessas conversas, que núnca se limitaram a meras investigações filosóficas ou a uma simples busca intelectual de respostas e soluções, foram feitas descobertas valiosas e analisados temas que, por mais que sejam discutidos, sempre voltam à mente do homem por constituírem a base de todas as suas crenças e, contraditoriamente, a causa de todas as suas hesitações.

O verdadeiro objetivo da vida é o registro fiel de várias dessas palestras, tanto mais vivo pelo fato de não transcrever apenas as idéias de Krishnamurti, mas também a reação do auditório à análise das diversas questões propostas à sua consideração.

EDITORA CULTRIX